

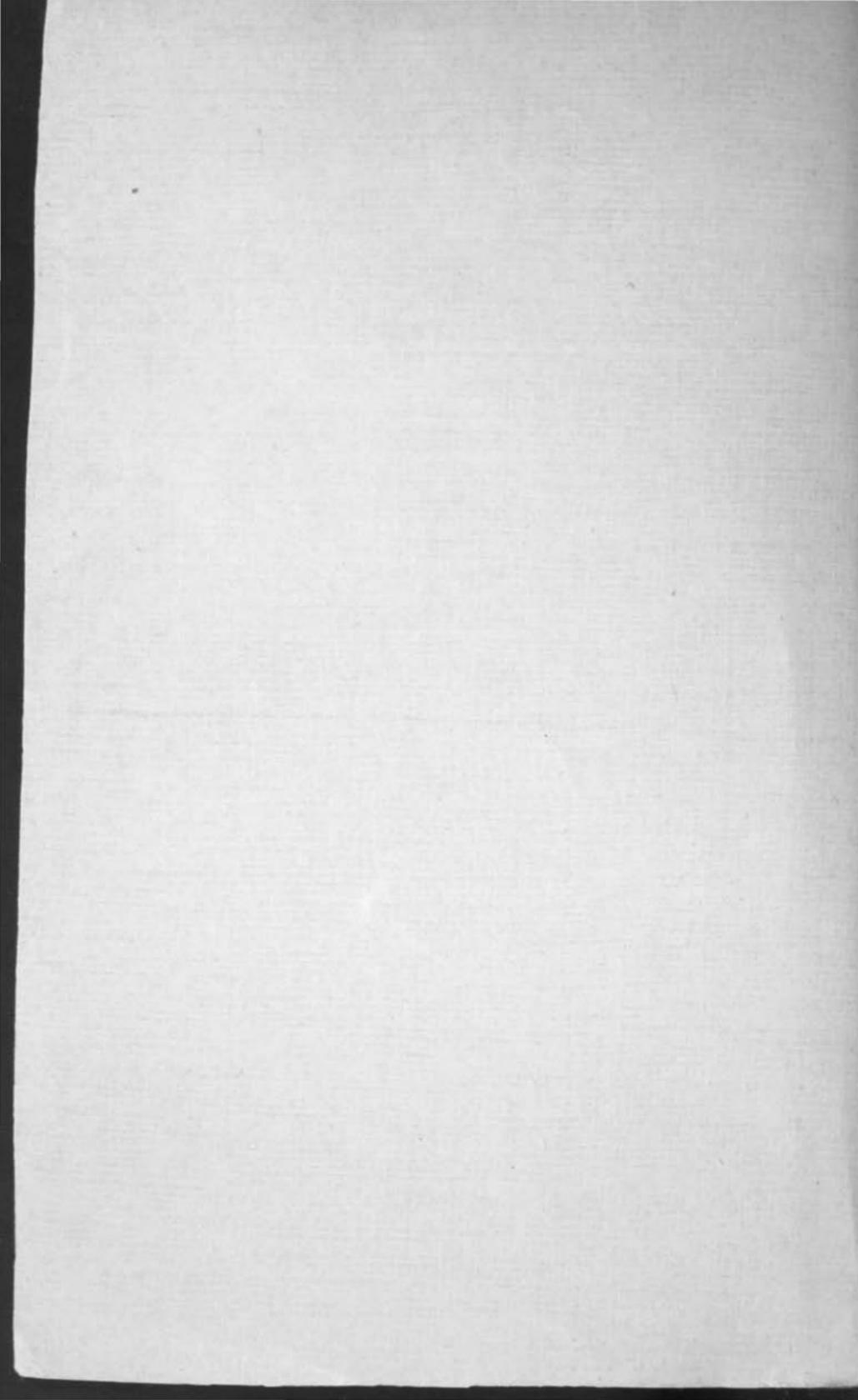
Teófilo Braga  
e  
Inocêncio Francisco da Silva

Correspondência trocada  
entre o historiador e o  
bibliógrafo da literatura  
portuguesa \* \* \* \* \*  
anotada por Alvaro Nêves  
\* \* \* NOTÍCIA PRELIMINAR  
do prof. A. do Prado Coelho



IMPRESA DA UNIVERSIDADE  
COIMBRA, 1928

Sala  
Gab.  
Est.  
Tab.  
N.º



TEÓFILO BRAGA

E

INOCÊNCIO FRANCISCO DA SILVA



Teófilo Braga  
e  
Inocência Francisco da Silva

Correspondência trocada  
entre o historiador e o  
bibliógrafo da literatura  
portuguesa \* \* \* \* \*  
anotada por Alvaro Nêves  
\* \* \* NOTÍCIA PRELIMINAR  
do prof. A. do Prado Coelho



IMPRESA DA UNIVERSIDADE  
COIMBRA, 1928

Desta edição  
fez-se uma tiragem de 50 exemplares  
numerados e rubricados.





Theophilus Bragaf

## NOTÍCIA PRELIMINAR

**T**Eófilo Braga rendeu sempre admiração à architectura maciça da obra e vida de Balzac, verdadeira escola para homens de acção.

Nessa obra e nessa vida está implícita a lição de que a grandeza do homem é construção, em parte, sua e edificada à fôrça de vontade. Teófilo Braga aproveitou essa lição, aprendeu com o exemplo dêsse extraordinário professor de energia.

Porque ao mecanismo intelectual do grande romancista se não pudesse ajustar o seu, o discípulo não adoptou o figurino das ideas do mestre; escolheu outro e, quando descobriu Comte, — adaptando-o mais a si mesmo, do que adaptando-se a êle —, o itinerário da sua vida e obra, a direcção que uma e outra haviam de tomar, definiram-se de vez.

Que Teófilo Braga dispunha de qualidades raras para a luta, percebeu-o, entre outros, logo ao despontar do talento para as lides literárias, o observador perspicaz e experimentado que foi Inocência. Tão profunda e viva impressão lhe produziu a actividade mental efervescente, assombrosa do juvenil escritor que chegou, não raro, a ter para com êle carinhos de pai, como quando, com alvoroço, o avisava dos perigos a que se expunha, cultivando as letras com um tal ardor febril que poderia comprometer sem remédio a própria vida cerebral, e lhe lembrava os exemplos de Pascal, Spinoza, Pico de la Mirandola e Lopes de Mendonça que se finaram relativamente cedo os três primeiros e louco o último.

Um certo orgulho, que não escondia, de se ter armado por si para as batalhas da vida não cegava Teófilo Braga sobre a natureza humana. De que barro somos feitos êle bem o sabia, como todo o condutor de homens. Todavia, posto que lhe não repugnasse crer que, em verdade, pouco ou nada valemos quasi todos, o seu conceito pratico da vida, como meio de acção social, não se compati-

bilizava com a atitude do vencido. A cada um impende o dever de se valorizar até o extremo, nos diversos aspectos da personalidade. O individualismo adquire dêste modo uma feição caracterizadamente moral que permite sustentar-se em princípio; absolutamente divergente é o critério individualista preponderante hoje, cuja lei não é o cultivo e desenvolvimento de méritos para servir os outros, mas o desprezo de tôda a seriedade que obste à exploração do próximo.

Não foi por comodidade, por negligência de estudioso que se emparedou no agnosticismo positivista; fê-lo em obediência ao critério, que melhor lhe pareceu, de higiene espiritual. Julgando que a contemplação religiosa é um factor de insânia mental, não hesitava em atingir, com o seu negativismo — a atitude de indiferença do agnóstico era insuficiente para êle, deixava-o insatisfeito —, o próprio consagrado direito fundamental do espírito à liberdade; assim, um tal excesso de prudência, originando uma reserva, um condicionalismo, bem distinto dos pruridos habituais no livre-pensador vulgar, mas igualmente

constrangedor, opressivo, precipitou-o em imprudência ainda maior.

Tendo notado os fundamentos católicos mais ou menos dissimulados da doutrina comtista e da kantista, afastou-se dos dois pensadores, em tudo quanto neles pode conduzir ao misticismo ou sequer ministrar-lhe foros de legitimidade.

O culto do fundador do positivismo a Clotilde de Vaux classificá-lo-ia de revoltante decadentismo; e arriscava-se a atribuir ao Pascal de Port-Royal a alucinação da demência, filiando-a arbitrariamente no problemático acidente da ponte de Neuilly.

Os vendavais das tempestades da vida, que arremessam muitos para a fé, nele arruïnaram, devastaram as tendências religiosas. O infeliz tem de fazer esforços particularmente poderosos para aceitar uma providência que o vitima, como bemfazeja. Para essa espécie de energia que pode ser heróica, não sentia nenhuma vocação Teófilo Braga. Confinando-nos no nosso egoísmo ofendido, tornamo-nos incapazes de tóda a crença que não seja exclusivamente em nós próprios. Como a ma-

drasta, apesar das suas orações, não se cansava de o tratar duramente e nada acudia a opor-se afinal a isso, deixou, já em menino, de rezar a Deus.

Esta atitude tenaz de rebeldia explica a orientação intelectual e moral que veio a ser adoptada pelo homem. A intelligência, a razão senhoreou-as facilmente, subordinando-as a um sistema de ideas que pode ao menos prestar o serviço de um colete de fôrças; mas a sensibilidade, essa, não foi tão accessível ao domínio e chegava, uma vez por outra, a fazer cair o filósofo prático negativista em perfeita credence, em pura superstição, levando-o a pensar como um fatalista à maneira oriental e obrigando-o a desmentir, ainda que de passagem, a sua cultura esclarecida e cheia de criticismo de latino.

A simpatia pelos perseguidos é uma das mais importantes manifestações da sua sensibilidade. Amou Camões, Garrett, tantos outros, principalmente por isso. Quem infelicitava um homem de valor não merecia, no seu entender, desculpas, ou mesmo qualquer sombra de benevolência. Na guerra a Herculano,

que perseguira Garrett, como perseguiu Macedo, o Visconde de Santarém, Seromenho, para os inutilizar, era, por isso, implacável. Em Antero de Quental condenava também, com paixão, a sua ingratidão para com Castilho.

A consideração dos homens e das cousas era tôda interior, ao cabo da vida, assentava sobretudo em fundamentos morais; e um pouco da austeridade dêsses fundamentos recaía sôbre si mesmo, chegando a reprovar o próprio procedimento, por levianidade imperdoável, como no caso [dos seus ataques a Castilho, quando da questão de Coimbra.

Cultivava, cada vez mais, uma profunda vida interna. Uma das suas occupações predilectas, no final da vida, era reverter à infância e recordar o quadro da morte da mãe. Com ela vivia, como com os filhos e a espôsa. Todos os mortos, a que devesse qualquer cousa, vinham visitá-lo, povoavam-lhe o espírito, gratamente. Passava com freqüência em revista, pela memória sempre viva, as suas boas relações com Inocência; e doía-lhe inten-

samente o mal-entendido de que proviera a quebra definitiva dessas relações.

Inocência fôra seu conselheiro. Animara-o, dera-lhe o incentivo inestimável da sua adesão, entusiástica por vezes, aos projectos ousados de moço escritor. A correspondência, que ora se dá à estampa completamente, demonstra a comunhão, a unidade a que ascenderam êsses dois espíritos. Ela é um preciosíssimo repositório de elementos fundamentais para o estudo da vida e obra de Teófilo Braga. O que acusa de trabalho em tão juvenis anos é para causar surpresa. O cerebral fez-se muito cedo, estava já positivamente feito nessa época da vida em que, geralmente, mal se pensa ainda em iniciar carreira; e aparece-nos conciliando a já tão poderosa organização mental com uma vivacidade, uma alacridade de vida espiritual que será mais tarde, concentrada, o segrêdo do esforço magnífico do lutador, com a sua sempre inquebrantável «fé no trabalho». Compreende-se a rendida admiração de Inocência que se nivela com o seu correspondente, se é que se lhe não subalterniza até, por vezes.

Nessas cartas, que não raro se ressentem, sobretudo no aspecto formal, da rapidez com que devem ter sido escritas, está implícito, clara, evidentemente, todo o espírito do futuro grande publicista e, em embrião, senão já em pleno desabrochar, muitos dos melhores planos literários que há de acalentar tôda a sua vida e realizar em parte, ou, pelo menos, elementos importantes para a sua execução.

Está o poeta na posse do espírito filosófico que há de dominar na *Visão dos Tempos* e na *Alma Portuguesa*; e está o historiador, também rico de modos de concepção que hão de permitir ao construtor a abertura de avenidas novas. Na carta datada de 29 de Outubro de 1863, revela um programa espiritual a que subordinará a composição da *Visão dos Tempos*: «Pretendi mostrar as três manifestações mais distintas da poesia da humanidade: a poesia grega ou a forma, o objectivo, o visível; a poesia hebraica ou o absoluto, o invisível; e a poesia do cristianismo ou a passagem do visível para o invisível, a transformação do Homem-Deus.» E, mais extensamente, na datada de 10 de Janeiro de 1864: «O espí-

rito humano começa a sentir uma faculdade nova... É a generalização, o poder de criar sobre a abstracção, o sentimento de uma lei geral presidindo à harmonia da heterogeneidade dos factos... A generalização não é para todos... A generalização é o característico do grande homem... O homem é tão criador como Deus; se um cria o arquetipo do belo, o outro forma sobre êle o tipo; um dá o real objectivo, o outro o real subjectivo. Por certo que o absoluto não existiria, se se não comprehendessem as relações; e assim o belo, o real objectivo, o arquetipo nada valeria se não houvesse o ideal. Ainda sustento que o homem é criador como Deus, abstraíndo da necessidade entre as relações e o absoluto. O homem pode criar um tipo seu, independente do arquetipo, da obra de Deus: a Arquitectura. O ideal da linha é puramente humano.»

O que êstes conceitos normativos da acção intellectual encerram de audácia, repleta de prevenções, será, ao mesmo tempo, a fôrça e a fraqueza do artista e do pensador.

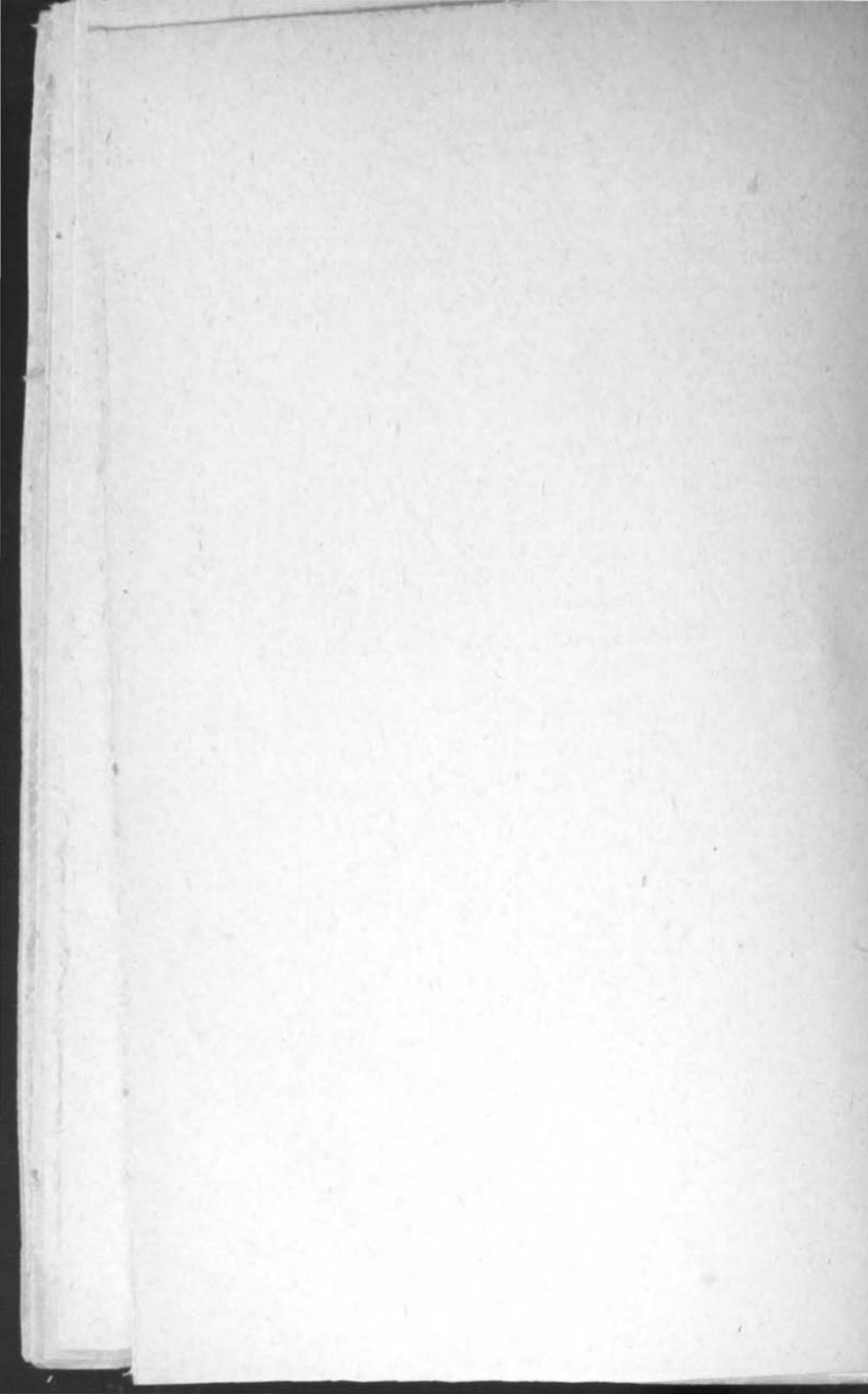
O trato entre Teófilo Braga e Inocência esfriou-se, um dia, parece que sem razão bas-

tante, a não ser a afanosa preocupação de labores excepcionalmente absorventes. Quis, porê, o destino de ambos que, quando o primeiro se apresentou a concurso à cadeira de história da literatura portuguesa no Curso Superior de Letras, viesse a defrontar-se com o segundo, que pertencia ao júri. Na argumentação com Inocêncio e porque lhe constasse de véspera que êste o chamaria a terreno sobre certa parte especialmente vulnerável da tese, Teófilo Braga teve uma qualquer vivacidade de expressão que foi interpretada pelo público como uma troça ao argüente. De aí, uma demonstração ruídososa da sala, que acabou por escandalizar Inocêncio e foi por êle atribuída ao juvenil candidato.

A verdade é que (assegurava Teófilo Braga, referindo-nos o caso) não a promoveu, nem sequer presentira que viesse a dar-se. Decorreram largos anos e uma pessoa da família de Inocêncio, já muito depois do seu trespasse, encontrou em Teófilo Braga um dedicado cooperador, num embaraço grave. E ufanava-se de poder ter sido prestável, desfazendo a má impressão que o passado houvesse dei-

xado nessa senhora. Recordando-se de todas estas circunstâncias, convencido de que o pudessem apontar como ingrato, sentia um ardente empenho em provar que o não fôra; e intentava publicar a Correspondência, devidamente comentada por notas subsidiárias à leitura, o que não pôde efectivar, porque sobreveio a morte. Esta página da biografia de Teófilo Braga, até agora inédita, derrama luz sôbre o seu carácter, é mais um testemunho documental da sua sensibilidade nativa que a rigidez das suas ideas, o rigorismo da sua disciplina mental nunca conseguiram destruir.

A. DO PRADO COELHO.



## NOTA BIBLIOGRÁFICA

**A** curiosa correspondência permutada entre o, então incipiente, historiador Teófilo Braga e o conspícuo bibliógrafo Inocêncio Francisco da Silva, ora integralmente dada à estampa, carece de elucidativa e preambular nota bibliográfica.

\*

Brindado pelo eminente açoreano, que me honrou com sua amizade — quiçá por nos irmarmos em infortúnio nos anos de meninice, termos sabido trepar na estrada da vida por diligência própria sem acotevelar ou prejudicar os outros caminheiros, e possuímos idêntica tendência para estudos de bio-bibliografia nacional; — obsequiado, dizia eu, com

o livro intitulado *Mocidade de Theophilo*(1), da autoria do lousanense Francisco Maria Supico, logo o percorri em ávida leitura, deparando com o seguinte parágrafo:

«É pena que a correspondência literária de Teófilo não fôsse encontrada entre os papéis de Inocência depois do seu falecimento; aí veríamos o seu interêsse pelos poetas da Arcádia Lusitana, ponto comum de simpatia sobre Garção que aproximaram os dois escritores.» (2)

Apressei-me a comunicar ao bio-bibliografado de Supico, que as suas cartas para Inocência estavam em meu poder (3). Pertenciam ao cartório do *Dicionário Bibliográfico*

---

(1) MOCIDADE DE THEOPHILO. *Subsidios bio-bibliographicos para o estudo da obra de Theophilo Braga, por Francisco Maria Supico.* Lisboa, Instituto Theophiliano, 1920.

(2) Cf. Supico, *ob. cit.*, pág. 116.

(3) «Muito posteriormente ao falecimento de Brito Aranha propus ao govêrno continuar o *Dicionário Bibliográfico Português*. De maneira gentilissima a ex.<sup>ma</sup> Viúva e filhos do meu amigo entregaram-me, por generosa oferta, parte valiosa dos papéis de Inocência e de Brito Aranha. Está em meu poder o cartório do *Dicionário Bibliográfico Português*.» Cf. *Arquivo Coimbrão*, director, J. Pinto Loureiro, Coimbra, 1923-1924, pág. 184 e *Dic. Bibl. Port.*, XXII, pág. 171.

*Português.* Recordo bem a franca alegria daquele ancião respeitável, a quem esta notícia muitíssimo o alegrou. Teófilo falou demorada e carinhosamente, com saudade, de Inocência. Assim expressava o seu reconhecimento por aquele escritor de nomeada, seu conselheiro na juventude literária. A-fim-de patentear essa gratidão combinou comigo dar publicidade à correspondência trocada entre ambos, na sua ordem cronológica. Era a prova irrefutável da nobresa de sentimentos possuídos por êsse homem tantas vezes apodado de «rancoroso». Teófilo pretendia desmentir aqueles que, para desforço, o invectivavam, por não atingirem a sua craveira moral, ou alguma vez terem sido aguilhoados pela sua imparcialidade crítica.

Sobreveio traiçoeiramente a morte.

De Teófilo Braga ficaram dois monumentos, os quais concebera e efectivara, com dedicação e intrínseco amor. Um grandioso — a *Historia da Universidade de Coimbra*. Outro gigantesco — a *História da Literatura Portuguesa*. Magistrais no conjunto, embora com imperfeições e erros em seus detalhes. Mas...

onde existe a obra artística ou literária impeçavelmente perfeita? Onde está êsse artista tão estranhamente genial que a burilou?

\*

Cônsiste o primacial merecimento destas epístolas teofilianas em documentarem o início das suas relações literárias —, aos dezasseis anos de idade, — com o primeiro dos escritores eminentes com quem privou. Escreveu as primeiras na micaelense terra natal. Depois, em viagem para Coimbra, visitou o Inocência, do *Dicionário*, morava êste na rua da Procissão. Teófilo descreveu, em epístola, a visita: — «Bati à grade do segundo andar. Eis que me aparece então uma figura macilenta, de emmaranhada e grisalha coma, bigode russo e meia pera igual, todo roto, besuntado, mal trapido e quási nojento. Julguei à primeira ser o cozinheiro do distinto bibliógrafo; enganei-me, era o próprio literato. Não lhe falo da aridez e interêsse do nosso cavaco. Passámos revista à livraria. Ali apre-

sentei tôdas as carradas da minha superficial erudição. Ainda não vi livreria tão preciosa nas mãos de pessoa mais competente. Estremeci de respeito ao compulsar um manuscrito da própria lavra de Gabriel Pereira de Castro (1), outro de Sá de Miranda (2). Li também uma carta fac-simile de Garção e muitas de José Agostinho (3). » (4)

Essa visita estreitou as relações, enraizou a amizade. Do reconhecimento saudoso de Teófilo Braga a Inocência apenas íntimos amigos — tão raros eram para êle, — o sabiam.

---

(1) GABRIEL PEREIRA DE CASTRO. *Obras poeticas, poesias liricas*. Manuscrito que pertenceu ao árcade D. Rodrigo da Cunha.

(2) SÁ DE MIRANDA. Certamente refere-se à *Vida de Santa Maria Egypciaca*, obra manuscrita apontada por Barbosa Machado como existente na livreria do Conde de Redondo, e foi adquirida em compra, por Inocência. — Cf. *Dic. Bibl.*, III, pág. 55. — Também possuía a *Oração aos Reys Dom João III e Raynha Donna Catherina na cidade de Coimbra, que fez Francisco de Saa no anno de 1527*.

(3) JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO. Acêrca das cartas dêste famoso pamphetário, merece leitura o prefácio de Teófilo ao volume: — *Obras ineditas de José Agostinho de Macedo. Cartas e opusculos*. Lisboa, 1900.

(4) Cf. Supico, *ob. cit.*, pág. 134.

Para os anos de «permissão de vida» (1), traçará um plano de labores que seriam iniciados com a publicação desta correspondência, seguindo-se-lhe as *Cartas de Marcelo*, suas cartas de amor.

\*

Esta correspondência, é constituída por treze cartas de Teófilo até agora inéditas, e dez missivas de Inocência, primitivamente publicadas no volume *Quarenta annos de vida litteraria* (2) e republicadas na *Mocidade de Theophilo*.

Coordenando estas epístolas verifica-se inicialmente acentuada persistência de seus autores. Porém, após, Setembro-1861 ocorreu uma interrupção de vinte-cinco meses justifi-

---

(1) «Permissão de vida», considerava Teófilo os anos vividos além dos oitenta.

(2) *Quarenta annos de vida litteraria 1860-1900. Cartas de Innocencio F. da Silva, Gomes Monteiro, etc., com um prologo. Autobiographia mental de um pensador isolado.* Lisboa, Typ. da Livraria Lusitana, 1903.

cada em Outubro-1863 por Inocência. Depois as respostas são mais distanciadas, até ao silêncio daquele bibliografo ante a carta do seu amigo datada de Janeiro-1864. Teófilo iniciára neste ano vida nova estabelecendo uma directriz. Aumentaram os seus labores literários. Surgiu-lhe a musa do seu maior amor:— a senhora D. Maria do Carmo Xavier. Escreveu as *Tempestades Sonoras* de ruidosa publicidade. Nas férias do Natal foi convidado a vir a Lisbôa. Simone Gattai, ex-ministro financeiro de Pio IX, ofereceu-lhe uma ceia de homenagem, onde encontrou por convivas Castilho, Latino Coelho, António Serpa, Silva Túlio e outros escritores de nomeada. Foi— no dizer de Súpico— uma apoteose simpática em que Teófilo definiu a sua situação na literatura (1). Na notícia deste acontecimento, no *Jornal do Commercio* não figura o nome de Inocência (2). No entanto estando Teófilo na capital, ante as expressões

---

(1) Cf. Súpico, *ob. cit.*, pág. 231.

(2) Cf. Fran Paxeco— *A Escola de Coimbra e a Dissolução do Romantismo. 1865-1915*. Lisboa, 1917, pág. 89.

afectuosas de suas cartas, não deixaria de visitar o amigo. Mas não o teria feito, e Inocência ficaria amuado?

No ano imediato — 1865 — sobrevêm a tempestade crítico-literária do *Bom senso e bom gosto*, despertada pelo intróito das *Tempestades Sonoras*. Castilho em artigo-carta inserto num jornal fluminense apreciava o escrito teofiliano venenosamente, escrevendo: — « Êste rapaz ou dá em doido ou então metter-nos-há a nós todos a um canto. » Supico afirma ter Inocência contribuído para que o citado artigo-carta « fôsse reproduzido em vários jornais, concluindo que era uma prova que muito diminuia os méritos do joven escritor (1). » Fran Paxeco desmente, recordando que « Inocência, no *Dic. Bibl.*, vol. VIII, pág. 261 [aliás 404] revela o seu sentido hostil, pelo intuito com que trasladaram [a carta] nos jornais de Lisbôa (2) ».

Existe outro documento contribuítivo para um suposto arrefecimento daquela boa estima.

---

(1) Cf. Supico, *ob. cit.*, pág. 232.

(2) Cf. F. Paxeco, *ob. cit.*, pág. 346.

É uma carta de Inocência à redacção do *Jornal do Commercio*, em Julho-1865, na qual declara: — «ficou sem correctivo uma errada afirmativa do meu talentoso amigo o sr. Teófilo Braga, que em artigo publicado no *Jornal do Commercio* de 6 do corrente mês teve a bondade de citar-me, arguindo no *Diccionario Bibliographico* um êrro que só existe na sua imaginação » (1).

Certamente a interrupção epistolar mais foi motivada por demasiados labores do que por quaisquer resentimentos. Esta hipótese encontra confirmação na carta escrita por Teófilo em Dezembro-1867, a qual começa: — «meu caríssimo amigo ». Em resposta obtem o trato de: — « Presadissimo am.º e Sr. » e o costumado fecho de: — Seu am.º e *mais* cr.º obrg.º ». Ora o « criado » denuncia a contumélia do despeitado. Mas, despeitado porquê? Responde-nos Teófilo em carta a Súpico: — « Parecer-lhe-há estranho o facto de Inocência Francisco da Silva ter lançado con-

---

(1) Cf. Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo — *Elucidario*, 2.ª edição, 1865.

tra mim uma esfera preta, [na votação para lente do Curso Superior de Letras,] tendo êle manifestado a mais animadora benevolência nas cartas que me escreveu quando eu tinha 16 anos. Procurei no meu espírito que motivo teria dado para êsta hostilidade. Nada fiz, por palavras ou obras, que o pudesse melindrar. Examinando todas as circunstâncias occorridas, notei que lhe não tinha oferecido exemplares de *A Visão dos Tempos e Tempestades Sonoras*, isto por motivo de não me ter dado a casa editora mais de 6 exemplares, e muito tarde, acrescendo alem disso a minha angustiosa crise económica em que uns miserros vintens me falhavam para a alimentação. Inocência fez sentir a intenção deprimente da carta de Castilho sôbre as *Tempestades* e jactava-se de que pulverisaria o meu volume de *A baixa comedia e a opera*. Esta fobia é uma consequência de lhe ter subido à cabeça o seu seu *Diccionario Bibliographico*. » (1)

¡E assim terminaram as relações entre dois amigos confidentes e dedicados!

---

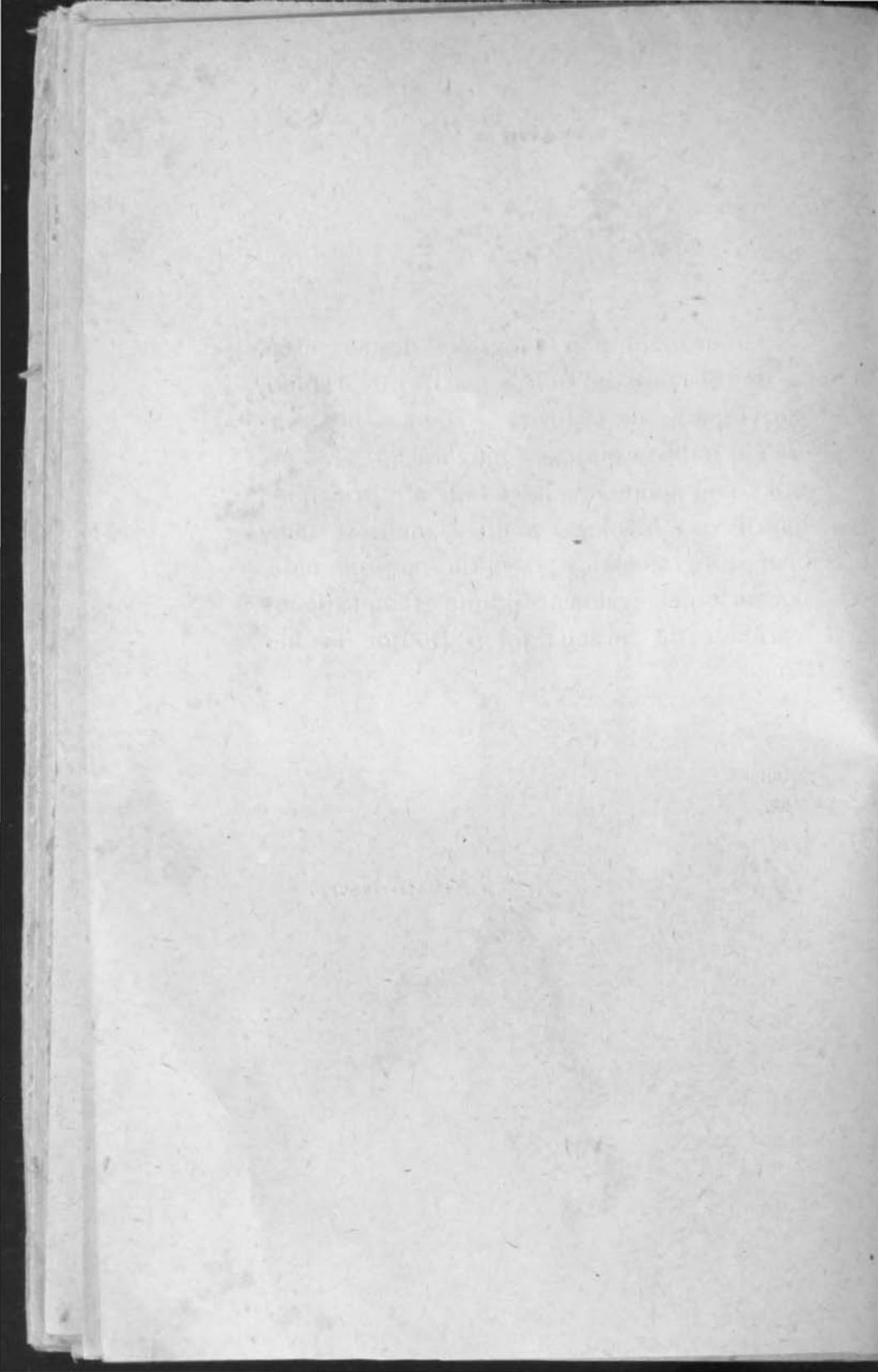
(1) Cf. Supico, *ob. cit.*, pág. 355. Outro motivo é citado na anterior *Noticia preliminar*.

\*

Confrontando a caligrafia destas cartas — de 1861, — com outros escritos de Teófilo, em vésperas de cegueira — 1920, — observa-se em tôdas a mesma configuração. Êle assim como manteve a fidelidade aos princípios filosóficos e ideologia política, manteve também essa grafológica prova da sua probidade, pois incontestavelmente lídimo exemplo de integridade de carácter foi o Doutor Teófilo Braga.

7. Julho  
1927

ÁLVARO NÉVES.







I

R. 29: 10: 60.

Ill.<sup>mo</sup> Sr.

Tendo lido no primeiro volume do *Archivo Pittoresco* uma serie de artigos, lavra de V. S.<sup>a</sup>, sobre a vida do integro magistrado e incansavel Arcade Antonio Diniz da Cruz e Silva(1), e colhendo d'ahi que V. S.<sup>a</sup> pretendia offerecer ás letras patrias uma edição da melhor obra d'aquelle poeta, com todas as notas preciosissimas que V. S.<sup>a</sup> possui, como que discursa mais com mortos do que com vivos, venho por este meio encarecer a necessidade do seu trabalho, offerecer-lhe uma coadjuvação pecuniaria para a empreza, e até os debeis recursos da minha intelligencia.

Falo assim, por que com firme crença no passado e fé viva no futuro, me abalancei a estudar o *Hyssope*(2); para mais lhe realçar a belleza, con-

---

(1) ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA, estudo publicado no *Archivo Pittoresco*, vol. I, pag. 346, 374, 387 e 406.

(2) De POETAS-HEROI-COMICOS encontra-se mui completa nota no trabalho intitulado: *As edições do Hyssope* — Apon-

frontei-o com o *Lutrin* (1), e comprehendí o arrojo do discipulo que excede o mestre no espirito de invenção.

Saiba pois V. S.<sup>a</sup> que d'este estudo nasceu um (não sei se chame poema) em 10 cantos, como sequencia da melhor obra de Elpino.

Já pressinto o sobressalto que esta nova vai causar a V. S.<sup>a</sup>, porque sendo o *Hyssope*, uma das maravilhas do espirito humano, como será possível buscar em sua urdidura completa, um fio que motive uma continuação. Leia V. S.<sup>a</sup> o argumento do poema do legislador da Arcadia, e verá que aquelle vaticinio do Abracadabro, que o triumpho do sobrinho do Lara, dão materia para novos cantos.

Ainda me falta justificar-me, defender-me da audacia de querer emparelhar com os vãos de Elpino; mas se o amor da gloria leva-nos aos maiores cometimentos, ás mais perigosas emprezas.

Fico aguardando uma resposta de V. S.<sup>a</sup> para lhe enviar uma copia do meu poema a que dei o nome o *Mesmo Hyssope*. No entanto remetto a V. S.<sup>a</sup> um excerpto publicado num jornal litterario

---

*tamentos bibliographicos por Francisco Augusto Martins de Carvalho. (Tiragem limitada, só para ofertas.)* Coimbra, Casa Tipografica, 1921. Op. de 67 e mais 3 págs. de *Additamentos e rectificações*.

(1) LUTRIN, poema herói-cómico da autoria de Nicolau Boileau-Despréaux. Uma das melhores edições é a de Paris, 1726.

d'esta cidade, o *Santelmo* (1), não como especimen, mas para ajuizar sobre a propriedade da continuação, e creia V. S.<sup>a</sup>

na amizade do seu maior  
admirador

(Ponta Delgada, Ilha de San-Miguel,  
16 de Outubro de 1860.)

*Theophilo Braga.*

## II

28: Outubro: 1860

*Ill.<sup>mo</sup> Sr.*

A falta de tempo, que é em mim queixa habitual, e cada vez mais aggravada, me impediu de accusar para logo a recepção do favor, com que V. S.<sup>a</sup> quiz honrar-me, datado de 16 do corrente. Agora o faço, agradecendo como devo a sua lembrança, e as obsequiosas expressões com que me distingue.

Pelo seu patricio e meu amigo o Sr. José de Torres (2) tivera eu ha tempo a noticia do nome

---

(1) O SANTELMO. Jornal de sciências, literatura, belas-artes, agricultura, industria e noticias publicado quinzenalmente. Redactores: Francisco Maria Supico, Teófilo Braga e António Pereira. N.<sup>o</sup> 1 saiu a 15-Janeiro-1859 e o último, 44, a 31-Outubro-1860. Ponta Delgada, tip. de Moraes, forma um vol. de 352 pág.

(2) JOSÉ DE TORRES OU José Joaquim de Torres Braga,

de V. S.<sup>a</sup> e de que, como prova do seu commercio com os Musas, havia já um volume dos seus versos impressos (1), de que o meu amigo me fez ver um exemplar, o qual todavia não me foi possível desfiar pausadamente, em razão da falta supra allegada.

Agora colho pela sua carta, e pelo numero do *Santelmo* que com ella recebi, que V. S.<sup>a</sup> abalanchando-se a maiores commettimentos emprenhendera e concluíra um poema em dez cantos, que é nada menos que uma continuação do *Hyssope* (2), d'essa obra para mim monumental no seu genero, e que os proprios estrangeiros que estão no caso de apreciar-a, applaudem e invejam. Arduo é na verdade o commettimento, porém tanta maior gloria para V. S.<sup>a</sup> se conseguiu vencer as difficuldades, que para muitos seriam insuperaveis: e tambem sou de opinião, que a obra pode ser acabada, e até perfeita, embora considerada relativamente ao seu prototypo, lhe fique em alguma cousa inferior. Isto é o que em verdade sinto. Não costumo lisongear pessoa alguma, e d'ahi provêm talvez que tenho poucos amigos.

---

açoriano, bio-bibliografado por Inocência, no *Diccionario*, tomo V, pág. 145.

(1) Alude às *Folhas Verdes*. Ponta Delgada, MDCCCLIX. In-8.º gr., xx-258 págs.

(2) Publicado com o titulo *Graves Nadas*, em quatro cantos. (Na 2.ª edição das *Folhas Verdes*.)

V. S.<sup>a</sup>, pelo que supponho, é joven; não estranhará portanto que aquelle por quem já fizeram carreira uns cincoenta invernos, consumidos, diga-se assim, em tal qual estudo (se bem, se mal aproveitado *dicant paduani*), lhe fale com *o coração nas mãos*.

Parece-me que V. S.<sup>a</sup> lucrará em não se apressar demasiado na publicação do seu trabalho: se no fervor da mocidade lhe custa a subjeitar-se ao preceito horaciano *nonumque prematur in annum*, encurte embora o tempo a seu grado, porém não deve esquecer que *nescit vox missa reverti*.

Quem vê diante de si um longo estadio a percorrer, escusa apressar-se muito, para não cançar depressa.

Se houvesse de regular-me pela pequena amostra publicada no *Santelmo*, parece-me poder dizer-lhe que alguns achariam talvez no estylo certa carencia d'aquella *vis comica*, que forma por assim dizer, a essencia do genero: porém lembro-me, e é de esperar, que essa falha, se o é, esteja amplamente compensada em muitas outras partes, e por conseguinte não devo aventurar juizo.

Quanto á versificação, é que (peço licença para dizer-lhe) não estamos de certo conformes. Não que eu condemne absolutamente os versos agudos; sei que são aproveitaveis, e maravilhoso effeito produzem em certos casos: porém sempre entendi que é mister empregal-os com muita parcimonia, mór-

mente nos endecasyllabos soltos. N'essa parte estou pelas doutrinas da Arcadia, confirmadas pelos nossos bons modernos. O mesmo Filinto Elysio (por quem tenho a maior veneração e estima) tomando tantas liberdades como se sabe, n'este ponto cingiu-se ao sentir commum, e V. S.<sup>a</sup> não me apontará talvez trinta versos agudos na immensa multidão dos que compoz. Muito mais admissiveis me parecem os exdruxulos de que V. S.<sup>a</sup> não faz uso, ao menos tanto a miudo como d'aquelles.

Talvez a minha sinceridade lhe desagrade; mas se assim fosse, tanto peor para V. S.<sup>a</sup>! Se quizer continuar commigo as relações que encetou, espero mostrar-lhe que os meus reparos visam sempre a que os meus amigos não incorram em censuras fundadas, e se elevem á altura em que os desejo vêr.

De V. S.<sup>a</sup>

Affect.<sup>o</sup> v.<sup>or</sup> e servo obg.<sup>do</sup>

*Innocencio Francisco da Silva.*

### III

R. 25:11:60 (2)

*Ill.<sup>mo</sup> Amigo*

Com toda a cordealidade me confessou, que pelo seu character em tudo recto e nada lisongeiro, pou-

cos eram os amigos que contava; pretendo refutar-lhe o axioma dizendo que em mim alcançou um, que lhe dedica amizade quasi filial. Não imagina o jubilo que me cauzou a recepção da sua prudente carta, que enthesoیرهi como uma preciosidade, por que obrou em mim uma conversão. Avido de gloria, querendo desafiar a fama, pensando que se acabava para mim o mundo — antes de ressoar nelle o meu nome, abandonei os jogos da infancia, e tentei trepar a todos os ramos da arvore da litteratura. O verso de Virgilio:

Est mihi pater domi et injusta noverca,

que tão bem me compete, accordou os meus primeiros vagidos poeticos.

Depois quiz escrever em todos os generos. A tragedia, o romance historico, humorista e phantastico, a poesia lyrica, tudo ensaei. Faltava-me alem do talento uma coisa — a leitura; nada mais conhecia do que as selectas latinas, algum canon de Genense e umas fumaradas de francez. Com tão poucos elementos não podia mais do que escrever dos 14 aos 15 annos esse volume de versos (peço que não leia) a que chamei *Folhas Verdes* (1) e que publiquei aos 16 annos.

---

(1) FOLHAS VERDES. Ponta Delgada, MDCCCLIX. Com referência à publicidade dêste livro, conta Supico:

«Por aquella época o Visconde da Praia, fidalgamente ge-

Hoje admiro-me, como com tanta futilidade alcancei entre meus conterraneos o nome de poeta. Não devia parar na carreira, nem deslumbrar-me com o applauso ephemero dos que me saudavam. Comecei a dedicar-me, a reconcentrar-me todo na leitura, permita-me a imagem, como um cego que recobra subitamente a vista.

O proprio Visconde da Praia, me franqueou a

---

neroso, era considerado o Mecenas da terra, pelas protecções dispensadas a estudiosos, e a cultores de letras e artes. Tentou-se fazer conhecido o joven poeta na intenção de receber dêle protecção para poder no continente frequentar qualquer academia.

«Para fazer êsse conhecimento assentou-se em mandar fazer um livro de papel escolhido e boa encadernação, no qual Teófilo com a sua melhor caligrafia escrevesse as suas produções já publicadas e inéditas as que mais apreciasse, e êle mesmo se apresentasse ao nobre Visconde a oferecer-lhe o livro como seu autor, dizendo-lhe com os seus escolhidos e claros termos a intenção da oferta.

«Assim se fez; porê, ou porque Teófilo, acanhando-se não exprimisse bem, ou porque a hora não foi propícia o certo é, que o generoso fidalgo, supondo que a aspiração do joven poeta se limitava a ver impressa a obra que lhe apresentava, lhe deu ordem para na Tipografia de Botelhos fazer imprimir com asseio o número de exemplares que quizesse. . . . .

«A impressão fez-se rápida e raras pessoas a quem os exemplares se ofereceram a 600 réis cada um, regeitaram.»  
—F. M. Supico, *Mocidade de Theophilo. Subsídios bio-bibliographicos para o estudo da obra de Theophilo Braga*. Lisboa, 1920, pág. 63-64.

sua livraria (1), e alcancei ao mesmo tempo a chave de outra. Puseram-me como n'um vistoso eden, estava ansioso por ver, por admirar, seguia a toda a hora um tropel de ideas que me suscitavam outras ás vezes disparatadas.

Tomei conhecimento superficial de quasi todas as litteraturas da Europa. Os Quinhentistas e a Arcadia, eram os idolos a que sacrificava. Tantas bellezas afrouxaram-me em parte a força moral, mas este lethargo foi para acordar com mais vehemencia. O estímulo da publicação levava-me a emprehender tudo. A cainçalha dos Aristarcos, que me mordiam á socapa, aconselhavam-me na frente o estudo. Outros negavam a paternidade do que viam assignado com o meu nome. Lisonjeava-me esta confissão do merito por um novo gosto; mas nunca tive quem me segredasse ao ouvido a sentença de Horacio, que tinha á cabeceira.

---

(1) VISCONDE DA PRAIA. — Duarte Borges da Camara e Medeiros, n. 1799 m. 1872, — senhor de numerosos morgados e duma opulência colossal. (Supico, loc. cit., pág. 44.) Casou com D. Ana Teodora Borges do Canto e Medeiros.

Foi a Viscondessa da Praia quem custeou o internato num colégio inglês da sr.<sup>a</sup> D. Maria José da Camara Braga, irmã de Teófilo que foi freira no convento da Esperança em Ponta Delgada. Faleceu em 20-Julho-1922. É citada por Supico, loc. cit., pág. 40 a 50. Fran Paxeco, *Cartas de Teófilo*. Lisboa, 1924, pág. 15 e 75 e *Sobre Teófilo Braga (Esbôço genealógico)*. Pará, 1925.

Se ha mais tempo ouvisse os conselhos saluta-  
res de V. S.<sup>a</sup> por certo que não arrojava tantas ba-  
gatellas ao vulcão da imprensa. Esse pouco que  
anda firmado com o meu nome, hoje envergonha-  
me, punge-me como um remorso continuo. Neces-  
sito tornar a avareza litteraria como uma virtude,  
contentar-me-hei em apresentar os meus trabalhos  
a um amigo, que os censure, que os corrija, que  
me fortaleça. O acazo ou a fortuna depararam-me  
uma pessoa competente: será V. S.<sup>a</sup> se aceitar este  
convite de um rapaz de 17 annos, acanhado, e meio  
anachoreta; folgarei se um dia ouvir a sua integer-  
rima consciencia sentenciar a minha tragedia: *No-  
vissima Castro* (1). Conhecerá então mais de perto  
as ambições que me levaram a querer esgotar os  
abysmos da poesia, que me não deixaram temer  
Ferreira, Quita, J. B. Gomes, Nicolau Luiz, Jero-  
nymo Bermudez — com o nome supposto de Antõ-  
nio Silva, José Concha, Velez Quevara, Lamathe e  
alguns traductores inglezes que trataram este as-  
sumpto. Apresentar-lhe-hei fragmentos de outras  
duas tragedias tambem em verso — *Sepulveda* (2)  
e *Arrefens por Ceuta* (3), e algumas comedias ly-  
ricas, fructo da leitura de Gil Vicente. Com isto  
não pretendo nem affectar erudição, nem pôr ao

---

(1) *NOVISSIMA CASTRO*. Não foi impressa.

(2) *SEPULVEDA*, tragédia. Não foi impressa.

(3) *ARREFENS POR CEUTA*, tragédia. Não foi impressa.

soalheiro a terça parte de meus manuscriptos, desejo mostrar somente os perigos do enthusiasmo. Em Dezembro talvez vá para Coimbra, e procurarei então V. S.<sup>a</sup> para lhe agradecer pessoalmente a sua sinceridade que me não desagradou, como suppõe. Nunca razões me irritaram, nem deixaram de me convencer. A idade, o aturado estudo, e o talento do meu amigo (concede-me a expressão?) davam-me direito de me aconselhar tão familiarmente, como pai até.

Um censor tenho eu, a quem apresentei já doze comedias em prosa e a nenhuma deu um leve *accessit*, talvez que d'esta severidade resulte este numero.

Tive sempre minha prôa de fazer versos ainda que ôcos de pensamento, certos no metro; aquelle seu avizo fará com que tome mais cautella e não me fie tanto no ouvido como nos dedos. Na contagem das syllabas grammaticalmente, raros são os versos certos, e de alguns conheço eu, que é necessario idear novas figuras de dicção para se acceitarem. Regnard(1) tambem foi infeliz na metrificacção, não sacrificava o pensamento ás leis da harmonia. Não o tomo para exemplo.

Que lhe direi acerca dos versos agudos que seja

---

(1) JEAN-FRANÇOIS REGNARD, poeta cómico francês, 1655-1709. É autor da sátira *Tombeau de M. Despreaux*, contra Boileau.

novo? Direi que os tentava introduzir; mas V. S.<sup>a</sup> não reparou que eu os empregava sempre antes do ponto final, para fazer uma pausa maior. O proprio Diniz tambem empregou alguns; ex.:

«Nem toma o seu café, nem joga o Wist!»

(*Hys.*, pag. 104, canto vii.)

e Garção, pag. 155, *Epist.*

«Em grego não me escrevas, nem latim;»

tambem Jeronymo Corte-Real no *Naufragio do Sepulveda*, canto v:

«Lapithas, Pirithoo, vem com Theseo»

e Ferreira, na *Castro*, Act. 1:

«contra os duros mandados do teu paiz...»

João B. Gomes na *Nova Castro*, Act. III, prop. fim:

«De perdoar-me em fim nada receio.»

Candido Luzitano, na trad. de *Athalia*:

«E uma idea com outra se destroe.»

Sei que um erro não legaliza outro erro. Mas co-

nhecendo o effeito maravilhoso do primeiro hemistichio do verso heroico quando acaba em palavra aguda; ex. de M. Leal, pag. 246:

«E Christo mestre seu!

Estimo o povo.»

quiz regular-me por isso, julgando que poderia uzar do mesmo direito no segundo hemistichio, no caso de haver ponto final. Foi uma tentativa infructifera, conheço o erro em que cahi, e seguirei o seu estimavel avizo. Os versos exdruxulos, que muito prezo, emprego-os casualmente, por que escrevo sem arte, tendo medo de crestar a simplicidade da natureza.

Se me não houvesse excedido tanto nesta carta, do que peço desculpa, enviar-lhe-hia um outro excerpto em que se pronunciasse mais essa *vis comica*, que me faltou no primeiro. Não cessarei de louvar a delicadeza e extrema benignidade de V. S.<sup>a</sup> para esquecer-se da sua queixa habitual, ouvir-me e — responder-me.

Uma carta sua honra-me altamente; pode accender-me inspirações como o anel que um monarcha offerecera a Hydir, e que este metia no dedo, quando escrevia seus grandes pensamentos. Creia V. S.<sup>a</sup> nesta verdade, e no respeito e amizade que lhe consagra o

seu admirador

(Ponta Delgada,  
3 de Novembro, 1860.)

*Theophilo Braga.*

IV

Lisboa, 25 de Novembro  
de 1860.

*Ill.<sup>mo</sup> Am.<sup>o</sup> e Sr.*

Contava responder-lhe mais de espaço á sua estimada carta de 9 do corrente, porém o já sabido achaque fez demorar a escripta de um para outro dia, e agora que são duas da noute, havendo de remetter esta pelo vapor que parte hoje, apenas me fica tempo para accusar a recepção d'aquella e pouco mais.

Mas nem por isso deixarei de rabiscar esta folha de papel com o que ella possa conter, embora vá tudo desordenado e confuso, isto é, no estado em que eu mesmo trago a cabeça, occupado com a continuação do tomo v do meu *Diccionario*, cujo folha decima entra no prelo amanhã; com uma excomungada polemica (1) que tenho entre mãos ha tres mezes, em que é parte um pedaço d'asno, ou *asno inteiro*, e com uma immensidade de coisas que me occupam a imaginação.

Agradeço-lhe deveras as suas benevolas e mais que lisongieras expressões, e ainda mais o elevado conceito que lhe aprouve formar de mim, e que

---

(1) Refere-se à polémica travada em Setembro de 1860 com Joaquim Lopes Carreira de Melo.

terá de rebaixar infinitamente á proporção que melhor me conhecer. V. S.<sup>a</sup> é mancebo, é poeta; deixa-se levar das primeiras impressões, vive mais da idealidade que do *positivismo* (desculpe a palavra, que primeiro acudiu ao bico da penna); o tempo e a idade o irão desenganando a seu pezar; isso me aconteceu já, e creio que por todos passa o mesmo, quero dizer, por todos os que nascem já *materi- lisados*, dos quaes n'este seculo é talvez o maior numero! Meu amigo, V. S.<sup>a</sup> faz-me uma especie de *confissão geral*, que me põe ao corrente de tudo o que lhe toca. Para ficarmos reciprocamente conhecidos, poderia eu narrar-lhe tambem a minha vida; porém julgo-o desnecessario. Se quizer sabel-a, achal-a-ha esboçada pelo seu patricio José de Torres no ultimo numero do vol. II do *Archivo Pittoresco*(1), e posso assegurar-lhe que tudo o que ali está (salvas as apreciações do amigo) é a pura verdade, e nada mais. Já vê quem sou, e para o que posso servir. — Se quizer mais do que isso, perdelhe (como aqui costumam dizer) o *tempo e o feitio*. Soube alguma cousa de mathematica, de que conservo o *espírito de exactidão*, em quasi tudo: quiz fazer versos em pequeno, mas abandonei a carreira porque me faltavam forças; tambem parece-me que as minhas trovas nunca passaram de quatro ou cinco alcunhadas odes, ou melhor *centões* dos versos de

---

(1) Cf. *Archivo Pittoresco*, 2.<sup>o</sup> ano, pág. 406.

Filinto; outras tantas epistolas amatorias e doze ou vinte sonetos, se tanto. Tudo miserias, de que depois me envergonhava ao lê-las. Hoje nem eu sei se existem, ou se as rasguei, como devia. Tenho devorado livros e livros, sem escolha, sem methodo, e sem resultado; faltou-me sempre tempo e vagar para reflectir no que lia, e por isso fiquei sendo um soffrivel bibliographo de livros portuguezes, e mais nada. Para critico e mentor, falecem-me as qualidades todas: digo porém o que entendo, se me perguntam, e sempre com liberdade e franqueza, aliás não me consultem. Assim, assentado isto, tem-me V. S.<sup>a</sup> á sua disposição para o que lhe convier. Conte que falo sincero.

V. S.<sup>a</sup> mostra pela sua carta possuir já uma erudição, que é de pasmar em tão curta idade! Pelo que vejo conhece a familia das *Castros* quasi todas: mas, ou lhe esqueceram duas, ou talvez ainda não as veria. Além das que cita, temos impressas duas, uma do nosso bom homem Manuel de Figueiredo, cujo *Theatro* em quatorze volumes talvez ahí não seja conhecido nem de nome: outra a do bacharel Joaquim José Sabino, que é a mais recente de todas em data. O nosso José Maria da Costa e Silva tinha para si que de todas as *Castros* existentes era a melhor a do Figueiredo; precisava porém (dizia elle) ser *dialogada e versificada* de novo.

Quanto aos versos agudos indicar-lhe-hei para

o fortificar na sua primeira opinião a do nosso habilissimo critico Francisco Dias Gomes, cuja lição me parece não lhe desagradará por instructiva, se ahí existem, como é de supor as suas *Obras poeticas*, mandadas imprimir aqui em 1799 pela Academia das Sciencias. Nas notas achará V. S.<sup>a</sup> um thesouro philologico. A questão dos versos agudos tracta-se a pag. 339. Se o consultar, dir-me-ha o que lhe pareceu. Creio ter-lhe já dito que eu não quereria proscrever de todo os taes agudos; só sim desejava que fossem usados com mais parcimonia, sobretudo no *verso solto*, porque nos rythmados ninguem os estranhará.

Entretanto, nos exemplos que me cita, peço licença para observar-lhe:

1.<sup>o</sup> Que o verso de Diniz não pode tomar-se por agudo, nem elle o tomou quando o fez, porque pronunciava *Wisth* como de duas syllabas, que é como ainda aqui o pronuncia muita gente boa.

2.<sup>o</sup> Quanto ao verso de Garção dir-lhe-hei que em minha opinião a Epistola onde se acha o tal verso

Em grego não me escrevas nem latim

não é obra do poeta, e foi alli introduzida na edição posthuma pelos editores. Ha muitos annos que d'isto me persuadi; acho-lhe um não sei quê no estylo, que se me affigura não ser o proprio do nosso infeliz Corydon. — A proposito, n'essa epis-

tola achará V. S.<sup>a</sup>, se não me engano a palavra *Wisth* tambem como sendo de duas syllabas.

3.<sup>o</sup> Os versos citados de Candido Lusitano, e J. Baptista Gomes, serão embora agudos, mas tenho para mim como certo que os auctores não os haviam por taes, especialmente aquelle que, como sabemos, foi dos primeiros que se declararam contra tal especie.

Desejava ser agora mais extenso, mas não posso. Vou ainda escrever a outro cultor das musas, o distincto poeta terceirense José Augusto Cabral de Mello (1), de quem tenho presentes não menos de tres cartas vindas pelo vapor, e é mister alongar-me algum tanto.

Disponha V. S.<sup>a</sup> em tudo de quem é com verdadeira estima

Seu am.<sup>o</sup> afeiçoado  
e servo ob.<sup>1o</sup>

*Innocencio Francisco da Silva.*

---

(1) JOSÉ AUGUSTO CABRAL DE MELO E SILVA, poeta e insigne calígrafo açoriano, está bio-bibliografado por Inocêncio. Vid. *Dic.*, IV, pág. 251; XII, pág. 243; por Balbi, *Essai Statistique*, II, pág. CCXXX; e por Henrique C. Ferreira Lima, nos *Subsidios para um dicionário bio-bibliográfico dos calígrafos portugueses*. No cartório do *Dic. Bibl.* não possui cartas do referido terceirense.

V

R. 13:12:60 (3)

Ponta Delgada,  
Novembro, 30 de 1860.

Ill.<sup>mo</sup> Sr.

Com a mesma pennada de tinta com que acabo de escrever um drama em 4 actos, sobre a morte do infeliz Garção (1), começo esta, para enviar a

---

(1) GARÇÃO. Elucida-nos Teófilo no livro de Supico: — «Tivemos sempre uma simpatia filial por êste árcade, e desde uma idade em que mal o entendíamos. Por 1857, entre uns alfarrábios comprados por meu pai, deparou-se-me um volume das obras de Garção (1778). Foi o primeiro livro da minha biblioteca, e que ainda hoje conservo. Li-o, reli-o, imitei-o, como árcade extemporâneo, aos catorze anos, — e quando, absorvido pelas criações geniais do romantismo, dei-xei essa errada vereda, não perdi a lição do autor da *Cantata do Dido*. Devi-lhe o conhecimento dos efeitos da metrificacão endecassilábica, e a importância que têm os epítetos na linguagem poética, empregados em geral como adjectivos, para encherem o verso. O livro de Garção foi o meu companheiro de adolescência. Quando, mais tarde, conheci a tradição da morte do poeta, sob a pressão violenta e iniqua do despotismo de Pombal, admiração e simpatia confundiram-se numa idealização estética, de que nasceu um pequeno drama — *Poeta por desgraça*, representado no Teatro Académico.» Cf. loc. cit., pág. 116, e *Modernas ideas da litteratura portuguesa*. Porto. I, pág. 124.

Em carta a Supico, Teófilo informa: — «Está em ensaios no Teatro Académico, um drama meu em que se representa a prisão e morte do poeta Garção vítima do despotismo fe-

V. S.<sup>a</sup> outra amostra do *Mesmo Hyssope*; se não o houvesse promettido na minha ultima, por certo que ouzaria mostrar este excerpto, que é quasi todo o canto VI, porque ólho o meu poema já com diferentes modos, isto é, não sou tão benigno. Isso que remetto a V. S.<sup>a</sup> não foi escolhido d'entre os epizodios varios do manuscripto, foi o acazo que o deparou. Muito apreciarei a opinião de V. S.<sup>a</sup> sobre esta veleidade; mas desde já o antecipo que se acau-telle com alguma triaga, para os effeitos d'esse narcotico. Com esta não interrompo mais os trabalhos de V. S.<sup>a</sup> e fica

ao seu dispor

*Theophilo Braga.*

---

roz do Marquês de Pombal; intitula-se *Resignação*. O titulo verdadeiro é *Sêde de Justiça*, que foi substituido por não agrada-dar à direcção do teatro. A figura principal é desempenhada pelo quintanista Eça de Queiroz que tem um grande talento dramático. Pelas outras figuras não tenho confiança no êxito final.» — Cf. *Mocidade de Theophilo*, pág. 254.

Registo ainda outro depoimento autorizado concernente ao titulo do predito drama. — «T. B., farto da França, escreveu um drama cazeiro e violento, que se chamava *Garção*...» Cf. Eça de Queirós, *Ultimas paginas*, pág. 475.

Intitulado *Poeta por desgraça*, foi publicado no volume *Torrentes. Ultimos versos*. Porto, 1869, Carneiro & Moraes, editores. Representou-se em 29 de Abril de 1865, e pelo autor foi o drama excluído do plano definitivo da sua obra. Cf. Teixeira Bastos, *Teofilo Braga e a sua obra*. Porto, 1892, pág. 47.

P. S. — Acabo de fazer, por um livreiro d'aqui, a requisição do seu opusculo — *O Sr. Joaquim Lopes Carreira de Mello e o Diccionario Bibliographico*. Não imagina qual foi o meu jubilo, quando soube que o seu juizo critico sobre esse parlapatão era identico, ao que eu ha muito tempo formava. Confesso que estive tentado a publicar num jornal desta terra uma severa apreciação á primeira parte d'uma *Selecta classica portugueza*, em que o tal Carreira occupa setecentas e tantas paginas com traducções das fabulas de Florian (prosa) e em que não cessa de tirar fragmentos dos meus magros compendios a que elle dá o foro de classicos. É assim que gosto de ver azurragar certos pretendidos e expol-os á irrisão no pelourinho da opinião publica. Nunca as mãos lhe doam.

## O MESMO HYSSOPE

### CANTO VI

#### (FRAGMENTO)

Furor terrivel de estupenda gula  
Intrepidas saudes não cessavam,  
Dos pratos e dos garfos o sonido  
Do festim natalicio do Prelado  
Estridente aparato nos revela.  
Este, enterra os dentes em bom naco,  
Aquelle, a boca soffrego abarrota,  
Voraz este outro, não attenta o quadro  
De tão devastadora comezaina;

Come por todos, inda lambe o beijo  
Sem duvida este é muzico. A seu lado  
Um mal mastiga, por que a vista o farta,  
Por que os dentes lhe faltam, e d'opiparos  
Guisados se contenta com o mólho.  
Uns comem, bebem, falam á mistura,  
Outros calados — a trinchar manhosos  
Combatem-lhe a avidez. No dar ao queixo  
Vencido um não quer ser, este vencido  
Reune novas forças, aparelha-se  
Do gastrico triumpho para as glorias.  
Roliço cosinheiro entra na sala,  
O rei das eguarias traz, assado  
Recheado peru, desafiando  
O tacito appetite dos convivas.  
Mil servidas saudes se levantam!  
Transbordam copos o licor divino  
Nas curvas-sacras pausas dos Abbades.  
Um faz carranca ao Madeira altissimo  
Pelo costume de fazer o mesmo  
Á surrapa que empina ás escondidas  
Em nojenta taverna immunda, escura  
Outro o copo alevanta, alegre e ufano,  
Méde co'a vista a extensão da taça,  
De pé longas saudes repartindo  
Vai, primeiro que veja d'um só folego  
Do Vago precioso o fundo incognito.  
Poeta, este é sem duvida, e já muito  
Cantor de bacchanaes ou soneteiro  
Ali entra em certame assado pato  
Ao leitão disputando a primazia.  
De novo entra o peru com a alcatra,  
Não cede a palma o molho de carneiro  
Ao coelho que é feito de escabeche.

Falar não quero de exquísito doce  
Por que temo que a Lyra se derreta  
Exagerando-lhe o sabor, o gosto  
No meio da carnívora caterva  
Qual o Tântalo esfaimado e furioso  
Entre estes um andava, que era espanto  
No comer, no beber sempre calado.  
A um e outro lado andar vagando  
Ninguém via esse vulto, — era um misterio!  
O vinho evaporava-se na meza,  
Na meza toda a carne se comia  
Quem era o rei no meio de tanto estrago?  
Espantados de si uns arrostavam  
Sedentos nesta grande alarvaria,  
Julgavam que o deus do apetite  
Junto d'elles de mais se aproximara.  
Mas a cauza da comezana immensa  
Era o novo *Deão*, o heroe do *Fluido* (a)  
C'o broques *invisives* guarnecido  
Ali a humanos olhos sendo occulto  
Inspirava soberbo este heroísmo.  
Do banquete passara-se á galhofa,  
Entre elles os motejos revoavam,  
De irrisorios apupos era um victima,  
Este outro se enlodava no sarcasmo  
Com trebelhas, carantolas e momas.  
O festivo *Prelado* gargalhava  
Escutando a facecia magra estúpida  
De comilão sandeu e descarado.  
Depois vinham mais unanimes risadas  
Semelhando o latir d'ageis matilhas,

---

(a) Fluido da invisibilidade, mimo do Genio das Bagatellas. — T. B.

Ou o tufão na coma dos pinheiros  
Cada um com remoques parvoices  
Contava de rapaz a sua historia  
Com frivolas visagens, rir monotono  
Com mofas chocarreiras, destampadas.  
Oh ditoso *Deão*, quanto o não foste  
Em ver por um canudo este spectaculo!  
Tu comeste, bebeste lautamente  
Melhor do que ninguem, ninguem sonhava  
Que rias da geral bufoneria.  
Deste applauso tambem as agradaveis  
Do *Bispo* as joviaes arremedilhas.  
Quão bello não te foi o grato mimo  
Que o *Genio* que prezide ás *Bagatellas*  
À terra te mandou por *Viramontes*  
No centro dos convivas a algazarra  
Se levanta ruidosa, o *Bispo* grita  
— Amigos! eu exijo uma saude!  
«Mil saudes!» — um brado inflamadissimo  
«Este brado de guerra repetia,  
«Prolonga-se outro berro mais accezo  
«Que foi morrer da meza á cabeceira.  
«Exijo uma saude pelas cinzas  
«Frias cinzas do meu finado amigo  
«O noberrimo *Lara* (diz o *Bispo*),  
«O defuncto *Deão*, cuja amizade  
«Eu perdi nas contendias do *Hyssope*.  
«Os loiros da peleja, o infindo applauso,  
«Tudo ganhei para esse meu triumpho.  
«Longas noites sonhei carros doirados  
«Voarem sobre as nuvens, e no orbe  
«Minha gloria espalharem aos vindouros.  
«Attonito, outras noites meditava  
«Na deshonra do *Lara* cavalheiro,

«E julgava a meu lado esquerdo vel-o  
« Com semblante severo, frio, palido  
« Abysmado em seu nojo a exprobar-me  
« A vergonha do seu eterno opprobrio,  
« E dizer-me — *Lencastre*, tu venceste-me  
« Mas na minha ruina não assenta  
« A victoria fugaz em que te enleias — .  
« Depois num sobressalto eu accordava  
« Antolhando porvir caliginoso;  
« Mas era a vizão só que me affligia.  
« Debalde consultei os meus agoiros,  
« E o *Lara* inconsolavel, pouco tempo  
« Depois, desceu a tumulo gelado.  
« Disto sinto remorsos, mas se o *Mattos*  
« Successor no Deado, for herdeiro  
« Da raiva e da vingança de seu Tio,  
« Então prosseguirei na vam contenda  
« Para exemplo futuro de imprudentes  
« Escarmento fatal d'essas soberbas!»

— «Mas como (diz um *ecco*) hade saber-se  
« Que *Mattos* d'esses odios é herdeiro  
« Se o *Hyssope* vos não negou ainda?»  
« — Saberemos mais tarde, o fim do anno  
« Vem prestes (diz o *Bispo*) então á Elvense  
« Igreja iremos ao Senhor dar graças;  
« Se á Porta principal negar-me a entrega  
« Do bento *Hyssope*, todos os seus tramas  
« *Dextra rubente* fulminar-lhe-heide.  
« *Appellações* que valem? eu prometo  
« Levar ao infinito esta peleja,  
« Já que quer como o Tio ficar vencido.  
« No entanto façamos mil saudes  
« Do *Lara* ás cinzas frias.» E levanta

A taça com furor ao ar, abate-a  
Depois até aos beiços e d'um folego  
Bebendo a empina toda com pé firme  
Dos convivas o bando impaciente  
Co'a demora e largueza do discurso,  
Intrepidos se erguem, brados soltam,  
Rubicundos empunham suas taças  
Solemnemente fazem a saude.

Braveja o *Mattos* todo accezo em colera  
Mas enterrar as fúrias determina  
De falerno nas amphoras larguissimas.  
Estende logo o braço vagaroso,  
Arrebata da meza uma garrafa,  
E em quanto despeja o doce liquido  
O *Prelado* magnanimo, um silencio  
Conhece que dos hospedes se apossa  
Então galhardo alegre principia  
Propondo varios casos theologicos  
Colhidos na lição do padre *Pondaç*.  
Os cazos eram muitos e galantes  
Ratos, burros, aranhas, bicharocos  
Que se encontram em fabulas esopeas  
Tudo vinha numa restea ingente  
Empeçonhar de Deus a benta caza.  
Um arteiro defendia a aranha  
Que baixando da tea, em tenuissimo  
Fio, cahia no calice sagrado.  
Tudo refutava o bom *Lencastre*  
E os seus dengues escrupulos metiam-no  
A toda a hora em novos labyrintos.  
Um outro condemnava o imbecil burro  
Que vindo compelido pela sede,  
Matal-a foi na pia d'agoa-benta.

Este outro valoroso acometia  
O faminto ratinho amedrontado,  
Que deixando o buraco pequenino  
Um sacrilego furto junto ás aras  
Comette, arrebatando a Ostia alvissima.  
E nestes desconchavos de cabeça  
A boa sociedade, entre saudes  
Deitava uma cã fora, largos annos  
Desejando ao festeiro generoso.  
Que é feito do *Deão*? O heroico *Mattos*  
Cambaleava tanto, e só cuidava  
Em safar-se d'ali, pois não sabia  
O caminho da porta e receava  
Com mui justo temor n'aquelle lance  
Que do *Fluido* o poder se evaporasse  
E descoberto ser na assemblea.  
Não é tanta a desgraça que imagina!  
No ambiente da sala de repente  
Se diffunde uma nuvem vaporosa,  
Os bispaes apozentos toda occupa;  
Ninguem vê tal phenomeno, só *Mattos*  
Pelas formas conhece *Viramontes*.  
Em prantos suffocado lhe supplica  
Que lance olhar benigno, compassivo  
A triste situação em que se achava.  
Não foi baldado o rogo, e o Gigante  
Em segredo lhe diz: «E por ti venho,  
«Conheci o horror do teu estado,  
«E o genio portentoso das Chymeras  
«Assim como te soube dar o *Fluido*  
«Tambem me manda aqui para salvar-te;  
«Mas descança, liberta-te de sustos  
«Que vãos te combatiam a coragem,  
«Agora conversemos um pedaço

«Pois desejo enteirar-me d'esta farça,  
«Dos varios episodios do banquete.»  
Começou o Deão na sua arenga  
Ora a rir, ora em pranto suffocado,  
Falando, tracejando com momices.

*Viramontes* calado e cabisbaixo  
Escutava a gostosa narrativa,  
Applaudindo o bom uzo que do *Fluido*  
Nô festim o *Deão* ledo fizera.  
No fim do aranzel infastiente  
Mostra o Gigante um buzio clamoroso  
D'alguns limos maritimos coberto:

« . . . . .  
« . . . . .  
« . . . . .

«Com elle entrei na horrida caverna  
«Do feio *Abracadabro*. O grande magico  
«Bafejando-o lhe deu grandes poderes  
«E venho 'nesta sala exp'riental-os.»

Era já no crepusculo da tarde  
Cresciam lentamente as pardas sombras  
Da noite socegada. E os convivas  
Do banquete abundante, discursavam  
Quando se escuta um ecco tão plangente  
Acompanhado d'um ethereo orvalho  
Que infiltrava o pavor nos seios d'alma,  
Que ao furor arrebatava, como o canto  
Do corvo do Oberon. Ao som do buzio  
Tocado pelos beiços do gigante  
Por effeito do orvalho tenuissimo,  
Movidos por magia, os convidados  
Ao chão enlameado se arrojam  
Em triste barafunda de-gatinhas  
Começam a mjar tão assanhados!

Já cançado o Deão d'este exercicio,  
(Pois tambem á canção não resistira)  
A *Viramontes* clama, elle o escuta,  
Eleva mais o ecco de seu buzio!  
De subito em pé se alevantaram,  
Denodados galfinham-se uns nos outros  
Beijando-se abraçando-se famintos.  
Por longo tempo só ali se ouvia  
De beijos o murmurio impertinente;  
O *Deão* que tambem entre o tumulto  
Izento não estava do feitiço  
Da *osculo-mania*, dava beijos  
Fervidos, e nojentos, repugnantes;  
Mas os que dar-lhe beijos intentavam  
Com as ventas batiam na parede!  
O mizero *Deão* já estafado  
Ao gigante pedio, que por um pouco  
O buzio estrepitoso suspendesse;  
O brado do afflicto foi ouvido,  
E o gigante roçando as largas costas  
Pela branca parede, 'num espelho  
A converteo de prompto, aonde todos  
Seus pensamentos estampados vêem.  
Em quanto os convidados se alegravam  
Em ver os communs vicios nesse quadro,  
O gigante e *Deão* d'ali se foram.

.....  
.....

Etc.

VI

Lisboa, 13-12-60

*Ill.<sup>mo</sup> Sr. Teophilo Braga*

Meu Amigo e Sr. — Estou de posse do seu prezado favor de 30 de passado. Pelo teor, e pela data é evidente que ainda não tinha chegado á mão de V. S.<sup>a</sup> a carta que lhe escrevi em 25 do dito, respondendo á sua de 9. N'aquella me entretive mais pausadamente com V. S.<sup>a</sup> do que me é possível fazel-o n'esta occasião, em que pretendo aproveitar a saida do vapor.

Como V. S.<sup>a</sup> manifesta algum interesse na questão *Carreiral* ahi lhe remetto cintados os dous opusculos que imprimi em separado, ou melhor, as duas zurzidelas com que não pude dispensar-me de fustigar aquelle impertinentissimo paspalhão, que não valendo pela sua pessoa uma pitada de tabaco, vale comtudo alguma cousa, porque é possuidor do edificio do extincto convento das Bernardas (1), onde tem, segundo elle diz, cento e vinte e sete educan-

---

(1) CONVENTO DAS BERNARDAS. Era conhecido por esta denominação o convento de Nossa Senhora da Nazaré, ao fim da rua da Esperança em Lisboa. Falecida a ultima freira o edificio foi comprado pelo professor Joaquim Lopes Carreira de Melo.

dos, que o mesmo quer dizer que ha cento e vinte e sete papalvos que lhe confiam os filhos, para elle os *educar* e ensinar-lhes as artes e sciencias pelos seus *apuradissimos* compendios! Além d'isto, tem *caleche*, e aspira a cousas muito mais altas, e se não se lhe fôr á mão, quem sabe o que d'alli virá?

V. S.<sup>a</sup> perde em não conhecer mais de perto esta alimaria, porque só então poderia avaliar a dóse de philaucia, pedantismo, ignorancia e velhacaria que contem em si aquella magrissima e nojenta figura, digna em verdade de ser cantada em um poema burlesco!

A proposito de poema, passei já pelos olhos o trecho do seu, que teve a bondade de remetter-me. Sim senhor, aqui ha muito mais de veia comica, e o episodio está assás desenvolvido, e se pécca é por achar-se em demasia particularisado! Quanto á versificação, algumas cousitas teríamos a observar, se agora d'isso tractassemos. Mas, uma vez que V. S.<sup>a</sup> quer que eu aventure tal ou qual juizo, ou melhor, que lhe declare o conceito franco e sincero que faço da sua obra, é mister que me dê algumas noções, que sinto indispensaveis. Dê-me uma idéa mais desenvolvida do argumento, isto é, da acção e marcha do poema, dos personagens que n'elle figuram, e dos principaes episodios: isto, já se vê, tão succintamente como for possivel para poupar-lhe o trabalho de longa escrita. V. S.<sup>a</sup> tem assás

de discernimento para saber o que se necessita n'este caso.

Com que V. S.<sup>a</sup> acaba de concluir um drama sobre a morte de Garção! O assumpto inspira-me desde já notavel interesse, e desejaria que me dêsse alguns pormenores a esse respeito. Seguiu V. S.<sup>a</sup> o fio historico dos acontecimentos, ou romanceou-os á vontade? Viu alguma *noticia biographica* d'aquelle infeliz poeta? Que opinião forma ácerca do motivo da prisão (1), que para mim é ainda algum tanto duvidoso?

Pena é que estejamos tão distantes, pois pelo que vejo sobrava-nos materia para palestrarmos dias, mezes e annos!

Faço ponto, porque vou ainda escrever duas cartas para o Rio de Janeiro, que hão de ir pelo paquete d'amanhã, e tenho ainda de revêr esta noute as provas da folha undecima do tomo v do *Dicc.<sup>o</sup>*, e de preparar original para a impressão da 13.<sup>a</sup> V. S.<sup>a</sup> não imagina de certo o pezo com que se vê sobrecarregado este pobre diabo!

---

(1) DO MOTIVO DA PRISÃO de *Corydon Erymanteo*, pseudónimo de Correa Garção, registou Inocência no *Dic.*, VI, pág. 386 e segs., opiniões várias. Do estudo de Teófilo, encontra-se a sua definitiva opinião na *Recapitulação da Historia da Litteratura Portuguesa. Os Arcades*. Porto, 1918, pág. 214 e segs. Camilo Castelo Branco no *Perfil do Marquez de Pombal*, occupa-se dessa prisão própria duma época de predomínio despótico.

Adeus; disponha de quem é deveras

Am.<sup>o</sup> affect.<sup>o</sup> e cr.<sup>do</sup> obg.<sup>do</sup>

*Imocencio Francisco da Silva.*

VII

R. 18:2:61 (4)

*Meu amigo e mestre*

Que o homem é um nada através do infinito, e um todo através do nada, — disse Pascal a pag. 85 dos seus *Pensamentos*; e que o Carreira é um alarve soprado pela ignorancia, e um ignorantão assanhado pelo egoismo, — digo eu depois de ter lido o seu mizero desforço, digno em verdade, d'aquelles serviços de que falla José Agostinho num dos Soliloquios do seu *Motim Litterario*, quero dizer, digno dos serviços trazeiros.

Felizmente recebi a tempo os seus dois Opusculos, e li-os com avidez n'esse mesmo instante, porque carecia de um antidoto. Não tenho expressões com que lhe agradeça a sua lembrança; mas espero no futuro, que talvez me proporcione occasião de retribuir tão expontaneos obsequios. Meu amigo, é preciso atarraxal-o quando for necessario, aliás não se consegue expelir do sanctuario das letras, certos vendilhões que nelle fazem mer-

cado. E em gente desta laya bem acerta a carapuça de Juvenal, sat. 1:

«Difficile est satyram non scribere. . . .»

Por este Vapor, receberá o Carreira uma carta que lhe fará torcer o focinho, se a ler toda, assignada por Alberto Mathias do Rego. Se desejár vel-a, remeter-lhe-hei uma copia.

Entremos no nosso elemento. Desejava muito que o meu amigo me não occultasse os seus reparos sobre a minha metrificacão. É muito chea de epithetos? recente-se de algum elmanismo? É pouco quebrada? Fale-me com sinceridade, não receie que o seu rigor me desanime, pelo contrario me obriga a sustentar o posto litterario em que lhe aprouve colocar-me. Na questãõ dos versos agudos, as minhas razões não foram mais do que uma evasiva pueril, para não ficar calado; e para minha defeza basta-me parodiar a meu modo o celebre verso de Corneille na trag. dos *Horacios*:

«Que vouliez-vous qu'il fêit contre trois?  
Qu'il mourût?»

E queria que eu lhe respondesse?

Que ficasse calado?

Bastava-me a sua advertencia para declarar proscripção eterna aos agudos em verso livre. Não me foi possivel encontrar ainda as Obras do atilado cri-

tico F. D. Gomes. Se as ha aqui, não me será mui facil obtel-as, por que estes ricaços teem os livros com boas encadernações para luxo de ostentação e ornamento de estantes; o tempo, gastam elles a indagar noticias de Inglaterra, para estarem em dia com os preços correntes da laranja. No meio desta carencia de gosto, consolo-me com o dicto de Voltaire «Toutes les places, qui tiennent à la judicature, à la finance, au commerce, ferment la porte aux beaux arts»; etc.

O avizo de V. S.<sup>a</sup> me levou a fazer algumas observações, por onde vim no conhecimento da belleza que tem os versos frequentemente quebrados. Na traducção dos *Martyres*, encontrei mais de 30 versos agudos, mas como diz o Visconde d'Almeida Garrett — esta traducção tem seus altos e baixos. O mesmo Garrett no seu poema *Camões* (que me glorio de saber quasi de côr) no fim do canto III:

«Corteja e parte logo. — Que será?»

diz que empregou este verso agudo — mui acintemente, para marcar a quebra das ideas. Nesta materia nada mais avanço, e termino com a phrase escolastica — dou as mãos á palmatoria.

Confesso, ingenuamente, que desconhecia a *Castro* do Manuel de Figueiredo (Lycidas Cynthio). Pelo nome conhecia eu o dramaturgo, e que era versado na litteratura antiga, e que ninguem levará

ao cabo uma de suas peças, disse o articulista do n.º 164 do t. iv do *Pan.*, M. J. M. T.

Raro é o nome do escriptor portuguez e ás vezes de estrangeiro que me é extranho. É uma tendencia, um caprixo da minha memoria, que um amigo me quiz explicar com este dicto espirituoso: que fui dictionario na biblioteca de Alexandria, e que depois do incendió, pela lei da transmigração vim parar em rabiscador de papel. O que prova a sentença de Horacio, Epistola x, lib. x:

«Naturam expellas furca, tamen usque recurret.»

Em vista disso não me admira destas rajadas de erudição. Tambem tenho devorado alguns livros, mas aos quatro e cinco de cada vez, sem combinar ideas, nem fazer digestão. Vale-me a sciencia local que fico tendo nos livros que me passaram pela mão. Li com avidéz a sua biographia, e conservo de memoria alguns apontamentos; estranhei a falta do seu retrato, mas queixo-me contra a sua modestia. Um logar commum dos nossos primeiros annos ali encontrei, é uma certa habilidade para a pintura, mas que o tempo desvanece.

Emquanto aguardei a resposta da minha ultima de 3o de Novembro de 6o, escrevi outro drama em 3 actos, pautado pelo Frei Luiz de Sousa, a que dei o nome de *Quita* (1), e que versa sobre os amores

---

(1) *Quita*, drama em 3 actos. Teófilo informou Supico:

occultos do poeta, com Tircêa, e envenamento propinado — dizem — pelo Dr. Baltazar Tara, marido de D. Thereza Theodora de Alvim. O assumpto inspirou-me bastante, e comecei-o fazendo escrever o poeta os primeiros oito versos do Idyllo ix da pag. 151, 1.º tom.

Por aqui vê que são os homens de letras os meus heroes.

Já fiz um largo e enfadonho romance sobre Gil Vicente, publicado no *Santelmo*, com o titulo de *Um auto por desaggravo*, e outro sobre o poeta Chiado, chamado *Lembranças de melhor tempo*. Conheço o interesse que o amigo tem sobre o drama do Garção.

Segui o fio dos acontecimentos, com algumas liberdades, que são a moldura do quadro, e que revelarei depois.

Vi uma noticia sobre a sua morte na primeira nota ao *Auto de Gil Vicente*, de Garrett (obr. de Garr., t. III), que o meu amigo perfeitamente conhece, e me dirá depois se são verdadeiras aquellas

---

— «O Teatro Académico está em baixo. Nomeou-se novo Conselho de que o Dr. Filipe do [Quental] é presidente. Êle pretende também pôr em scena um drama em três actos, meu, chamado *Quita*.» Supico, loc. cit., pág. 145.

Acêrca de Domingos dos Reis Quita, escreveu Teófilo as págs. 258 a 277 da *Recapitulação da História da Literatura Portuguesa. IV. Os Arcades*.

cauzas e aquelles dados. Do drama, nada posso dizer nesta por que temo me falte o espaço, e reservo falar noutra occasião, exclusivamente do drama. Desejava que o meu amigo me esclarecesse acerca do sitio da morada do poeta. Pelos seus versos sei que era na Fonte Santa; será pois este logar, aquelle de que faz menção o Padre Agostinho Rebello (1), em Villa Nova de Gaya, e cujas agoas foram analysadas pelo Dr. Antonio Francisco da Silva (2)?

Sobre a 1 Epistola do Garção, pensei como V. S.<sup>a</sup> mas até então não tenho authoridade em que me apoiasse.

Cauzou-me largas conjecturas, o verso:

«As aureas cordas fere, escreve a Olino.»

O nome arcadico de Garção, era Corydon Erymantheo e não Olino. Pareceu-me algum tempo ser

---

(1) DOUTOR AGOSTINHO REBELO DA COSTA, presbitero secular, autor da *Descripção topographica e historica da cidade do Porto, que contem a sua origem, situação e antiguidades; a magnificencia dos seus templos, mosteiros, hospitaes, ruas, praças, edificios e fontes, etc.* Pôrto, Oficina de Antonio Álvares Ribeiro, 1788.

(2) ANTONIO FRANCISCO DA SILVA PORTO, médico no Pôrto, autor do *Exame medico-chimico dos contentos de uma agua mineral descoberta haverá doze anos em Villa Nova de Gaia, feito em Outubro de 1763.* Porto, por Francisco Mendes Lima, 1764.

isto lavra de Nuno A. Pereira Pato Moniz(1), que na Eschola meio-arcadica, meio Elmanista, entre o reinado de D. Maria I e a regencia de D. João VI, era conhecido pelo nome de Oleno. Um lapso typographico poderia ter mudado o *e* em *i*. Desfez-se esta idea, porque J. M. da Costa e Silva, nota-o com um dos melhores lyricos do seu tempo, e a Epistola não é das mais correctas. Garção, morreu no Limoeiro a 10 de Novembro de 1772, e Oleno morreu degredado na Ilha do Fogo em 1827. Ignoro a data do nascimento do auctor do *Exame Analytico*, para ver se podia ser ella algum ensaio da sua infancia poetica submetido á correcção do auctor da *Fala do Duque de Coimbra*.

Outro favor imploro á sua extrema bondade; é que me aclarei as cauzas do suicidio de Claudio Manuel da Costa(2) (Lycidas Cinthio digo Lanceste Saturnio). Pressinto que nisso ha assumpto para...

---

(1) NUNO ALVARES PEREIRA PATO MONIZ, poeta e literato do século XVIII, acêrca de quem Inocência escreveu as págs. 304 a 311 do VI vol. do *Dic. Bibl.*

(2) CLAUDIO MANOEL DA COSTA, poeta brasileiro, literariamente «descendente de Ronsard, que leu Boileau e Voltaire», na opinião de Ronald de Carvalho, — «Claudio era um artista inigualavel conhecedor dos segredos do seu mistér. Seus sonetos são, entretanto, de uma semelhança absurda», pois «a côr do seu estilo é pálida, não tem cambiantes, nem matizes imprevistos: é a de um diamante com um único reflexo para tôdas as facetas.» *Pequena Historia da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, 1919, pág. 165.

Vamos agora falar do nosso poema. Não é necessario citar a guerra dos ratos e das rãs, ou a *Batrachomyomachia* de Homero, os *Aimali Parlanti* de Casti, o *Phaetonte* de Zacharias, *Hudibras* de Buttler, *Vert-Vert* de Greset, nem ajuntar o nome de Tassoni, Voltaire, Pope, Despreaux e Diniz, como cultores deste genero; tracta-se de tallhar uns cueiros para um recém-nascido membro desta grande familia, que não conhece que graus de consanguinidade tem com tão atravessada parentella.

Limito-me a resumir os argumentos de cada canto, por onde se pode fazer uma idea, como pela planta, de um edificio.

Canto I. — Depois da invocação aparece a sombra de Lara instigando o sobrinho a continuar a guerra do *Hyssope*. Revela-lhe os seus flagicios. Acorda o Matos, e ergue-se, corre á janella atrahido pelos roncões de um enorme porco. Descobre no ar a Excellencia em lucta com a Senhoria; intervem o Genio das Bagatellas. Sentença do Genio desterrando por algum tempo a Excellencia, e assegura o futuro triumpho da Senhoria.

Canto II. — Está o Bispo deitado em seus molles colchões. Suas vizões. Entra no quarto um domestico a acordal-o. Suppõe o Prelado que é o incendio do palacio, crê que é algum raio do Vaticano que cae sobre nossos reinos. Entra o seu barbeiro, o *Casadinho*, para fazer-lhe a coroa. Discursa

sobre o pregador Arronches. Soa a hora do almoço, sequito que o acompanha á mesa; expõe o Bispo ali as suas glórias. Desce a Lisonja ao Paiz da Dependencia e depois de se haver banhado no lago da Adulação, transforma-se em caçador, mata tres codornizes e vai com ellas esperar o Deão que sae do coro. Ufano com tão bello acepipe para o almoço mal mastiga a primeira dentada, conhece o trama, vomita e lança ao gato o resto. Este vai para os telhados do Bispo miar constantemente. Dormindo a sesta, aparece ao Deão o tio.

Canto III. — Retrato da Indolencia sentada á cabeceira do Deão. Discripção de uma caixa de tabaco. Acorda Mattos e toma uma solemne pitada. Elogios á boceta que herdou do tio. Por effeito da pitada vê o Bispo sentado no bacio. Affasta a vista d'este quadro e vê Elpino com a lyra debaixo do braço para cantar o Lara; queixa-se então de não ter tambem um cantor. Alonga a vista para a solidão do futuro e descobre o que hade exaltar uma bandurra. Logo que a Indolencia lhe tenta cerrar os olhos aparece o galo assado, revela-lhe o seu triumpho e conta a metamorphose de Alectia. Bate as azas e deixa um ovo a rolar no sobrado. Tenta o Deão apanhal-o, este estoira e aparece o gigante *Viramontes* com a garrafa do *Fluido da invisibilidade* para ir ao banquete do Bispo.

Canto IV. — Descripção do reino do Orgulho. Sciencia do magico Arvolante. Traz a Senhoria

uma mensagem a este reino. Disputa no congresso. Vai o Gonsalves offerecer-se ao Deão para ir escrever na parede do Bispo um novo *Mane, Thcel, Phares*, com massa phosphorica. Desce á terra o Orgulho a soprar ao ouvido do Deão.

Canto V. — Esfrega o Mattos a testa com o *Fluido*. Transição para o estado latente. Entra na officina do Casadinho. Character do barbeiro. Titulos das suas obras, como *Siringa Espiritual, Espeque theologico (a)* etc. Entra o Deão as salas do Bispo. Saudações dos convidados ao festeiro Soneto gongorico. Vão para a meza.

Canto VI. — (Vid. o Fragmento.) Ao anoitecer aparecem as letras do phosforo que são um agoiro funesto para o Prelado. Accendem-se as luzes, as letras desaparecem.

Canto VII. — Viagem aérea do Deão. Desce a um inferno dum systema não dantesco. Para chegar a este lugar, lança o gigante um novello pela superficie das agoas, e por sobre esse fio caminham a pé enchuto. Não podem estar na mansão dos tormentos se não um certo tempo, passado o qual lá ficam pelas custas. Demora-se o Deão a ver os soffrimentos do Tio pelo fundo de uma agulha. Quando iam para sair, já estava cerrada a porta; ergueu então o gigante um vôo e subindo com o Deão entrou no alcaçar do futuro, onde sobre uma

---

(a) Não acha que cabiam aqui as Obras de Carreira? — T. B.

pyra vêem um livro incombustível. Viramontes volve a primeira pagina e lê a vida sentimental do cantor de Matos. Satisfeito o Deão pertende voltar a pagina seguinte, pela-se nos dedos, e raivoso maldiz a loucura desta van contenda.

Canto VIII. — Vem o chá e os doces para o serão do Bispo. Accende-se a rivalidade entre o reino do orgulho e o das Chimeras. Defende o primeiro o Bispo, o segundo o Deão. Vem á terra um mensageiro do orgulho offerter ao Bispo um *prizma aeriô* para observar as excursões do Deão. Os convidados papam tudo enquanto Lencastre está com os olhos fitos no tecto. No alcaçar do futuro Viramontes volta a pagina do livro incombustível, e vem o Deão da Egreja angrense amotinando o seu Bispado. Contenda entre o Machado e Barros como candidatos ao priorado da matriz de Ponta Delgada. Disputa entre o Diogo, sobrinho do dito Deão, mestre da capella, negando o compasso a um musico michaelense. Chama o Prelado um amigo para ver estes quadros, mas logo que lhe entrega o *prisma*, este derrete-se lhe nas mãos deixando um odor suave de ambrosia.

Canto IX. — Desce á terra o Deão. Considerações sobre o ultimo dia do anno. Vai o Bispo dar graças ao templo e não encontra á porta o Hyssope. Depois da cerimonia retira-se o Bispo bravejando, e os amigos perderam a cea do estylo. O Prelado convida-os para o almoço do dia seguinte. Relata

um sonho em que viu a Excellencia voltar do seu desterro. Esperanças do triumpho. Conselho dos familiares.

Canto X. — Cea do Mattos aos seus amigos pelo bom successo da peleja. A Ira (divindade do reino do Orgulho) rouba ao Deão o *Fluido* e vai offercel-o ao Bispo. Vem o prelado á cea e ouve boquiaberto os motejos contra a sua derrota. Vai o Deão á secreta fazer alijação, e debaixo uma voz, que era a do Tio, manda apellar para onde Themis preside, e vaticina o mais a acontecer. A Fama arrebatá o auctor ao tribunal da Posteridade, onde preside Caliope; acusa-o o Estro. Diniz o defende. Deseja o Deão mandar tocar o sino grande, e para desafronta manda o Bispo fazer um paliteiro semelhante a um Hyssope, para ter á sua mesa.

---

Eis o que julguei conveniente para ajuizar da urdidura do poema; os 3319 §§ em que está tratado tem de passar outra vez pelo cadinho. Não me esquecerei de falar largamente do meu pobre Ermita d'Agoas-Santas, por que não me permite agora o espaço.

Desculpe o meu amigo esta prolixidade; ainda vou começar o canto II de um poema romantico — *Os Doze de Inglaterra* (1), tractado já pelo Vis-

---

(1) OS DOZE DE INGLATERRA. Poesia impressa no Porto, Imprensa Moderna, 1902.

conde d'Almeida Garrett. Disse elle que o afundaram as balas inimigas no Cerco do Porto, no seu patrio rio. Esta circumstancia forneceu-me um brilhante episodio (no pensamento e não na forma). Alguem diz que os Ingleses lh'o compraram, para não verem menoscabados os seus brios nacionaes; em todo o cazo o poema falta e é necessario:

«Votar a rude lyra aos patrios feitos».

Muito ainda teriamos que conversar, se não receiasse enfadal-o, e se não estivesse convencido que com isto lhe rouba o tempo precioso, o seu

Ponta Delgada,  
6 de Janeiro de 1861.

*Theophilo Braga.*

## VIII

R. 18:2:61 (5)

### *Meu mestre e amigo*

Agora que acabo de levantar-me de uma doença que me deixou quasi *in articulo mortis*, me recordo que lhe prometi falar exclusivamente de dramas, e diz o rifão, que o prometido é devido. Versa a questão sobre o meu mal alinhavado *Ermita de Agoas Santas*. Antes de entrarmos na materia convem

preambular um pouco; é um costume que tenho, e que não posso perder.

Percorrendo os meus papeis velhos, para completar uma *Viagem ao redor do meu Tinteiro* (1) (romance humorístico da escola de Stern, Goëthe, Maistre, Karr e Garrett, que nella se matriculou com as *Viagens na minha Terra*), encontrei não menos de Tres Tragedias, e uma quarta em embrião, sobre *Maria Telles* (2), com suas pretensões a *Othelo*. Ri-me com compaixão de mim mesmo, ao ver tanto disparate dramatico. Em todas ellas, era quebrada a lei inexoravel da unidade de acção. Das tres unidades, esta principalmente é um terrivel espantalho para uma dubia vocação, e a não ser Lamolhe, que as proscreeve, não sei se abandonaria a senda, pelos terrores em que me mete Voltaire. Mas este rigorismo entende-se só com a tragedia classica, e não com o Drama. No pobre *Ermita* passa-se o 1.º acto na Fonte Santa, em casa do Garção, o 2.º, num baile de D. Leonor d'Almeida (Alcipe).

O 3.º passa-se n'uma azinhaga.

E o 4.º no Limoeiro.

Se em Lisboa é que se passa a acção, que lei

---

(1) VIAGEM AO REDOR DO MEU TINTEIRO, romance humorístico. Deve pertencer ao número das primicias literárias, que Teófilo inutilizou.

(2) MARIA TELLES. Tragédia. Idem.

dramática pode obrigar a eu cerra-la no pequeno ambito de uma caza, e por muito favor de Voltaire, correr òs quartos d'ella?

No *Quita* acontece o mesmo. O 1.<sup>o</sup> acto passa-se em casa do poeta, e os 2 ultimos em caza do Dr. Tara.

Se as supramencionadas leis me condemnam estas liberdades, lançarei á fogueira o *Guerreiro da Cruz Vermelha*, o *Noivado e tumba*, *Claustro e Saudade*, *O Cataleptico*, *Banquete de Alem Tumulo*, e outros ensaios, ainda não sufficientes para a perfeição destas velleidades.

Assim discorria, quando me lembrei, que para dar-lhe uma ampla idea, necessitava folhear o drama. Com effeito abri-o mas á vista dos meus gatimanhos desfaleci, e faltou-me logo a paciencia para fazer uma circumstanciada synopse.

Este tedio, nasce de estar convencido que no meio d'este incendio do estro, não devo como a familia de Loth, olhar para traz, porque me arrisco a ficar petrificado deante de tanta miseria. Explicar-me-hia melhor com a imagem dantesca do naufrago, que saindo das ondas, tem medo de encal-as.

O fundamento do Drama, já o meu amigo o sabe, os outros pontos historicos, á roda dos quaes doideja a phantasia, são: No acto 1.<sup>o</sup> o soneto XLIII, por onde se conhece a doença de Garção. Os sonetos XXI e XXVI, por onde se notam as miserias do-

mesticas do poeta. No acto 2.<sup>o</sup> servio-me a Ode xiv, pag. 97. No 3.<sup>o</sup> a Fala do Duque de Coimbra, pag. 164. O 4.<sup>o</sup> é a prova real de todas as operações.

No *Quita*, são personagens o poeta, Dr. Tara, D. Thereza Theodora de Alvim, Alfeno Cynthio, Piedegache, um creado, uma creada. Epoque 1770. O facto do envenenamento será duvidoso para alguém. Alfeno Cynthio o insinua na sua Ecloga ultima, Costa e Silva o admite, e eu o creio firmemente.

Para lhe esgotar a paciencia, vou falar outra vez do *Hyssope*. Direi que vou refundil-o, e que lhe imploro toda a severidade no seu juizo. Visto falarmos em poemas heroi-comicos, ajuntarei que acabo de compor 3200 versos no espaço de dez dias da minha convalescença, e que formam uma ethopea em dez cantos, que em rigor não sei classificar-a. *As Ceas de Nero* (1) são um mixto de quadros lascivos e sentimentaes, são a pintura das devassi-

---

(1) CEIAS DE NERO, «representam a devassidão do império no seu maior auge». — Cf. Teixeira Bastos, loc. cit., pág. 65.

Em 1861 escrevia a Supico: — «Quanto às *Ceias de Nero*, se as puder publicar, tenho de cobrir com um véo diáfano a obscenidade. O Inocência gostou da abertura dos cantos, única cousa que lhe deixei vêr.» — Loc. cit., pág. 148. — Tres anos depois: — «Fiz a leitura [a Gomes Monteiro] d'As *Ceias*

dões de Roma, e o retrato de Seneca moribundo, de Lucano e de Petronio, vitimas do mesmo golpe. Se me fosse permitido publical-o já diriam alguns criticos, que n'elle quiz ostentar por vaidade pueril, um cabedal de erudição dos poetas latinos incompativel com a minha idade. Por isso não lhe escrevi uma minima nota; deixo o campo intacto para os commentadores que desejando mostrar o seu saber, apoucam a originalidade do auctor.

Tambem poderia ter coberto a obscenidade com um veo diaphano, mas esse mesmo lh'o tirei fiado na verdade do dito de Marcial (lib. 1.º Epig. 5) *Lasciva est nobis pagina, vita proba!*

Em outra occasião lhe remeterei algum excerpto que condiga com a sua gravidade, e folgarei sempre de assignar-me de V. Ex.ª

seu discipulo e amigo

Ponta Delgada,  
6 de Fevereiro de 61

*Theophilo Braga.*

P. S. — Embora não me manifestasse desejo de

---

*de Nero*, poemeto em quatro pequenos cantos, êle gostou muito.» — Cf. loc. cit., pág. 221.

Foi publicado no volume *Tempestades Sonoras*.

Pinheiro Chagas escreveu a propósito: — «Neste poemeto há uma veemência de lirismo, um tão perfeito tom da era, que nos espanta.» Camilo Castelo Branco classifica-o de «brilhante poema». — Cf. *Esboços de apreciações literárias*.

ler a carta que fez torcer o focinho ao Carreira, tomo a liberdade de copial-a aqui:

«III.<sup>o</sup> Sr. Carreira.— Começo por pedir-lhe que lea esta de cabo a rabo, por que sei que a sua modestia o impedirá disso. Sou um homem que votei culto a todos os talentos transcendentales, ainda mesmo em porcarias. Por esta ultima razão, é o Sr. digno das minhas zumbaías. Pascal (conhece o philosopho?) imaginava ter ao seu lado esquerdo um abysmo, e punha cadeiras para esse lado, gritava que lhe accodissem. V. S.<sup>a</sup> julga ter no Innocencio um leão, e forceja por fustigal-o com uma palha. Aquella mania de Pascal, provinha do risco em que estive de ser precipitado do seu *caleche* da Ponte de Neilly, e a do Sr. por cauza do distincto bibliographo lhe fazer os officios como devia. Acha que ha nisso injustiça?

«Olhe para si e veja o chorrillo de parvoices que tem lançado ao sorvedoiro da imprensa, e que serão o seu eterno labeu. Sigo a regra de Pope, que um mau escriptor é ordinariamente um homem mau.

«V. S.<sup>a</sup> presa-se de ter feito relevantes serviços ao paiz! Eu me benzo deante de tão impia blasphemia. Os seus Compendios têm pervertido a Instrucção e com elles desmoralizou o Conselho Superior. Uma coisa lhe digo, é que se podem escrever ninharias, dignas de applauso. Isto conseguiu Catullo pranteando a morte do pardalsinho de Lesbia, e o melhor lyrico inglez Gray (Od. 2.<sup>a</sup>), lamentando a sorte de uma gata valida, que se affogou num tanque de peixes. Os seus compendios são um primor de litteratura que escurecem tudo isto.

«Nos Caracteres de Theophrasto e La Bruyère, ainda não achei mascara que lhe servisse. Por ventura será o Sr. um typo original? É! Como candidato a deputado proposto por si mesmo aos habitantes de Soure, como rabiscador de

officio, fazedor de armadilhas aos patacos dos paes de familia, é digno de toda a consideração.

«Sabe a que o comparo? A um daqueles frades da idade media que se entretinham, com piedoso labor a raspar os pergaminhos de Sapho e Simonides, para nelles escreverem as suas jaculatorias. Aproprie isto aos seus Compendios. Se um Petrarcha, um Poggio, um Boccacio se queixam de impiedade (que a estes comparo os criticos que o azurragam) bate na testa e escreve *justos desforços*.

«Se communga a maxima de Napoleão, que todo o homem deve deixar um vestigio da sua passagem na terra, contente-se com os seus compendios, aos quaes vejo que applica o distico da Academia dos Singulares:

*Solaque non possunt hæc monumenta mori*

e eu applico-lhe o *trunciat inutilia* da veneranda Arcadia. Mas por que clama que o querem apoucar? Alguma vez uma cifra perdeu o seu valor?

«Crea nesta sinceridade, e será bom que evite essas tristes figuras que faz, deixando de escrevinhar. Não tema aquelle dicto de Seneca:

*Otium sine litteris mors est, et vivi homini sepultura.*

Por que V. S.<sup>a</sup> pode dormir á sombra de suas glorias.

«Acabe com o seu insipido jornal, feche-se nas Bernardas, e será ministro e Conselheiro de estado algum dia. Lá o irão procurar, como canta Aurelio Victor do bom Cincinato.

«Se acha que isto tem replica responda pelos jornaes ao que foi — seu constante leitor — *Mathias Alberto do Rego.*»

IX

Lisboa, 18  $\frac{18}{2}$  61

*Meu caro poeta*

Os multiplicados e sempre crescentes afazeres que me circumdam n'esta vida mais que prosaica, e que me trazem pouco menos que *bestificado* (perdoe-me a expressão) fizeram que me escapasse a sahida do *Açoriano* em Janeiro passado, sem accusar como devia o seu favor de 6 do dito mez, e sem responder consequentemente a algum dos pontos sobre que lhe aprouve interrogar-me. Desculpe-me pois esta falta involuntaria, e filha da necessidade. Agora mesmo, a urgencia e angustia do tempo não me deixarão ser tão extenso quanto desejara, para satisfazer de algum modo ao que seria mister. Recibi a sua de 6 do corrente, e n'ella a desagradavel noticia da sua enfermidade, que mais me penalisara se não trouxesse como correctivo a certeza de que ia já em caminho de completo restabelecimento. Poupe-se, meu amigo; não cansarei em repetir-lh'o. Attente que na idade em que se acha é mister não forçar a natureza a caminhar com grande pressa, e a passos gigantescos. Tenha presentes os exemplos de um Pascal, de um Spinoza, de um Pic de Mirandola, de tantos outros, que com prejuizo proprio e da humanidade se finaram em annos ver-

des, consumindo a vida com o excesso das fadigas intellectuaes a que se entregaram, como se ella não fôra já de si tão curta e tão precaria! Para não sahirnos de casa, veja o que ainda agora acontece com Lopes de Mendonça (1)!

O nosso *estimavel* Carreira aqui vae continuando a fazer das suas, como homem em quem o sangue já não sobe desde muito tempo o caminho da cara! (Assim o qualificou agora o meu amigo Rodrigues de Gusmão (2) fallando-me d'este meliante em uma de suas cartas.) Não teve nem terá resposta, pôde estar d'isso certo, o *Carreira por uma vez*: mas em desforra publicou agora sob o bem achado pseudonymo de Zebedeu 2.<sup>o</sup> um *Leão da Litteratura*, cousa muito para ver, em que me descompõe e chasquêa á sua moda, com pretensões a *gracioso*, e a *homem d'espirito*! É uma verdadeira miseria!

---

(1) ANTÓNIO PEDRO LOPES DE MENDONÇA. Jornalista e escritor de merecimento na sua época. «Os estudos imoderados e activissimos a que se entregou durante alguns meses, no intuito de preparar-se para o bom desempenho do magistério, enfraqueceram gradualmente as suas forças intellectuais. Cinco anos viveu em perfeita loucura. — Cf. Inocência, *Dic. Bibl.*, VIII, pág. 267.

(2) FRANCISCO ANTÓNIO RODRIGUES DE GUSMÃO. Tem biobibliografia publicada no *Dic. Bibl.*, II, pág. 343, e IX, pág. 258. É muitíssimo vasta e interessante a sua correspondência para Inocência F. da Silva, a qual formará um volume do *Epistolário Português*, colecção que penso publicar.

E o peor é que para tanto foi-lhe necessario buscar um Cyrenéo entre os professores do *quasi real collegio*, que lá lhe atamancou a cousa, com uma *introdução* de lavra propria, ficando tudo o mais Carreira nu e cru. Deixemos este jumento que já me enfastia de sobra. V. S.<sup>a</sup> não forma ainda uma idéa aproximada do que elle seja. Se podessemes conversar a este respeito, eu lhe mostraria cousas que o encheriam de pasmo, e tomaria então uma boa pelle de riso!

Saberá que os Srs. Castros, editores do *Archivo Pittoresco* (para o qual dei ha pouco uma noticia biographica do nosso quasi esquecido poeta Santos e Silva) tractam agora de realisar uma nova edição critica, commentada, e illustrada com gravuras, do *Hyssope*. Propuzeram-me a tarefa de dispôl-a, e annotal-a, o que acceitei, em vista dos subsidios que tenho para esse fim reunidos; e a obra vae começar em Março, completa que seja a das *Poesias* de Tolentino, que bastante se ha demorado pela inevitavel falta das gravuras!

Vindo agora ás suas cartas, sou obrigado a restringir-me ao assumpto *Garção*, deixando o mais para outro ensejo.

Quanto ás preconisadas *unidades*, creio ser a da acção indispensavel em todo o caso. Das outras prescinde-se mais ou menos; se ellas podessem guardar-se intactas, seria *ouro sobre azul*; mas se tal não é possivel, ao menos em muitos casos, pa-

rece-me que a eschola moderna teve assás de rasão abandonando-as, como já de ha muito o haviam feito hespanhoes, inglezes e allemães, e até nós portuguezes. Não tem o meu am.<sup>o</sup> visto, por exemplo, as vulgarissimas tragedias (aqui, pelo menos) de Manuel Caetano Pimenta de Aguiar(1)? E é por ventura pela falta da unidade de logar que ellas deixam de ser o que deviam? A proposito, diga-me, tem lido como é de suppôr, o prologo de Victor Hugo ao seu drama *Cromwel*, em que ha tanto que aproveitar?

A nota que Garrett escreveu ácerca do Garção, não passa quantô a mim, de um brilhante improviso romanceado á sua moda, e mais nada. Ainda não sei onde elle foi buscar a celebre denominação *Eremita d'Agoas Sanctas*. — Garção assistia no sitio chamado a *Fonte Sancta* (por virtude de uma, que alli havia, e que por signal seccou haverá seis ou oito annos). Esta fonte, extra muros de Lisboa, ficava contigua pela parte debaixo ao cemiterio do Alto dos Prazeres(2), e á borda da estrada. Nada

---

(1) MANUEL CAETANO PIMENTA DE AGUIAR, poeta madeirense. Escreveu algumas tragédias com « originalidade ». Foi um perseguido dos miguelistas. Cf. Sousa Bastos, *Carteira do Artista*, pág. 192.

(2) Pelo CASAMENTO DO ARCADE CORREIA GARÇÃO com D. Maria Ana Xavier Frois Mascarenhas de Sande Salema, — da casa dos Salemas de Alcácer do Sal, — lhe veio em

tem de commum com o logar em Villa Nova de Gaia, junto ao Porto, mencionado por Agostinho Rebello, nem com as aguas analysadas pelo dr. Antonio Francisco da Silva. —

Na *Fonte Sancta* estive eu sentado bastantes vezes, quando em annos mais verdes frequentava a miudo aquelle sitio, attrahido pelas recordações do infeliz poeta: e ha hoje talvez vinte, que eu e outro amigo consumimos uma tarde de verão em busca de uma pedra, que devia existir por ali algures, e não pudemos encontrar, na qual o Garção (contava o meu amigo Assentis) mandara gravar o seguinte epitaphio, para servir de campa na sepultura de um cão, que muito estimava:

Aqui jaz um malhado, bom rafeiro,  
Achilles dos mastins da Fonte Sancta:  
Amigo de seu dono verdadeiro,  
Que n'estes versos inda triste o canta:  
Valente, cavalheiro, enamorado,  
Morreu d'amor, dos brincos estafado!

E pois que estamos com versos, talvez não tenha conhecimento do seguinte soneto, dirigido pelo Garção ao seu amigo Diniz, poucos dias depois de achar-se na prisão: tinha-o, com varias poesias ine-

---

dote, ao poeta, uma quinta nos arredores daquela vila e «muitos fóros no sitio da Fonte Santa, em Lisboa». Cf. Inocêncio, *Dic. Bibl.*, pág. 386.

ditas do nosso infeliz árcade, as quaes com outras deviam entrar em uma nova edição que dos seus versos preparava um seu neto, José Maria Stockler Salema Garção, que eu conheci e tratei, nascido seis ou sete annos depois da morte do avô, com quem muito se parecia, segundo o retrato que este nos deixou de si na Satira 1.<sup>a</sup>, menos no talento! comtudo, era excellente pessoa. Morreu ha poucos annos. — Ahí vae o soneto:

Quinze vezes a aurora tem rompido,  
E accendi outras tantas a candeia (1),

O motivo a que Garrett se lembrou de attribuir a prisão, tenho eu por uma redonda fabula. Joaquim Machado de Castro, o estatuario de El-Rei D. José, tomou conta do projecto em fins de 1770, e principiou a dar-lhe andamento no principio do anno seguinte, ninguem se lembrava ainda de pôr o busto do Marquez no pedestal, que estava primeiramente destinado ser lizo, e sem ornato algum. A estatua collocou-se em 6 de junho de 1775. Como pois Garção adivinhava em Abril de 1771 que o marquez intentava pôr alli o seu retrato? Esta cousa é semelhante á que outros allegaram, dizendo

---

(1) Está hoje provado que este soneto é de José António de Brito, poeta amigo íntimo de Denis, e muito protegido pelo Conde de S. Lourenço. — T. B.

que Garção incorrera nas iras do Marquez em razão de artigos que escrevêra na *Gazeta de Lisboa*, da qual foi redactor nos annos de 1761 e 1762, quando o facto é, que a *Gazeta* foi mandada suspender ainda n'este ultimo anno, e nunca mais se publicou até Agosto de 1778. Para longe demorou Pombal os effeitos do seu desagrado, mandando proceder contra o poeta ao fim de nove annos!

O que sempre passou como tradição corrente na familia do poeta, é que este fôra preso pela culpa de ter escripto a tal carta em inglez, pedida por um amigo dos que lhe frequentavam a casa e que dizem *era casado*: dizem mais que a carta era dirigida a uma filha do coronel inglez Mac-Lean, visinho e tambem amigo do poeta (o mesmo com quem este fala no verso segundo da Ode 21.<sup>a</sup>); que este surprehendera a carta na mão da filha, e que reconhecendo a letra fôra queixar-se a Pombal, etc. — Parece que este andava já desgostoso com o poeta, pelas suas intimidades com os Padres da casa das Necessidades, que elle marquez olhava como inimigos do seu ministerio, e não sem razão.

É tambem inexacto dizer-se na tal nota que a ordem de soltura só se expedira depois de morto o poeta. O facto é, que achando-se elle perigosamente enfermo, a mulher solicitou a permissão de transportal-o para casa, e depois de muitas diligencias o conseguiu, passando-se a ordem de soltura, ou remoção, a qual ella foi levar ao Limoeiro na

manhã de 10 de Novembro; porem o Garção estava já nos paroxismos da morte, e não pode aproveitar-se da graça, falecendo n'essa mesma tarde! Isto é o que me contava o neto, que tinha boas razões de o saber.

Quando lhe imprimiram as obras em 1778, os parentes vingaram-se supprimindo varias poesias, em que elle elogiara Pombal, das quaes se conservam algumas manuscriptas, entre ellas uma soberba Epistola, feliz imitação da 1.<sup>a</sup> do Livro 2.<sup>o</sup> de Horacio.

Lembro-lhe para o que lhe convier, que D. Leonor de Almeida (1) foi em 1760 recolhida com sua mãe a Marquiza d'Alorna e sua irmã no mosteiro de Chellas por ordem de Pombal, e que só de lá sahiram quando foram soltos os presos de estado pela rainha em 1777. — Como findou o papel, fique o resto para outra vez.

Seu do C.

*Innocencio Francisco da Silva.*

---

(1) D. LEONOR DE ALMEIDA, *Alcipe*. Foi a Marquiza de Alorna a iniciadora do proto-romantismo em Portugal, motivo este de especial estudo e carinhosa simpatia de Teófilo. Escreveu a seu respeito a introdução ao livro de D. Olga Moraes Sarmiento sobre *A Marquiza de Alorna*, e algumas páginas na *Recapitulação da Historia da Litteratura Portuguesa. Os Arcades*. Porto, 1918.

X

R. 9: 6: 61 (5)  
Porto, 14 de Abril, de 61

*Meu carissimo amigo*

Se era bello o ideal que formava da sua pessoa antes de conhecê-lo(1), melhor o achei no tracto lhano e afavel com que me aturou as minhas tremendas massadas. Confesso que julguei até certo tempo, que esses homens de letras prodigios de saber, crendo-se e com razão, emanação mais directa da divindade, não admitiam á sua presença qualquer profano; enganei-me, e vim encontrar no meu amigo este erro certificado.

Conhecendo cada vez mais a sinceridade das suas expressões, e prezando-o não só por instincto, mas agora tambem por necessidade, isto me leva a interromper por um pouco as suas meditações, para dar-lhe algumas noticias minhas. Dir-lhe-hei primeiramente que parto amanhã (15) para Coimbra n'um Estafete, tendo chegado aqui no dia 3(2);

---

(1) DO PRIMEIRO ENCONTRO DE TEÓFILO COM Inocência, registou o facto em carta a Supico. Cf. *Mocidade de Teófilo*, pág. 134, reproduzida a passagem na *Nota bibliográfica* dêste livro.

(2) DA VIAGEM DE TEÓFILO PARA O PORTO. Escreveu a Supico: — «Cheguei no vapor *Luçitania*, às 9 da manhã, de 3 de

por consequencia demorei-me alguns dias, não poucos, para conhecer o character dos invictos tripeiros. Escuso repetir-lhe quanta insolencia os domina.

Não imagina a economia com que vivi durante estes doze dias. Falo-lhe com franqueza porque a nossa amizade me impelle a isso: gastei 100 réis diariamente em almoço e jantar abundantes, porque arranchei com os sargentos do Regimento de Infantaria 18, onde tenho dois irmãos.

Foi aqui que se me reanimou o estro, que se apagára totalmente em Lisboa. Para alivio de algumas horas de tedio que me flagelaram, me lancei a rimar o mesmo *Hyssope*. Não sei se o submetta todo a esta operação. O seu parecer me decidirá, no entanto apresento-lhe esta amostra:

## CANTO PRIMEIRO

1

Tu muza caprichosa não me escutas,  
Do estro dos percipicios mais te elevas?  
Suspende os sons que trepida executas,  
Cantemos ao *Hyssope* as novas luctas,  
E do mysterio me dissipa as trevas.

---

Abril, vindo uma noite sôbre o convés com uma constipação que me passou com o máximo frio que um mesquinho vivente pode sentir.» Cf. *Mocidade de Teófilo*, pág. 136.

II

Num delyrio encendido hoje me sinto,  
Da lyra as cordas poucas não temperas?  
Divizo agora um vulto mais distincto  
A divagar no invio labyrintho  
Na penumbra do Imperio das Chimeras

III

Quem será? — É do Lara a sombra inulta,  
Que sae do tumulo em vizões nocturnas;  
Eis a Excellencia que risonho exulta  
Ao ver que o seu triumpho muito avulta  
Da Senhoria em queixas tão soturnas.

IV

Muza d'heroes p'ra heroes me afina o plecto  
Se o valor marcial no peito inflamas,  
Que eu vejo levantar-se do ferétro  
Do Deão implacavel o espectro  
Com a Discordia pactuando tramas.

V

Ao ver do Lara a sombra triste e afflicta,  
Que enchentes de poesia me suffocam!  
O Sobrinho á contenda vil incita,  
Na Elvense egreja a guerra se suscita  
Das Bagatellás trompas mil se embocam.

VI

Da caixa do rapé do Prebendado  
Quem me dera cantar o grato effluvio,  
Ver o gigante despropositado  
Que do ovo nasceu do gallo assado,  
De risos engolfar-me n'um diluvio.

VII

Matos feliz ungista a liza testa  
C'o fluido da Invisibilidade,  
Foste do Bispo á natalicia festa,  
Tu lá riste e comeste e só te resta  
Dos piteos e guisados a saudade.

VIII

Devassaste os abysmos. Do futuro  
O alcaçár vedado penetraste;  
Tu n'um adejo placido e seguro  
Teu Tio viste lá no reino escuro,  
O triumpho por vir saboreaste.

IX

Depois... Não digo que acintosa a muza  
Receia baquear n'um velutabro,  
A rapido transporte, já se escusa,  
Dizendo que a tomar por guia uza  
Um nome! — Seja o fero Abracadabro.

x

O vaticínio cantarei do Mago  
Invocando os seus ritos mais vetustos;  
Da inspiração banhei-me já no lago,  
Mas não posso seguir o esteiro vago  
De Diniz e Depreaux genios robustos.

xi

Mas basta de esconjuras, sobre o vento  
Sustentar-me não podem fracas azas;  
Tenho, d'Icaro ser, pressentimento,  
D'Hypogripho me sirva o pensamento  
E o amor da fama com que alma te abraças.

xii

Muza austera que sempre duras notas  
Me infiltraste na mente escandecida,  
Tu á mais alta empreza hoje te votas,  
Juntos voemos ás soidões remotas  
Onde o espirito voga alem da vida.

xiii

Bater as azas e librar no espaço  
Rir da immensa comedia do universo,  
Eis o que ao peito meu não dá cançasso  
Que prende a lyra e muza 'num só laço  
Eis o que deve agora pôr-se em verso.

XIV

Cantemos o rancor e a peleja  
Que em animos sagrados poz o Hyssope,  
Que o assumpto, ao que é triste e rir deseja,  
É como para a nau que em mar velleja  
Santelmo de bonança em fragil tope.

XV

O Pégasso para cantal-o zurra,  
As cinzas se erguem do farsante Lára,  
Que este assumpto á pessoa mais casmurra  
Entre as mãos lhe metêra uma bandurra,  
E de subito em vate o transformára.

XVI

Por isso arder me sinto em sacro fogo  
Da nobre inspiração, e lindos grupos  
Phantasticos na mente surgem logo;  
Poetico furor de prompto affogo  
Em epopea de chascos e d'apupos.

XVII

Foi na hora em que a terra, do mysterio  
No manto fusco e gellido se enluta,  
Quando os sustos redobram seu imperio,  
E na paz do marmóreo cemiterio  
Vago segredo rapido se escuta.

XVIII

Na hora em que percorre alta procella  
Sobre as ondas de pélagó profundo,  
E medonho attractivo occulto gella  
A doida phantasia que atropella  
O lethargo que reina pelo mundo.

XIX

Ninguem por horas mortas aí se affoute  
Das gerações extinctas no sudarió  
Refugiar-se crendo achar accoute...  
E 'nisto devagar a meia noite  
Troou, troou no antigo campanario.

XX

No collo de Morpheu a somno solto  
Como em leito de rosas tão suaves,  
Em dulcificos sonhos todo envolto  
Dormitava o Deão sem do revolto  
Hyssope tomar parte em luctas graves.

XXI

Se algum momento n'isso meditára  
Então de paz só pensamentos teve;  
Em dar o Hyssope ao Bispo elle assentara,  
(Que resolves Sobrinho do grão Lára?)  
No seu quarto soou um rumor leve.

Etc.

Segue-se todo o canto que tem 100 strophes. Mas deixemos de prestar culto ao Genio das Bagatellas. As minhas aspirações que 'noutra idade me alimentaram, hoje são o meu flagicio. Desejo despontar uma idea, deante da qual estacassem todos os pensadores, apresentar uma obra em que plantasse balizas ao espirito humano. Já vê que isto é uma pancada igual ás que padecem muitos maniacos, e que me pode ser funesta; á humanidade não, que me falecem todos os recursos do engenho, mas que os annaes da litteratura apresentam duros exemplos. Como nos *Salteadores* de Schiller ou na *Carlota e Werther* de Goëthe, não falando das *Palavras d'um Crente*, que são o meu evangelho. Meu amigo perdoe-me esta velleidade; não me lembrava deante de quem estava arengando. Rogo-lhe o obsequio de me dar algumas noticias litterarias (quando as haja) e sobre tudo acerca da sua pessoa, que é o que mais pode interessar este seu

*Theophilo Braga.*

XI

R. 9:6:61 (7)

Coimbra, 12 de Maio.

Rua de S. Salvador, n.º 6

*Carissimo amigo*

Deve admirar-se do meu longo silencio. Tenho varias desculpas, entre as quaes entram estes mal-

ditos preparatorios para a Universidade, e o meu estado incerto de saude, que me tem apoquentado seriamente ha tempo a esta parte.

Falei já com o Cónego Fonseca(1); não tive tempo ainda para tractal-o de mais perto, contudo sympathisei com a sua prezença, que para mim inspira o duplo respeito do saber, e ancianidade.

Já procurei o Dr. Ayres de Campos duas vezes, e ainda o não encontrei em caza.

O meu amigo Supico escreveu-me dizendo que lhe remeteu por via do sr. José de Torres um exemplar das *Folhas Verdes*. É uma triste ninharia que me vai rebater no seu conceito. No entanto direi com o Byron portuguez no seu poema *Camões*, heide

Despicar-me por um feito glorioso.

Qual será elle ainda, dil-o-hão os meus quarenta annos aos quaes não chego.

Meu amigo tenho lançado os fundamentos para um romance sobre o nosso jovial poeta Lobo de Carvalho (2), falta-me uma coisa unica — o tempo.

---

(1) DR. FRANCISCO DA FONSECA CORREIA TÔRRES, cónego na Sé de Coimbra. Editou as *Poesias de Nicolau Tolentino de Almeida. Obras posthumas e até hoje ineditas*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1858.

(2) ANTÓNIO LÔBO DE CARVALHO, autor de duzentos sonetos publicados sob o titulo *Poesias joviais e satyricas de...*

Eis o que obriga este seu persevejo a não persegui-lo mais com esta, e receba uma saudade d'este seu

*Theophilo Braga,*

XII

Lisboa, 18  $\frac{2}{6}$  61

*Am.º Braga*

Mais vale tarde que nunca — diz um nosso antigo rifão.

Já era mais que tempo de accusar-lhe a recepção das suas cartas de 14 de Abril e 19 de Maio; porém a falta do sobredito serve-me de desculpa. Creio que confia na minha sinceridade, e já lhe fiz ver que sou em demasia occupado para fazer o que quero.

Folguei, como deve suppôr, com as suas cartas; porém a segunda veio aguada com a noticia mais que desagradavel de que padece incommodo de saude. Isto dá-me cuidado, porque o estimo deveras, e sentiria muito vel-o, quando menos inutilizado para toda a vida; o que bem pode ser, se não tractar de si seriamente, abstando-se de excessos de toda a ordem, e fazendo por moderar esse fogo

---

Cadix, 1852. Consulte-se a seu respeito o vol. X do *Ensaio Biographico* de Costa e Silva.

que lhe abraza a mente, e que de força o consome se o deixa crepitar á vontade. Olhe que o physico e o moral actuam reciprocamente, e mal vão ambos quando um ou outro padece.

Aqui me entregou o am.<sup>o</sup> Torres um bello exemplar do seu livro, que muito lhe agradeço. Passei por elle uma vista rapida, por mais não poder ser. Tem de certo seus altos e baixos, nem outra cousa era de esperar. Porém na sua idade e circumstancias, que o façam melhor os que se julgarem capazes d'isso!

Diga-me: ainda lhe dura a veleidade de refundir o seu *Hyssope*, subjeitando-o á tal metrificacão em sextinas? Pela minha parte confesso-lhe que é esta a combinaçãõ rythmica que menos me agrada, e nunca eu a empregaria em obra minha. Entretanto isto não passa de ser uma opinião, como qualquer outra, e bem posso enganar-me; em motivos de puro gosto, o meu voto é de mui debil auctoridade.

Eu ando aqui pouco menos que *bestificado*. Conclui o tomo 5.<sup>o</sup> do malfadado *Diccionario* (1), porém resta-me pouca vontade de entrar a contas com

---

(1) DICIONÁRIO BIBLIOGRÁFICO PORTUGUÊS. Nos papéis legados por Inocência Francisco da Silva existem curiosas minutas de representações e officios respeitantes à persistente luta pró-publicação do *Diccionario Bibliográfico Português*. Estão êsses documentos destinados à publicidade como epílogo da prestimosa obra.

o 6.º. — Não sei mesmo se o começarei tão cedo, e até se largarei por mão a empresa. Tenho soffrido toda a casta de contrariedades, e mortificações a qual mais pungente. Tenho tido por vezes vontade de atirar com tudo ao diabo (desculpe-me a grosseria da phrase) e dar um triumpho completo ao Carreira *que falla*, e ainda mais a outros Carreiras, que *estão calados*.

Ainda hontem me obrigaram a perder no Governo Civil oito horas successivas, das dez da manhã ás seis da tarde. E para quê? Por causa de um atoleimado Edital, mandando cumprir uma Portaria ainda mais atoleimada do Ministerio do Reino, que prohibiu um ajuntamento que certos parvos provocavam para hoje na praça de D. Pedro, e que tinha por fim accelerar a quêda do ministerio actual, para ser substituido por outro da mesma estofa, se não peor!

Lá renovou agora o conde de Thomar na Camara dos Pares a iniciativa de um projecto de organização administrativa (que elle já apresentára na sessão passada, e chegou a ser alli approvedo, e não o foi na outra camara por sobrevir a dissolução). Por este projecto sou eu irremissivelmente condemnado a morrer Amanuense do Governo Civil, ao cabo de vinte e quatro annos de serviço, passados sempre na espectativa de accesso, que uma vez deveria chegar, mas que me cortam agora sem appellação! — E o caso é, que o projecto passa

(injustissimo como é a todos os respeitos) e brevemente o verêmos convertido em lei!

Isto, meu am.<sup>o</sup>, é um paiz de loucos, e de desavergonhados, entre os quaes mal se pode viver. E se não me engano, verêmos de cada vez cousas peiores. Eu por mim estou velho, e se os desgostos me não consumirem mais cedo, irei provavelmente findar os dias em Rilhafoles, que é uma excellente vivenda e muito de apeteecer. Vejo-me para isso com boas disposições.

Consinta-me que ponha aqui ponto por hoje. Dê-me noticias suas sempre que possa, e desejo-lhe toda a sorte de prosperidades como quem é deveras

Seu am.<sup>o</sup> e servo obg.<sup>do</sup>

*Innocencio Francisco da Silva.*

### XIII

4 de Setembro de 1860 R. 8:9:61 (8)(1)

Mestre! — Escrevi-lhe ha, não sei quanto tempo, uma deabolica carta; era a traducção d'um terrivel *spleen*, que me apoquentava, e ainda continua a aporrinhar-me; mas escrevo-lhe hoje, para sentir o

---

(1) Toda a linha escrita pelo destinatário Inocêncio.

mesmo prazer, que experimenta uma creança, quando se mira e sorri lisongeando-se deante d'um espelho. Por que, falando em estylo biblico, em verdade lhe digo, que não sei como lhe mereço tanta complacencia, tanta delicadeza, tanta affabilidade e pachorra para me aturar.

Tenho fugido de mim mesmo, dando alguns passeios de mais de quatro leguas, *calcante pedibus*, até ao Bussaco (1) onde me demorei dois dias,

---

(1) VISITA AO BUÇACO. A propósito dêste passeio:

«Em uma dêstas madrugadas alegres veio bater-me á porta o Antero do Quental, que não quiz acompanhar para a Figueira o tio Filipe; propoz-me que partissemos para uma excursão ao Buçaco e a pé. Fômos por aí fóra, sempre conversando; o alvorecer e o raiar do dia foram-me desvendando a paisagem para mim extranha. Toda aquela terra amarela e calcária fazia saudades da terra escura do *humus* secundo da ilha de S. Miguel. Pelo caminho fui vendo os taludes em que tinha de assentar a linha férrea que se está fazendo entre o Porto e Lisbôa.

«Nesta andada lenta fômos descansando das calmas á sombra rara de alguma oliveira que encontravamos, e assim errantes, tendo atravessado os logares de Fornos e Mealhada, onde compramos pão e bolos de bacalhau, chegamos por meio da tarde á montanha do Buçaco, subindo a ençosta até á Porta da Rainha. O aspecto da matta dominou-me como a magestade de uma Cathedral magnificante; a alguns passos corria uma nascente de agua límpida para um pequeno tanque ladrilhado; fômos ali e ali me deitei na relva a receber o alento que aquela terra me influa. Sentia-me forte e feliz. Mas a tarde declinava, e o Antero, prático naquellas

lendo a *Harpa do Crente* e as poesias de Passos. Foi uma excursão verdadeiramente poetica, que me

---

visitas disse-me que avançassemos para a Cruz Alta, donde se via um horizonte vastissimo. Fomos saindo por entre alas de cedros seculares que formavam uma matta virgem; a subida é longa e tinhamos pressa de vêr o pôr-do-Sol. Pelas tortuosas subidas fui observando as Capelinhas desmoronadas e cobertas algumas d'hera e silvas em que os frades faziam a via-sacra dos Passos da Paixão. Era tudo aquilo para uma descensão á baixa Idade Média do Monaquismo e dos Anacoretas. Por fim chegámos ao planalto em que se ergue sôbre um pedestal uma grande cruz de pedra. Antero atirou-se dramaticamente para cima do pedestal, e deixou-se ficar em silêncio contemplativo, e estaria mais tempo se a aragem fria da noite não nos empurrasse dali para fóra. Mal comidos, o frio sentia-se mais. Pela primeira vez vi voarem em fitas luminosas diante de mim os pirilampos; uma emoção certa que me fez lembrar as fantasias da infância, que figurava nos meus temores. Eu nada sabia dos caminhos da mata; o Antero também descia sem orientação. O frio apertava junto com a humidade da vegetação. Vimo-nos obrigados a recolher a uma das capelas que encontrámos. Pouco nos podémos aí demorar, porque as víboras silvavam; fomos descendo até chegar á planura onde está o convento. Aí só encontrámos aberta uma loja em que havia manjedouras e retraços de palha e folhas: aí nos recolhêmos da terrível frieza em pleno verão. Só depois que foi dia e se abriram as portas da matta é que sahimos pela porta que dá para a povoação do Luso; descêmos todas essas ladeiras íngremes e chegámos em baixo a uma bodega, onde pudemos comer qualquer cousa nessa misera locanda, pão, queijo ou ovos. E assim como viémos também regressámos lentamente a Coimbra, chegando aí já perto das 11 da noite. Uma excursão que me ficará im-

não deixa saudades, se me lembro do frio que senti dormindo uma noite na mata á sombra dos carvalhos seculares, e da fome, que me precipitava dos meus mundos de poesia nos safados positivismos da vida. Foi quando conheci a insubordinação da *besta*, cujas manhas bem conhecia de Maistre. Tenho-me vingado a ler, e ler muito. A victima desta avidez tem sido o seu *Diccionario Bibliographico*, na bibliotheca da Universidade. Não sei como é possível caber na cabeça d'um só homem tanta noticia, tanta data, tanta erudição. É esta linguagem de muitas pessoas d'aqui que o veneram como um oraculo, como uma bibliotheca viva. O conego Fonseca Torres, homem que estimo deveras, considera o maior prazer do meu amigo, o descobrir o nome do auctor d'uma obra anonyma.

Já começou com o tom. vi do seu *Diccionario*? É o que me interessa mais; é a resposta mais eloquente aos Carreiras que estão calados, é um bem puchado sopapo nas bochechas do copista servil de Fr. Pedro d'Oliveira.

Continuo a estudar o genero heroi comico. Acabo de ler o *Rapt of he Lock* de sir Pope, é um poemeto que caracteriza o motejo sombrio do

---

pressa na memória, e que me ensinou o caminho e ânimo para transpôr a pé essas cinco léguas. Passei por lá algo de fome, mas enchi-me de *poesia*; posso viver no meu sonho como Ariosto.» Cf. *Mocidade de Teophilo*, pág. 141-142.

espírito inglez, que mais comove á compaixão do que ao riso. Não tem invenção, nem sabor, nem vida, e é capaz de adormecer um sceptico da eschola dos não comprehendidos da actualidade, se lançarmos os olhos á antiguidade e virmos celebrada por Conon, ou Callimacho, a coma de Berenice, infinitamente superior á madeixa de Belinda, heroína do vate britânico.

Li tambem a *Dunciada* de Palissot, ainda que é muito aëria, vaga, vaporosa; e quasi inintelligível seria se a não elucidassem as notas. Li-o contudo, não pela graça que lhe encontra Voltaire, mas sim por que me lisongea um certo odio, aversão, zanga, ou o quer que é, que tenho a Marmontel, que entrou os umbraes da immortalidade encostado aos nomes de d'Alembert, do desse *solitario de Ferney* e da mais cáfila do reinado de Luis XIV, para confirmar o rifão que diz:—Vai Maria entre as outras.

Visto estarmos com as mãos na massa, falemos do nosso *Hyssope*. Cervantes que não tinha habilidade para fazer versos, tinha um genio irrepressivel que lhe insuflava a metromania; eu, que não tenho passos seguros para seguir as pégadas do Diniz, teimo em accender o thuribulo no altar das Bagatellas. Quero dizer com isto que acabo de ensaboar o *Mesmo Hyssope*, podendo-lhe muita futilidade, até reduzil-o a oito cantos.

A versificação é mais correcta, posto que ainda

não descobri a nascente d'aquella veia fluentissima de Bocage. O enredo é mais simples, mais historico. Veja este episodio do canto VII:

#### A DURINDANA DO PRIOR D'ALÇAÇOVA

Inquieto, zangado, esbaforido  
O prior d'Alçaçova andava; o cazo  
Não era para menos! bons amigos  
Lhe disseram que o rabula Gonsalves  
O tal d'Appelação, fora ao Prelado  
Offerecer seus prestimos, tramando  
Uma intriga execravel, cujo assumpto  
Era a aliança do Prior com o Mattos.  
O Prior d'Alçaçova, homem pacato  
Que a todos ama, a todos cumprimenta  
Ao saber a aleivosa novidade,  
A durindana cinge, e ao Gonçalves  
Procura em toda a parte, ao vir da noite  
Fareja, espreita, busca, segue, e espera.  
Às esquinas o Malco audacioso  
Para vingar seus brios.

Serão alto

Era já, quando vinha da palestra  
De casa do Deão, que lhe narrara  
As suas excursões. Volta uma rua,  
Descobre um vulto acocorado, avança,  
A durindana pucha, enfia, e foge  
De novo para caza do amigo,  
Tão palido, temendo, gaguejando:  
« Socorre-me Deão nesta desgraça  
« Eu matei o Gonsalves, como posso  
« Á manhã celebrar o sacrificio!

«A justiça, os remorsos me perseguem  
«Oh esconde-me!»

— Aonde? —

«Em qualquer parte,  
«'Numa cloaca embora, tudo serve,  
«No galinheiro!»

«Isso é logar seguro»

O Deão redarguiu. Ambos caminham  
Para lá, da lanterna á luz escassa;  
Cacarejaram as galinhas impias,  
Denunciando o crime. Alfim silencio  
sepulchral existio. A noite inteira  
por visões perseguido, atribulado  
o Prior de Alcaçova passou, votas  
orações não faltaram, tudo em balde.  
O Deão estudava uma resposta  
Para dar aos meirinhos se viessem  
Bater-lhe á porta.

Ao outro dia, cedo  
Do crepusculo incerto á luz primeira  
O Prior d'Alcaçova do escondrijo  
Saio todo esterçado das galinhas,  
E a passapello, como cão que arrasta  
Folheta preza ao rabo, a caza busca  
Passa pelo theatro do assassinio,  
Olha pavido... (horror, não continúa)  
A durindana encontra até ao cabo  
Espetado na bocca duma pipa  
Que o Neves tinha á porta! — ect.

.....

Ouvirei a sua opinião, não para fazer o mesmo  
que obrou o tal Jhon Diniz, fabricante ingles d'odes  
pindaricas, que depois de travar relações com Dry-

den, Wycherley e Congreve, publicou immediatamente as suas correspondencias com estes escriptores.

Mas talvez me seja necessario o mesmo, quando chegar a hora de aparecer á luz o remendado *Hyssope*, para se fortalecer contra as invectivas da critica sacerdotal.

Escrevi ha duas semanas um romance historico — *Reu sem crime* (1) passado em 1630, cujo heróe é aquele certo Simão Pires Solis, de que falam o auctor do *Anno Hist.* a 15 de Janeiro. Cardoso, *Ag. Luz.*, tom. II, pág. 690; Brito de Lemos, no *Abeced. Milit.*, pag. 84; Vieira, *Obr. ined.* (edic. de Seabra e Antunes), tom. I, pag. 78; J. B. de Castro, *Map. de Port.*, tom. III, pag. 270 e o erudito Rivara n'uma commemoração no tom. 2.<sup>o</sup>, pag. 204 da *Rev. Univers. Lisb.* O romance é alguma cousa lascivo; mas digo como Ovidio (2 *Tristium*, Eleg. I):

«Crede mihi, distant mores a carmine nostri.

«Vita verecunda est, musa jocosa mea est.» (2)

---

(1) *REU SEM CRIME*. Terminou, em 25-Agosto-1861, «um romance da época de Filipe IV, passado em Lisboa, na freguesia de S.<sup>ta</sup> Engracia, cujo pano de bocca [talvez «pano talão», cf. Sousa Bastos, *Diccionario do Theatro Portuguez*] é o Santo Officio, e que tem por titulo *Reu sem crime* (Reminiscencias d'ha dois seculos) vasado em dois capitulos. Talvez que o publique para Outubro no *Instituto*.

(2) *Ovídio*. Escrito certamente de memória, êste verso

Visto que lhe dou novidades litterarias, direi igualmente que escrevi um poema sem principio ou fim, chamado *X*(1); comprehende a extensão mathematica desta letra. Forma na triologia do passado, presente e futuro; é o prologo de dois poemas que estão em encubação. O 1.º chama-se *X p.*º de que já tenho o primeiro canto feito apesar de Klopstock, Vida e Hojeda, tratarem o mesmo assumpto. No outro, tracta-se dos Epicos mais celebres e desgraçados e chama-se *Outro Apocalypse* dividido em sete sêllos.

Voltemos ao genero heroi-comico. Descobri um poemeto chamado a *Gaticanea* de João Jorge de Carvalho. Só o amor pelo genero heroi-comico me

---

não está exacto, pois êle é:

« *Crede mihi, mores distant à carmine nostri.*

« *Vita verecunda est, musa Jocosa, mea mihi.* »

(1) *X*, poema. Em carta a Supico, Teófilo Ferreira e António Pereira, elucida Teófilo Braga: — «Passo as horas escrevendo um poema inclassificável, chamado o *X*, poema sem principio nem fim, a minha *Divina Comedia*, e que os meus amigos entendem a extensão matemática. Cheguei já á parte em que trato da Epopea de Cristo e brevemente seguirá o *Novo Apocalypse*.» Cf. Supico, loc. cit., pág. 147.

Noutra carta a Supico: — «O *X* é o prólogo de dois poemas épicos chamado o primeiro *X p.*º cujo assumpto é o Cristo considerado como o filósofo da Igualdade. O outro é o *Novo Apocalypse* em que se trata da vida de alguns épicos.» Cf. Supico, loc. cit., pág. 148.

faria ler aquella miseria com pertençaes a *Batrachiomachia*, escripta n'um accesso de furia poetica, em que confessa o seu auctor, « que qual touro bravo espicaçado de mosquitos foi correndo desesperadamente sem saber por onde, ou por que maneira » ect. A dicção é castigada e em parte a versificação correctá. O assumpto é bello, por que enfim, julgo como Boileau, que não ha monstro que a Arte não aformoseie. Não soube o auctor tirar partido d'elle. Os primeiros 2 cantos assentam sobre o lugar commum de todos os poemas-congressos, e isto sem interesse. O 3.<sup>o</sup> é o melhor, ainda que mal desenvolvido no episodio de Folinga. O 4.<sup>o</sup> são os horrores da morte de milhões de gatos. Julgo que se fosse escripto noutra lingua seria mais conhecido. Aproveito o resto do papel para repetir-lhe a sentença do Judeu Errante, esse symbolo do progresso e grito-lhe: — avante! ou como o Mazépa do Byron — Away! away!

Comprehende-me?

Am.<sup>o</sup> de veras

4 de Setembro 61

*Theophilo Braga.*

XIV

Lisboa, 18  $\frac{8}{9}$  61

*Meu caro Braga*

Hontem recebi a sua presada carta de 4 do corrente, bem como recebera em tempo a outra a que allude, datada de 16 de Junho! — Desculpe-me da falta de resposta, que seria imperdoavel se não fosse devida ao estado miseravel em que physica e moralmente me tenho achado vae em quatro mezes, cercado de zangas, desgostos e contrariedades, e com a saude de todo arruinada. Ando como que *bestificado* e incapaz de tudo. Contar-lhe o que por mim passa, só á vista: em papel e por letra era uma narrativa enojosa, e sobremodo massadora, até impossivel de fazer na minha actual situação. Imagine o meu am.<sup>o</sup> que eu vim ao mundo trazendo comigo um *sello*, ou *stygma de reprovação*, que faz que de cada canto surjam os tropeços, as oppozições, as difficuldades de todo o genero e especie a tudo o que intento, e para tudo o de que hei mister! Sou infelicissimo, e mais ainda por me importar com o mundo. Devêra ir ao *som d'agua* comendo e vegetando, resignado e conforme com a sorte, destino, ou providencia que assim o determina: porém não posso ou não pude. O resultado é vêr-me no estado que acima digo, e d'elle para o

de uma total e desanimadora misanthropia vae apenas um passo. O resto, vê-o-hemos.

Sube por carta do Thesoureiro-mór Fonseca de ... de Junho que o meu amigo ficára mal no seu exame de latim. Elle mostrava-se de algum modo queixoso, ou penalizado porque V. S.<sup>a</sup> apenas o procurara uma vez, e não mais lhe apparecêra, comquanto elle fosse immediatamente (contra o seu costume!) pagar-lhe a visita e offerecer-lhe todo o seu prestimo. Desde então não tive mais carta d'elle; mas deprehendo agora da de V. S.<sup>a</sup> que estão effectivamente em relação ou *contacto* de mais perto, o que em verdade muito estimo, se assim fôr. Tambem não hei tido noticias do Dr. Ayres de Campos, nem sei se V. S.<sup>a</sup> fallou ou não com elle. Não deixo de admirar-me do seu silencio para commigo, pois que nem ao menos me tem perguntado pelo tomo 5.<sup>o</sup> do *Diccionario* de que é assignante, e cujos exemplares para elle, e para os mais d'essa cidade ainda aqui se acham, porque a mesma attenuação de cabeça, e outros contratempos fizeram pôr de parte a remessa. Agora já não irão provavelmente se não para o mez futuro, pois, se estou bem informado, no corrente anda tudo por fóra a espairecer, ou a tratarem de si.

Com que o meu am.<sup>o</sup> só agora viu o *Rap of the Lock*, e teve noticia da existencia do *Gaticanea!* Julguei que estava farto de conhecer estas *preciosidades*. Concorro perfeitamente com a sua opinião

acerca do primeiro. Eu não entendo o inglez, porém li-o nas duas traducções que d'elle temos em portuguez, e confesso-lhe sinceramente que não sei *porque ponta lhe pegam* os seus admiradores, se é que ainda os têm. Quanto á *Gaticanea* tambem me parece que o tal sr. João Jorge de Carvalho (de cuja pessoa e feitos não encontrei até agora a menor noticia, ou indicação) poderia ter empregado melhor o seu tempo. E comtudo estou em que se o poema fosse estrangeiro havia de ser fallado, porque ha por lá cousas muito mais applaudidas, sem talvez valerem tanto. Não cito, nem confronto para não alardear erudição.

Vindo agora ao nosso *Hyssope*, saberá o meu amigo que effectivamente se vae entrar na reimpressão d'este poema, *illustrado* com muitas gravuras, ao gosto do tempo, e acompanhada de um extensissimo commentario, ou de notas *historicas, criticas, philologicas*, etc., as quaes já tenho traçadas (e algumas escriptas) em numero de duzentas e tantas; aproveitando e corrigindo outrosim todas as que Verdier ajuntara ás suas edições de Paris, 1817 e 1821. Já vê que é obra talhada em ponto grande: algumas das notas equivalem a pequenas dissertações, e não fica, por assim dizer, palavra ou phrase sem a competente explicação. Emfim, cousa de genero novo entre nós. Hão de ir transcriptos os logares parallellos de varios poemas, que o Diniz imitou, e os de outros, em que elle ha sido

imitado; d'estes uns são já impressos, outros ainda ineditos. Se no seu *Mesmo Hyssope* ha tambem como creio d'essas imitações, poderemos tambem introduzir d'elle alguns trechos nas taes notas, e de caminho fal-o-hemos desde já conhecido do publico, com o que talvez se lhe desperte a vontade de o querer vêr todo impresso. Que lhe parece?

O passo que me fez favor de communicar-me, acho-o bem imaginado, e bem escripto. Está propriamente no genero. Mas devo confessar-lhe que, não só me parece este episodio imitado mui de perto de Diniz no tocante á pessoa, digo á pintura que fez do Prior, senão que ha tambem alguns versos que são méras variantes dos do *Hyssope*.

Em fim, deixemos o resto para depois. Continue o am.<sup>o</sup> as suas lucubrações romantico-poeticas: mas por Deus, não deixe de parte o latim, e o que de mais perto deve agora interessal-o. Para acolher as inspirações da Musa haverá depois tempo de sobra. Acabo com a folha, renovando a certeza de que sou deveras

Seu am.<sup>o</sup> affeiçãoado e v.<sup>or</sup>

*Innocencio Francisco da Silva.*

P. S. Recommende-me ao Conego, se com elle estiver.

XV

R. 22:9:61 (10)  
Colmbra, 18 de Setembro de 1861,  
na rua de S. Salvador, n.º 6.

Mestre! — Cumprí religiosamente o preceito da sua estimavel carta, dando as suas recomendações ao Conego Fonseca Torres. Folgou muito com a noticia da nova edição do *Hyssope*, e disse-me (não sei com certeza) se lhe mandára tambem alguns manuscriptos a esse respeito, ou se tencionava remeter-lh'os. Já d'aqui avalio o serviço que o seu trabalho vem prestar á nossa litteratura. O que eu desejava, mestre, era vel-o izempto dos tropeços, das opposições, das difficuldades, que essas almas pequenas lhe sugerem; vel-o alheio á vida publica, retirado na sua Tibur, vivendo das letras e só para ellas. Mas escuso pintar-lhe qual é o fado dos nossos bons escriptores, ao passo que os especuladores e contrabandistas em litteratura andam de carinho, e se habilitam a uma cadeira em S. Bento. Falo dos Carreiras e quejandos.

O Conego Fonseca disse-me que estão aqui anciosos pelo Tomo v do *Diccionario*. Não me canso de folhear esse monumento das letras patrias, que os vindouros melhor do que ninguem saberão apreciar. A idea de fazer conhecido o *Mesmo Hyssope*

é magnífica, só a sua benignidade, benevolencia ou afeição para comigo lh'a poderia suscitar.

A accuzação que me faz ácerca do ultimo epizodio que lhe enviei, julgava-a uma virtude; porque na composição, retoques e fundição do poema, só tenho procurado conservar fidelidade aos caracteres. Todo o excesso é nocivo: é o que se prova com a *durindana do Prior*. Agora é que tinha desejos de lhe mandar uma copia do poema, para escolher á vontade; mas acho-me um perfeito lazaroni, e a minha indolencia me retarda esse prazer para as ferias de 62. Contudo enviar-lhe-hei, de vez em quando, um ou outro fragmento, e d'aqui lhe peço que rasgue uma discripção do *Banquete do Bispo*, que da Ilha lhe remeti. Antes que lhe apresente o epizodio que vai seguir-se, devo prevenil-o que para a sua leitura me servi de um manuscripto que pertence á livraria do meu amigo Filipe do Quintal (1),

---

(1) DR. FILIPE DE QUENTAL. Filho de André da Ponte de Quental e Câmara. Descendente de nobres, ao ficar órfão do pai, para se libertar da subordinação ao morgadio de Fernando de Quental, foi para Coimbra, estudar preparatórios — aos vinte e seis anos, — e leccionar. Formou-se em Medicina na Universidade de Coimbra. Possuía uma perfeita educação democrática.

Escreveram a seu respeito: Joaquim Martins de Carvalho, *Apontamentos para a historia contemporanea*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1868; *Portugal*, dicionário, VI, pág. 37; Supico, ob. cit.

quasi *in totum*, que tem o titulo de *Minudencias exquisitas*, muito differente e muitissimo volumoso, em relação ao resumo que se publicou em 1827 na typographia Rolandiana, com licenças, e se vendia na loja de Caetano Antonio de Lemos, rua do Ouro, n.º 112. Eil-o:

CRITICA DO BARBEIRO DO BISPO A CAZADINHO (a),  
A UM SERMAO DO PADRE ARRONCHES

Foi do barbeiro introito uma risada,  
Mais festiva edição á cara dando,  
Egual ás que em papel pardo se tiram  
Ou de João de Calaes ou Magalona,  
Engatilhou os beiços viperinos  
E disse: — É o sermão do padre Arronches  
«Que? desse Pregador do meu Bispado  
«Rival de Ferro-longo e Borda-lua  
«Do subtil e profundo Bom-sueto?»  
Ao cazadinho redarguiu Lencastre.  
Sorrio-se o douto Andrade, o Ramilhete  
O Sobrecenho tolda, o seceo Marques  
Esperava o remate da noticia.  
O Chantre ergue a voz — «É caso triste!»  
E fungando a pitada ficou mudo  
Eis que o Barbeiro emfim toma a palavra:  
«Foi o sermão de Santa Madaglena

---

(a) Bom juiz de sermões e pregadores  
. . . . . atrevido Cazadinho

Diniz, canto vii, *Hyss.*

« Sermão de mão de Mestre. Inda me lembro  
« Dalgumas pedaços que me encantam, ouçam.  
« Vinha falando em Christo Senhor Nosso,  
« Até que o passo memorou da cana,  
« Dizendo que os judeus razão tiveram  
« De meterem na mão a cana verde,  
« Como symbolo d'impia zombaria,  
« E de desprezo!»

— «Nego! melhor fora

« Meter em sua mão grosso fueiro,  
« Se o desprezar queriam; por que davam  
« No fueiro a entender que os desprezos  
« Às carradas viriam!»

Tal dissera

O grande Abreu *ex-cathedra*, escarrando,  
Arrotando sciencia e subtileza.

Mas o famoso Bastos assoando-se

Concedo! gritou logo, «mas escute:

« Mui acertados os judeus andaram

« Entre as mãos do Senhor metendo a cana;

« E discretos em tudo, neste Passo

« Não só discretos, acertados foram,

« Visto que elles tambem lhe poderiam

« De lagar em sua mão meter-lhe um pezo,

« Para amostra de quanto inda seria

« Espremido no transe. E receiando

« Que o Senhor ficasse mais confuzo,

« Por isso não lhe deram — nem fueiro

« Nem fuzo, mas a bem-aventurada

« Cana, da qual nos diz Plinio e Brechdrio

« Metaphrastes e outros, que ellas todas

« Tem *nōx* e por nós todos soffreu Christo.

« Mas como expressamente diz o texto

« *Qui propter nos*, por isso lhe meteram

« A cana, para que se recordasse  
« Que padecia *propter nos* tormentos.  
— «Muito bem, muito bem (entuziasmãdo-se  
« O Prelado gritou) tendes falado!»  
E as palmas bateu. Mas eis que o Chantre  
Alçou a voz, clamou: — « Com a tal cana  
« Antes que em suas mãos a houvessem posto  
« Lhe bateram seis vezes na cabeça!  
« Cada um considere 'neste Passo,  
« Qual de vós susteria seis canadas  
« Sem bebado ficar? da mesma sorte  
« O Senhor ficou ebrio só d'amores  
« Pelos homens a quem salvar viera. »

VII

Aguarda o Cazadinho impaciente  
O momento em que cessem os applausos,  
Depois continuou d'esta maneira:  
« No seu exordio disse: — Egregios madres  
« Eu estou conhecendo o appetite  
« Que tendes para ver a Magdalena!  
« No seu painel verão que era formosa;  
« Se querem que lh'o mostre, eu os contento  
« Que o pau para a colher é muito azado:  
« Do meu pincel olhai toda a elegancia,  
« E que energia no primor [?], nas sombras,  
« De hyperboles não uzo, taes figuras  
« Para mim valem tanto no discurso  
« Bem como nos retratos os favores.  
« Eu tambem deixo os tropos, que na idea  
« São como os trapos na pintura. Podem  
« Ir em paz as figuras de Rhetorica,  
« Por que ante mim ninguem hoje figura

« Mais do que a muito Santa Magdalena  
« Que é mui linda figura. Oh esta copia  
« Superior parece sem offensa  
« No seu original. Se no monte Irra  
« Aparecessem Venus, Juno e Pallas  
« Nunca Pariz nem Londres se veriam  
« Incertas na sentença. A Magdalena  
« Uma maçã apenas não ganhara,  
« Mas um jumento carregado d'ellas,  
« Com mais outro de pêras, e na inveja  
« Para pêras daria ás outras deuzas.  
« Attentai nestas sombras mil assombros;  
« Vêde os pretos cabellos seus *capillus*,  
« Aquella testa *frons*, olhai agora  
« *Supercilium* aquellas sobranceiras.  
« Aquelles olhos *oculi* e as faces  
« *Maxilae* e aquelle nariz *nasus*.  
« A doce bocca *os, oris*. Os seus labios  
« São *labia*, de crystal, purpura feitos,  
« Pois no Officio divino lemos isto,  
« Que tinham tanta labia! Sua bocca  
« De prata e de açussena, que belleza!  
« O nariz é d'alambre; e de saphiras  
« As faces; mas que altissimo prodigio!  
« As meninas dos olhos de diamantes,  
« Os seus olhos de perolas, violetas,  
« As sobranceiras rosas e martyrios.  
« O seu cabello d'ebano ás madeixas,  
« O seu collo de cysne. Tendes visto  
« Que tal é Magdalena. Diz o lhema  
« . . . . . »

IX

Attonito interrompe a atroz perlanga  
E tomando coragem grita: «Arronches  
«Não podendo conter a media pausa  
«No ambito do pulpito, com elle  
«Cahia, fazendo um alto accionado  
«No furor da oratoria!»

O Bispo logo

Gargalhadas estridulas começa,  
Um diluvio de risos houve, e dizem  
Que alguns tr..... se deram á mistura.

X

Era do almoço a hora. Um lerdo famulo  
Chamar vem o cortejo parasita,  
Caminho vão da meza. Eil-os sentados  
Saboreando o bello forno-e-tórno,  
Começa o grande Abreu: «Famoso Bastos  
«Não acho 'num milhão de expositores  
«Citado o espirro que soltou a Virgem  
«Quando *Dominus tecum* disse o anjo?»  
— «Nem sei meu caro Abreu (o Bastos torna)  
«Se do asno de Buridan o nome  
«Pelas honras do celebre dilem<sub>a</sub>  
«Se se deve escrever com letra grande?»  
«Sim, com letra maiúscula se deve  
«Se for seu nome proprio.» Abreu devolve  
As gargalhadas subito começam  
..... etc.

Mesmo Hyss. Cant. II y. 163 a 207.

Que tal a massada? Em fim a sua complacencia me dá direito a tanto. N'esse fragmento os epithetos dos personagens são tirados de Diniz. Talvez que fiquem monotonas sempre repetidas, como ai estão. Entremos em materia mais positiva. Se quizer algumas assignaturas para a sua publicação, remeta-me um prospecto, que espero alcançar bastantes entre a rapaziada academica.

Nas suas observações philologicas ao poema de Diniz, estabelece o merito comparativo entre os varios poemas do genero heroi-comico que possuímos, como a *Benteida*, a *Santaraneida*, e os muitos ineditos que conserva na sua livraria? Era um trabalho bonito, um meio excellente para fazer realçar a perfeição do *Hyssope*. Por este lado, é o meu poema o que se presta mais a isso. Tenho querido mudar-lhe o titulo. Pieguice de rapaz. Não sei qual d'estes rotulos escolha:— Graves nadas — Reticulos serios — Escrupulos divinos.— Em todo o cazo o que está parece-me melhor. Basta de sirin-gações, que a consciencia me diz — *parabolam hanc*, que se traduz em vulgar — paremos aqui.

Crea na admiração e estima de

*Theophilo Braga.*

O Conego Fonseca, recomenda-se-lhe,

XVI

Lisboa, 18  $\frac{22}{9}$  61

Am.º Braga:

Hontem recebi a sua carta de 18, e aproveito hoje o ensejo de uma hora mais desaffogada para responder-lhe, aliás iria aquella para o monte de quarenta e tantas que estão sobre a banca aguardando resposta (algumas ha quatro mezes!).

Os *senhores do Governo* continuam a *judiar*, não commigo, mas com o *Diccionario*, ou com os que têm a peito a conclusão d'este trabalho, e que lá correm por sua conta com as diligencias, até agora inuteis, mas sempre *esperançosas* de arrancar do Ministerio do Reino uma Portaria ao Administrador da Imprensa Nacional, para que em vez dos *quinhentos* exemplares de cada volume que até agora me foram entregues como *unica e exclusiva* remuneração das minhas fadigas e ainda mais das despezas feitas e para fazer, que avultam já a contos de reis, se me dêem *setecentos e cincoenta*, para ficar ao menos egualado *n'esta parte* ao sr. Visconde de Juromenha, que recebe outros tantos da sua nova edição de Camões, mandada imprimir tambem por conta do referido Ministerio! Em quanto se não decidir este *importantissimo* negocio, o *Diccionario* está parado e assim ficará. O peor é que

esta indecisão tem sido para mim altamente prejudicial em todo o sentido, conservando-me na incerteza de proseguir, ou não a obra, quando o meu desejo era dal-a por acabada, e queimar em *auto de fé*, com a necessaria publicidade, os apontamentos e noticias colligidas para o resto não impresso, para evitar toda e qualquer futura reconsideração, impossibilitando-me de recommear!

A historia dos desgostos e das contrariedades soffridas, e das violencias e desconsiderações praticadas para commigo, e a meu respeito, em todo o sentido, é longa e fastidiosa; mas ha-de apparecer impressa, para servir de additamento ao *Diccionario*, quer este se conclua, quer não. Já o estaria, se não tivesse tido a docilidade de ceder temporariamente aos rogos de amigos, que ainda na proxima semana foram suspender na imprensa a publicação de uma correspondencia, que eu dirigia aos jornaes, e que servia de prevenir o publico e os assignantes do *Diccionario*, explicando-lhes por alto as causas da interrupção, e mostrando-lhes apenas uma ponta do sudario de miserias que encobre este vergonhoso negocio, que de certo o não será para mim. Eu conto justificar-me plenissimamente; porém hão de ficar muitos enlameados. *Assim o quem, assim o terão.*

Ainda não remetti para ahí os exemplares do tomo 5.<sup>o</sup> (quatorze, que tantos são os subscriptores, que ha até hoje n'essa nobilissima Athenas!)

por motivos que já expliquei ha dias em carta ao meu amigo Ayres de Campos, que se me queixára da falta. Espero resposta d'elle para decidir-me em mandal-os, ou esperar que os interessados, querendo, os mandem aqui receber por sua conta. Os annuncios publicados nas capas de todos os tomos impressos são mais que explicitos a esse respeito.

Vejo o novo episodio do seu poema, com que me regalou. Parece-me bom em tudo, com excepção do verso...

Se este episodio se conservar ainda tal qual, será inserto no commentario ao *Hyssope*, e servirá para illustração do verso do canto VII:

« Apesar do atrevido Casadinho. »

Mas quem sabe, ao lá chegarmos, quantas alterações e modificações terá o meu amigo introduzido nos seus cantos?

No que diz respeito á remessa de *prospectos* em que me falla para colher assignaturas, devo dizer-lhe que, se allude á publicação do *Hyssope*, esta é feita por conta dos editores, e eu com ella nada tenho, nem me importa. Hão-de satisfazer-me pelo trabalho o ajustado, e que extraiam os exemplares como bem quizerem. Elles enviarão os prospectos quando, e a quem lhes parecer. — Agora se tem em vista o *Diccionario*, isso é caso differente. No de proseguir a obra agradecer-lhe-hei toda a coadjuva-

ção que possa dar-me n'essa parte, pois que fico com mais 250 exemplares para extrahir. Mas será preciso haver n'isso algum tento, para que não appareçam assignaturas de *corriola*, que em vez de proveito dão de si prejuizo; fazendo perder, e, quando menos, trincar exemplares, de que já tenho aqui um bom numero, apesar da circumspecção e segurança com que sempre diligencieei tratar esse negocio.

Reparo que na sua ultima nada me diz do seu novo *poema X*, nem mesmo do *romance historico*, em que me fallava na antecedente. Poz já de parte esses novos ensaios? Digo-lhe em amizade, que muito me desagrada esse character de *instabilidade*, que parece dominal-o em tudo. Perdoe-me a franqueza, mas se assim continúa dar-me-ha o desgosto de não vêrmos de sua mão *obra acabada!*

A proposito de Solis, esqueceu-me da vez passada dizer-lhe que a sentença que condemnou á morte este pobre diabo anda transcripta na sua integra em um livro, que ahi se achará facilmente. — É o *Tratado historico e juridico etc. sobre o desacato de Odivellas*, por Manuel Alvares Pegas, de que ha duas edições. (V. o *Dicc.º Bibl.º*, tomo v, pag. 354.) — Ha tambem sobre o assumpto um romance em verso do meu amigo Cascaes (1): Vem

---

(1) JOAQUIM DA COSTA CASCAIS. Intitula-se o citado escrito: — *O Desacato, ou o calado é o melhor, romance historico. 1630-1631.*

no *Panorama*, tomo 1.<sup>o</sup> da 2.<sup>a</sup> serie (1842). — Talvez não perderá o tempo, se consultar estas novas especies.

E a proposito, se estiver com o nosso bom conego Thesoureiro-mór, queira dizer-lhe que por falta de tempo lhe não escrevi já, para agradecer-lhe a remessa das notas que me enviou, relativas ao *Hyssope*. Infelizmente, nada adiantaram ao que eu já tinha, porque possuia outro manuscrito, conforme em tudo, e que indica serem ambos copias de um mesmo original: se não que o meu tem de mais um capitulo previo, que é a *Historia da composição da Hyssopaida*, faltando este no do sr. Fonseca. D'essa *Historia* já eu colhêra o que mais resumidamente publiquei no Estudo biographico ácerca de Diniz, que sahiu no tomo 1.<sup>o</sup> do *Archivo pittoresco*, e que o meu amigo já viu, segundo creio.

Diga mais ao nosso Dr. que estou aquí *obrigadissimo* ao nosso *excellente* Governador civil, o Sr. Maldonado, que elle conhece de perto, me parece. Não ha sido por falta de vontade e deligencia da parte d'este snr. que eu não fique sujeito a uma nova *preterição* no logar que sirvo, para ajuntar ás tres com que tenho sido mimoseado de 1851 para cá! É uma historia comprida, por isso não a contarei agora; mas se desejarem sabel-a, irá então por miudo. Cada anno que passa custa-me apenas uns trezentos mil reis, que deveria ter embolçado,

e no fim de dez annos são já 3.000.000 reis. Se a cousa pegasse d'esta vez, conforme os desejos de S. ex.<sup>a</sup>, ficaria no *statu quo* o resto dos dias, que a providencia me concedesse ainda de vida, ao fim de 25 annos de serviços, qualificados de *bons!!!* Isto faz desesperar, e não ha estoicismo capaz de resistir! Adeus, meu am.<sup>o</sup>.

Seu do C.

*Innocencio Francisco da Silva.*

## XVII

R. 26:10:63.

Mestre. Quando leio uma carta sua, vejo-me pequeno, acho-me fraco para saber prodigalisar-lhe algumas palavras de conforto ao seu desalento, e o que sinto, o desespero que se apossa de mim, não posso exprimir-o. Neste estado me defende Lamartine, dizendo no seu *Raphael*, que a folhagem murmura, que o vento rue, que o mar rebrama, e que ninguem sabe escrever estas expressões da natureza.

Nunca leio uma carta sua, que me não passe pela mente (numa especie d'agouro indecifrável) a sorte d'um Bernardes, d'um Quita, d'um Filinto, d'um Alfeno, d'um Gonzaga, d'um Garção, d'um

Oleno, d'um Alvarenga e d'um Gil *que não tem ceitel*, que já se queixava de não ver galardoado o merecimento. Infelizmente não é preciso procurar nas litteraturas estrangeiras a verdade d'esta asserção; basta lançar apenas um relance sobre a nossa. Neste sentido o seu Diccionario quasi que podia chamar-se *Flos Martyrum*. Tenho immensa fé que o *Diccionario Bibliographico* hade ir ao cabo.

Tinha que ver, se o Governo, ou os que o governam recusassem auxiliar a primeira obra que tem saído de nossos prélos, neste seculo, esse inventario consciencioso d'uma grande familia litteraria. Era mais uma vergonha, sobre tantas, que nem já se numeram na face cadaverica d'esta velha nação. Mas não lhe faltam admiradores e amigos, que removam todos os obstaculos. O pensamento de apresentar ao publico o sudario dos seus desgostos e reveses, será mais um desengano a futuros escriptores; é como uma apelação para a justiça desinteressada da posteridade.

Mestre, amigo! que fado ou nume adverso  
Impõe sobre o talento a lei severa  
Dum martyrio constante que alma apura  
Victima triste?

Tem o genio a desgraça por herança!  
Longa senda d'espinhos lhe offerece  
O ambito acanhado do universo  
Baralho sempre!

Ao transe da agonia, a luz brilhante  
Que leva á eternidade, a dor modera;  
Saudam-no outros genios sem ventura  
Socio nas maguas!

Por toda a parte o espectro da indigencia  
Com puas do desgosto o dilacera;  
E só lhe vale na sua hora extrema  
Vivida crença.

Só agora tenho consciencia, que me ia dispondo a fazer-lhe uns versos; mas não continuo porque despertei derrepente deste acazo d'inspiração. Estou a dizer adeus a estes passa-tempos litterarios, e tenho-me fartado de escrever, para não distrair a attenção durante as aulas.

Ha dias escrevi uma comedia lyrica, em um acto, modelada pelos *Aitos* do nosso Plauto. Chama-se o *Septimo Sacramento*. O meu drama Garção (assumpto que o inspira, e que me não inspira menos) reduzio a trez actos, e pul-o em verso lyrico, com o titulo de *Poeta por desgraça*. O romance de Solis (*Reu sem crime*) em dez capitulosinhos, já algumas semanas está completo. Hoje mesmo vou procurar os subsidios que me aponta. Creio que o tal pobre deabo, foi sentenciado *pro forma*, por Gabriel Pereira de Castro.

A proposito do poema X, deixei-o apenas com dois mil versos. É um enigma intimo, sentimental, deabolico, que ficará completo em qualquer ponto

em que o deixe, por isso que lhe declaro na frente — poema sem principio nem fim. — É um arremedo ou uma especie de *Jocelyn*, aonde reflecte o lyrisimo do primeiro amor, onde predomina o madrigal da mocidade. Tem o valor das recordações, apenas para mim, que para mais ninguem o escrevi.

O seu juizo sobre o meu ultimo epizodio do *Hyssope*, foi mais que lisongeiro. Não queria tanto. Parece-me que a sua complacencia o illudirá algumas vezes a meu respeito. Estou ancioso por ver a sua nova edição do *Hyssope*, por que me ha de auxiliar muito com as suas minuciosidades, nos retoques do meu, ao qual pertendo dar toda a correcção possivel e imaginaria. Quanto ao manuscrito de que lhe falei, o seu titulo é o seguinte:

«Minudencias exquisitas — labaredas do engenho — brasinhas da habilidade — faiscas do juizo — enchames de discrição — luzeiros do discurso — pequenos da caximonia — pingas do cerebro — migalhas do miolo — gotas de critica — e tudo perolas d'um humor fleugmatico, ect.»

É escripto em letra do tempo de Afonso VI digo isto, porque apesar de não ser paleographo, cheguei a este conhecimento, por certas anedoctas, que não tem chiste senão no tempo em que succederam, porque todos conhecem os personagens.

A confrontação do manuscrito com o impresso (o conego Fonseca, disse-me que tinha ás taes Bernardices) não me é possivel agora, visto que o seu

possuidor está a banhos na Figueira, e só virá para o meado d'outubro. Contudo não me esquecerei. Soube que já aqui apareceram alguns exemplares da edição do Tolentino. Quanto aos prospectos referia-me aos do *Hyssope*; mas também me refiro ao *Diccionario Bibliographico*, e brevemente terá mais duas assignaturas, uma de S. Miguel, outra d'aqui.

O Dr. Fonseca Torres leu a sua carta, e folgou em saber que sempre lhe tinham chegado á mão os manuscritos, ainda que inuteis, relativos ao *Hyssope*.

E já que lhe falo neste monumento do genero, aproveito a occasião de lhe apresentar mais dois fragmentos do Mesmo:

1.º

OUTRA CITAÇÃO DO GONSALVES

IV

«Vem doces exquisitos, vem bandejas  
De chá, que a cerimonia interromperam,  
E quando os convidados esperavam  
Cevar os dentes no mimoso brinde...  
Oh não sei se no canto meu prossiga!  
Como a lyra tem cordas, como o nojo  
Me deixa pôr em verso este desastre.  
O silencio cozeu todas as boccas,  
Fugir todos quizeram, mas ficaram  
No sobrado estacados, insensiveis  
Quaes priscas mumias da vetusta Memphis!

v

Do Gonsalves a gelida prezença  
Tal fez 'naquelles animos, pois vinha  
Ao solerte Deão citar.

E pucha

Da profunda algibeira do cazaco  
Um rolo de papel sellado, (dizem  
Os velhos partidarios que o leram  
Que era uma intimação, para que as multas  
Do livro do Cabido fossem pagas.)  
Tornou-se de mil côres, o ha pouco  
Risonho prebendado. Os circunstantes  
Nem sequer respiravam, só diremos  
Que o Prior d'Alcaçôva, mais farfante  
Do inimigo em frente se mordida,  
Levando a mão de balde á durindana,  
Que com pezar quebrára, quando esforços  
Inuteis fez para a tirar da pipa.  
Pouco seguro o Rabula conhece  
Que está naquelle sitio, com coragem  
A citação entrega, le-a Matos  
Empalidece á vista da deshonra,  
Não digo da quantia das taes multas.  
Não sabe que resposta dê, e em torno  
De si, lentamente olha, interrogando  
Tacitamente os mais. Comprehendera-o  
O Prior d'Alcaçova, e furioso  
Toma a palavra, grita:

« O Prebendado

« Sabeis que é cidadão inviolavel,  
« E citações á noite não acceita.  
« Sois rabula e no Codigo lêde isto,  
« Ou eu vos farei ler!»

Logo os convivas

O applaudem. Gonsalves offendido  
Em seus melindres, abre das injurias  
O grão vocabulario, assim começa :

« ? Meu pansudo Prior, quem lhe encomenda  
« O sermão? Por que vem onde o não chamam?  
« Meta a lingoa no suco, ou garganteie  
« Seu rude canto-chão, que é o que sabe!  
« Que tal o da rebeca? Ora que dizem?  
« Não é má! Continue, faça-se gente,  
« Meta o seu colherão!»

O Prior fulo

De cólera, não via, nem ouvia,  
Mas como o touro de farpões coberto  
Ao Gonsalves se atira, ardendo em raiva.  
Covarde foge o rabula, e a entrada  
De leão, com saída de sendeiro  
Foi o sal da risadas infinitas.  
Mais se ouvia no meio do barulho  
Do Prior os queixumes, por que déra  
Um rijo murro 'numa porta. A festa  
Recobrou a alegria primitiva,  
E o chapéu que na fuga lá deixára  
O Gonsalves, soffria horriveis tratos.

VI

Não estava o Deão muito contente  
Lembrando-se das multas. O opprobrio  
Agoava o seu triumpho, a negra vista  
Mais do que ao Lara lhe pezava, agora  
Os desgostos do Tio imaginando  
Já sabia o que era — ser vencido!

Faltava-lhe appetite para o quejo,  
Uma cólica atroz o affligia,  
E com geral espanto deixa a meza,  
Corre á cloaca, espreme-se gemendo  
Deita os calções abaixo, em vão se ageita  
De cócaras, mas eis que lá do fundo  
Uma voz, estafada, com mysterio  
Lhe diz pauzadamente:

« Meu sobrinho

« O pobre Lara vinga, hoje o triumpho  
« D'uma couza depende. Abracadabro  
« Me disse que seguisses os conselhos  
« Do Auditor Diniz; vai procural-o  
« A caza do Falcato, aonde passa  
« O serão esta noite, segue á risca  
« O que elle te disser! »

O Prebendado

Que em lethargo ficára, sáe á pressa  
Transido de terror, e a-sós convida  
O Prior d'Alcaçova para irem  
A caza do Falcato.

VII

Lá num sótam

Jogando o secco Whist caturrento  
O foram encontrar com outras firmas.  
O trepido Deão todo o successo  
Lhe expõe, rio-se Diniz, riram-se os outros,  
Mas o certo é que tal foi o conselho  
Que no fim d'alguns dias o Prelado  
Á vista de severa portaria  
Pelo rei assignada, não responde  
Ás interpelações e riscar manda  
Do livro do Cabido as ditas multas.

De jubilo o Deão enlouquecia.  
O carrilhão de vinte sinos d'Elvas  
Quiz mandar repicar. Isto era pouco!  
Poz luminarias e lançou foguetes,  
Fez outeiros de varios poetastros.  
Reprelazalias sacerdotaes. O Bispo  
Mordia-se ao dizer — fiquei vencido.

*Mesmo Hyssope. Cant. viii. do 79 a 183.*

2.<sup>o</sup>

COMO FINALISOU A CONTENDA

VIII

Um dia o Cazadinho seu barbeiro  
O encontrou chorando. «Pois que é isso  
«Reverendo Senhor?» (pasmado grita.)  
«Tive uma idea, uma vingança nobre,  
«Façam ao Deão uma pirraça!»  
— «Oh, que dizes amigo? Salva-me, anda,  
«Descobre o teu segredo;» (e estende os braços  
Quasi prostrando-se a implorâr-lhe auxilio).

«Dom Lencastre! permitta-me que á noite  
«Da Sé roube o Hyssope. Tenho as chaves  
«Que o sacristão me empresta, e o Gonsalves  
«Coadjuva-me na empreza. Assim podemos  
«Privar o Matos da completa gloria.  
«Do triumpho é metade, mas que importa!  
«Se existe o equilibrio entre os partidos  
«E talvez 'nelle a paz da elvense egreja!»

O Gonsalves chegava a este tempo  
Esbaforido, tressuando, a nova

Soubera da derrota do Prelado.  
O barbeiro propoz-lhe a grande empreza,  
Acceitou com prazer, a noite esperam,  
O Bispo com licores os anima,  
Concedendo-lhes muitas indulgencias,  
E vastos privilegios assás pingues.

IX

Era noite cerrada. À santa Igreja  
Coadunados os dois se vão á pressa;  
Debaixo do capote uma lanterna  
O Cazadinho leva, e o Gonsalves  
Dos gavetões da Sacristia as chaves  
Posto que falsas tem. Entram no templo  
De seus passos o ecco os amedronta,  
Em saltarello feio as negras larvas  
Ante os olhos volteam. Corajosos  
Avançam nada temem; num instante  
O Hyssope arrobatam, que de môlho  
Na Caldeirinha estava; mas que susto!  
De traz d'um archibanco, trepolia  
Deabolica ouviram, fogem, gritam,  
A lanterna se apaga, caem. Era  
A Discordia, que longo tempo teve  
Na elvense igreja azylo, que subia  
Ao reino das chimeras.

Ao palacio  
Pressurosos caminham, mas dous vultos  
Os espiam; escura vai a noite  
Quem pode conhecel-os? Cazadinho  
Sem dar por elles falla ao companheiro:  
«Foi uma bella idea; d'este modo  
«Só pode entrar a paz 'neste bispado

« Á surrelfa ao Deão tirando o Hyssope.  
« Agora elle que venha por experto  
« Agarrar-lhe c'um trapo quente! » Apenas  
O Barbeiro dissera estas palavras  
Os dois aos dois se lançam, aqui temos  
Face a face o Prior com o Gonsalves,  
Que lhe emplasta nas ventas a lanterna,  
Frente a frente o Deão com Cazadinho  
Que um dente lhe quebrou com o Hyssope.  
Os cachações, os murros, os sopapos  
Canellão, bofetadas, unhas, tudo  
Ajudava o imprevisto pugilato.  
Meia hora lutaram. Finalmente  
Eis que passa o Malifa por acazo  
Berra, acode a patrulha, fogem ambos  
O Prior d'Alcaçova esgatanhado  
Mas ufano por que nas mãos trazia  
O Chinó do Gonsalves; e o Matos  
Com um dente de menos, procurando  
O nariz no logar conveniente  
Ao Prior posto a salvo ia dizendo:  
« Tres vezes o Hyssope nas mãos tive,  
« Das mãos me escapoliu outras trez vezes!  
« Mas que importa! Venci o gordo Bispo  
« Se tenho inclytas glorias! »

x

Ao Palacio

Do Prelado, sem côr, sem fala chegam  
Os novos argonautas. Encontraram  
Um luzido cortejo a recebel-os.  
O Cazadinho põe nas mãos do Bispo  
O bento Hyssope. Unanime algazarra

Lhe engrandece o valor, a acção heroica.  
Asperge os circumstantes Dom Lencastre  
Indulgencias plenarias concedendo  
A todos os fieis do seu partido.  
E por conselhos do famoso Bastos  
Com applauso geral é convertido  
Em paliteiro o Hyssope, por baixeza  
Nem sequer o seu nome lhe deixaram,  
Por Monsiem *Goupillon* foi conhecido  
Assim finalisou esta pendencia,  
E dizem que em muitissimos jantares  
Foi *Goupillon* palito e paliteiro.

Hyssopiado vate desastrado  
Hei pago meu tributo as Bagatellas,  
Tregoas demos ao estro, que aí ficam  
Para escarmento de Deões e Bispos  
Uns trez mil e não sei mais quantos versos.

*Mesmo Hyssope. Cant. VIII. do y 184 a 278*

Basta de massada por hoje. Recomende-me ao  
meu patricio José de Torres, e crea nas expressões  
d'este

*Theophilo Braga.*

Coimbra, 29 de Setembro de 1861  
Rua de S. Pedro (não sei o numero,  
por que para lá me mudo no 1.º  
d'Outubro).

XVIII

Lisboa, 26 de Outubro  
de 1863.

*Meu caro Teophilo Braga*

Pela apreciavel remessa do exemplar da sua *Stella matutina* (1), recebido hoje pelo correio, vejo que ainda se lembra d'este pobre diabo, com quem fallou aqui, vae em trinta e um mezes, e que d'então para cá tem envelhecido seculos!— Sei que tem motivo plausivel para estar de mim queixoso, por não ter respondido em tempo á sua carta de 21 de Setembro de 1861, que supponho foi a ultima com que me favoreceu; porém que quer?— Trabalhos, enfados, multidão de correspondencias que por essa

---

(1) STELLA MATUTINA. Poema biblico. Pôrto. Tipografia de Sebastião José Pereira, 1863. Incorporado com variantes e nota explicativa no vol. *Visão dos tempos*. Porto, 1864.

Camilo, apreciando esta composição poética de Teófilo, escreveu: «É uma donosa e encantadora fantasia. A lágrima fala com Jehovah em termos tam ameigadores, que, por isso fica radiante estrela, engastada no empireo.»

Em Julho de 1864, Guilherme Braga dizia a Teófilo:— «Está agora aqui no Pôrto a companhia dramática do teatro D. Maria II, e já sei que a Manuela Rey, aquella ingénua sublime, recitará brevemente o seu poemeto incomparável *Stella Matutina*.» Cf. Supico, loc. cit., pág. 222. Depois de recitada no teatro de S. João, no Pôrto,— cf. *id.*, pág. 228 — foi também recitada em Lisboa, no teatro D. Maria. Cf. *id.*, pág. 229.

epoca affluiram — tudo isto deu causa a que a resposta se fosse espaçando, e afinal como não recebi mais novas suas, cheguei a persuadir-me de que já enfasiado de aturar as minhas semsaborias, e da minha completa inutilidade para prestar-lhe em cousa do seu serviço, determinára pôr termo á nossa correspondencia, encetada tão espontanea e voluntariamente da sua parte, e em que me dava verdadeira satisfação, como sincero admirador do seu talento! — Meu amigo, se não é isto, tire-me da duvida, e poupando alguma hora dos estudos, ou dos folgaes e distracções proprias da sua idade, e da vida escolastica, escreva-me quando puder. Dê-me noticias suas, digã-me o que tem feito e faz actualmente n'essa *Athenas Lusitana*, e se tem crescido muito, como é de suppôr, o numero das suas producções poeticas, que a julgar pelo atrazado devem subir já a alguns milhares. Vi ha pouco tempo, não sei em qual folha do Porto, que o am.<sup>o</sup> estava em férias n'aquella *invicta cidade*, onde se propunha fazer uma edição das suas *obras*. Era isto verdade, ou não passava de artigo proprio de noticiario de periodico?

De mim não sei que dizer-lhe, para não enfasiar-o com queixas e lamurias. Veja, se quizer, o n.<sup>o</sup> 270 da *Gazeta de Portugal* de 9 do corrente, onde vem uma carta minha (1) e por ella conhecerá

---

(1) Na GAZETA DE PORTUGAL de sexta-feira, 9 de Outubro

o meu estado presente. — O mais, e não é pouco, não se demorará talvez em apparecer na *Memoria apologetica* que prometti, e em que pretendo justificar-me com presentes e vindouros. Os que tiverem paciencia para a lêr dar-me-hão rasão, se entenderem que a tenho. O mais pouco me importa; estou cansado de lutar ha quarenta annos com a adversidade, e dou por acabada a minha carreira. A morte não pode vir longe, e para avisar-me da sua proximidade, acaba de levar aqui nos ultimos oito dias não menos de cinco individuos meus conhecidos, e alguns tidos em conta de amigos, falecidos pouco menos que repentinamente. E ha ainda mais um, que está, por assim dizer, com os padres á cabeceira!

Se falla, ou se se encontra com o estimavel sr. Rodrigo Velloso (1), a quem sou devedor de não pequenos obsequios, peço-lhe me desculpe com elle

---

de 1863, começou o folhetim, intitulado *Cartas Bibliographicas Acerca da origem e introdução das Gazetas em Portugal*, á primeira das quais se refere Inocência.

(1) RODRIGO AUGUSTO GERQUEIRA VELOSO. Jornalista distinto e benemérito editor de muitas pequenas produções literárias de relativo mérito. Brito Aranha inseriu no *Dic. Bibl.* alguns parágrafos duma epistola auto-bio-bibliográfica, a qual completa a notícia na mesma obra anteriormente publicada.

Como bibliófilo possuía talvez a maior biblioteca particular de Lisboa. Leiloadá em 1914-1916 deu um cómputo de 12.856 lotes, alguns com dezenas de volumes.

a falta em que estou, devendo-lhe ainda a resposta a uma carta sua, com que me favoreceu do Porto em 20 de Junho ultimo! — Não poude fazel-o de prompto, como cumpria, pelos apertos do tempo — e depois ficou de remissa, na companhia de cincoenta e tantas que tenho aqui sobre a banca que o meu amigo já conhece, d'onde não tenho animo, nem forças para tiral-as!

Como o papel vae no fim, ponho ponto, agradecendo-lhe o mimo dos seus bellos versos, que li immediatamente, e que accusam, se não me engano, um progresso sensivel no estudo da *escola idealista*, que tanto se ha propagado entre nós nos ultimos annos. Adeus.

Creia-me sempre deveras

Seu am.<sup>o</sup> affect.<sup>o</sup> e adm.<sup>o</sup>

*Innocencio Francisco da Silva.*

## XIX

Coimbra,  
29 d'Outubro de 1863

Meu amigo — eu nunca o esqueci, procurei sempre informar-me da sua pessoa e das suas cousas. Não me atrevia porem a escrever-lhe, não por algum ressentimento, mas por que durante o tempo

em que vivi em completa obscuridade, a consciencia accusou-me de lhe haver só mostrado bagatellas sem arte nem merecimento litterario. Vi quão longe estava já d'aquelle rapasinho que o foi abraçar todo timido á rua da Procissão; era-me preciso travar novo conhecimento por que estava inteiramente transformado. Foi para que lhe remeti a *Stella Matutina*. Antes de realisar este desejo esqueci-me de tudo, de mim mesmo, embrenhei-me num mundo novo, sumi-me na philosophia. Destrui tudo o que me rodeava, pela abstracção, mas não podendo viver neste vacuo assim, o espirito começou a sentir a força da generalisação. Em todo este processo da formação da cabeça, que projectos que velleidades, sonhadas umas, realisadas outras. Foi uma epoca creadora. Os livros que a Casa Moré(1) me está publicando são uma pequena parte da terrivel actividade da minha eumenide.

De facto estive no Porto desde 9 de Junho até ao 1.º d'Outubro, em ferias do primeiro anno juridico, lá tratei de procurar noticias suas, deu-m'as o

---

(1) NICOLAU MORÉ, francês de nascimento e livreiro de profissão, estabelecido em Paris, abriu na praça D. Pedro, no Pôrto, uma livraria denominada Casa Moré. Diz Henrique Marques: — «Foi o estabelecimento d'este género mais importante do Pôrto. Era o centro literário da moda, e ponto de reunião de escritores, jornalistas, literatos, professores, etc.» Cf. *Os Editores de Camilo*, pág. 68.

Moré « pouco tempo geriu, porque faleceu, passando a pro-

nosso amigo Antonio Martins Leorne (1). Quiz então escrever-lhe a pedir perdão do meu diuturno silencio, mas julguei melhor ir a Lisbôa dar-lhe um abraço, de caso pensado, na minha volta para Coimbra. Mallogrou-se-me este empenho porque no dia em que ia tomar passagem no vapor Luzitania, apresentei á casa Moré um manuscripto, persuadido intimamente que m'o não entenderiam, nem o comprariam. Mandaram-me esperar alguns dias pela resposta, e no fim apparece-me um amigo de coração, onde eu esperava um aspero censor. Todo o mez de Setembro em que eu tencionava ir vel-o, me quiz o sr. José Gomes Monteiro (2), o collector

---

priedade» á viúva, e a gerência a José Gomes Monteiro, que editou a Teófilo: *Visão dos tempos*, 1864; *Tempestade Sonoras*, 1864; *Poesia do direito*, 1864. — Cf. Supico, *loc. cit.*, pág. 226.

(1) ANTÓNIO MÁRTINS LEORNE. Bibliófilo camonista, residente no Pôrto. No cartório do *Dic. Bibl.* existem algumas cartas suas. Tentou a publicação de uma colectânea com o título *Pantheon Camoniano*.

(2) JOSÉ GOMES MONTEIRO — que estudou Direito em Coimbra e por suas convicções políticas foi forçado a emigrar, ingressou na vida comercial. Foi escritor e livreiro. Sua biografia curiosa pode ser lida: no *Dic. Bibl.*, IV, pág. 363, e XII, pág. 348; nos *Esboços de apreciações litterarias*, por Camilo Castelo Branco; nos jornais de Julho de 1879; no *Portugal*, dicionário IV, pág. 1248; nos *Editores de Camilo*, por Henrique Marques; *Quarenta annos de vida litteraria*, de Teófilo Braga; nas *Noções de História da Literatura Portuguesa*, 2.<sup>a</sup> parte, por Fernandes Agudo. Segundo me informa o dis-

das *Obras de Gil Vicente* e da *Historia da Litteratura Portugueza*, inediata. Neste tempo tambem complicaram-se mais as relações, com o Camillo Castello Branco (1), com o Leorne, com o Sorome-

---

tinto bibliófilo sr. Cândido A. Nazaré, a talvez melhor biographia de Gomes Monteiro é a inserta no *Almanac de Lembranças* para 1883 escrita por A. X. Rodrigues Cordeiro.

(1) *RELAÇÕES DE CAMILO CASTELO BRANCO COM TEÓFILO BRAGA.* Foram amistosias as relações começadas na livraria Moré. Interrompidas uma vez, Camilo tendo depreciado, com improperios, o seu anterior amigo só se reconciliou quando a morte roubou os filhos a Teófilo. Da amizade, e facto originário da desavença, existem bastantes elementos, os quais constituem não uma simples nota, mas curioso capitulo de livro.

Entre êsses materiais existe a pública e recente declaração feita por Teófilo: — «As lutas com Camilo já vão longe. Êle tinha sentimentos puros e era uma bela alma. Impulsivo, porém, serviu com Herculano de juguete de inimigos meus. A princípio, mordi como um cão, às cegas, o pau que me bati; quando reparei, todavia, que o pau era Camilo e a mão que o manejava era doutrem... esqueci. Numa carta que os irmãos Lelos, do Pôrto, possuem, Camilo dizia a alguêm: — «Já estou farto dos que me batem com o Teófilo.» E devia estar. Êle era um bom e demonstrou-o nesse grandioso soneto *A maior dôr humana*, o terceiro da lingua portuguesa que escreveu sôbre a morte de meus filhos. Só lhe bati porque um dia me chamou bebado injustamente, a mim, que só gosto de fruta. Julguei duro isso porque um homem que como eu, muitas vezes não tivera dinheiro para um bocado de pão, não o teria tambem para vinho.» Cf. *O Seculo*, de Lisboa, 24-Fev.-1923.

nho (1), professor d'Arabe ai em Lisboa, com outros litteratos, a ponto que, quando dei por mim, quasi me faltava tempo para vir á matricula do segundo anno de Direito, e do Curso Administrativo. Eu necessito vel-o, e portanto heide apparecer-lhe quando menos esperar.

Um dos livros que a Casa Moré me está publicando e de que os jornaes tem falado é uma amostra de poesia cyclica, a *Visão dos tempos* (2) em que pertendi mostrar as tres manifestações mais distinctas da poesia da humanidade: a poesia grega ou a forma, o objectivo o visivel, a poesia hebraica ou o absoluto, o invisivel, e a poesia do christianismo ou a passagem do visivel para o invisivel a transformação do Homem-Deus. É dividido em

---

(1) AUGUSTO PEREIRA DO VABO Y ANHAYA GALLEGO E SEROMENHO, de profissão mestre de idioma arábico no Liceu Nacional de Lisboa, e de literatura moderna no Curso Superior de Letras, honorificado sócio correspondente da Academia Real das Sciências, era pessoa conflituosa. Apropósito do seu temperamento irascível consulte-se: Inocência, no aditamento ao tomo II, da 2.<sup>a</sup> ed. do *Elucidario*, de Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo; António Cabral, *Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra, 1924, cap. III, e o meu artigo *Camilo C. Branco na Academia das Sciências de Lisboa*, no *In-Memorian* àquele escritor.

(2) VISÃO DOS TEMPOS. *Antiguidade Homérica. Harpa de Israel. Rosa Mystica*. Porto, Casa da Viuva Moré-Editora, 1864. Em 1.<sup>a</sup> edição, com retrato do autor gravado em cobre por J. P. de Sousa.

trez partes *Antiguidade homeric*a comprehendendo os seguintes poemas a *Bacchante* escripta nas ferias de 62, a *Nayade*, a *Hospitalidade antiga*, e o *Cyclope*, pertencendo este ultimo a 63. A segunda parte é a *Harpa de Israel*, contendo a *Stella Matutina*, e a *Ave Stella!* que é o complemento desse poemasiinho, escripto como vio pela epigrapha para uma Laura que inspira talvez mais mysticismo, porque faz scismar no ceu. Foi ella quem pedio que escrevesse a apotheose d'uma lagrima. Fil-a assim. A terceira parte do livro é a *Rosa Mystica*, consta do *Extasis do Propheta* (1), o *Veiu do Sanctuario* (2), e o *Spasim*.

É uma serie de poemetos com a sua unidade de idea, uma especie de *Lenda dos Seculos* com uma idea mais tangivel. O outro livro que está a entrar no prelo, ainda o estou acabando, é o *Auto em desagravo*, romance fundado sobre aquella farça da Inez Pereira, com que Gil Vicente se despicou soberbamente dos seus detractores. Tenho uma infinidade de cousas na gaveta, de que a maxima parte está sem valor, por effeito da reflexão e do estudo, como por exemplo o meu *Hyssope*. Não revelava a physionomia do seculo XVIII tão original em tudo,

---

(1) SAVONAROLA OU O EXTASIS DO PROPHETA, é o titulo do poemeto inserto na *Visão dos tempos*, ed., 1864.

(2) VEIU DO SANCTUARIO não foi incorporado na ed. de 1864.

nem desenhava ao menos um character com perfeição de tantos typos grotescos que cercavam o Bispo ou o Deão.

As minhas vistas sobre o poema heroi-comico são já muito differentes. O nosso amigo Leorne está edificando o *Pantheon Camoniano* (1). Estou encarregado por elle de lhe lavrar uma pedra para a sua fabrica, quer por força que eu escreva um poemeto a Camões para entrar na sua collecção. Se não fosse a vontade de servil-o não me metia em empreza tão arriscada. Fiz uma viagem artistica do Porto a Braga no mes d'agosto (2). Fui e voltei a pé. Recolhi por lá algumas lendas bastante

---

(1) PANTHEON CAMONIANO. «Será uma collecção de poesias nacionais e estrangeiras que com relação ao nosso grande Camões se tem publicado.» — Carta inédita de Antônio Martins Leorne a Inocência em Novembro-1863.

Em Outubro do ano seguinte, noutra carta: — «Quanto ao meu livro ácerca de Camões não sei se realisarei a impressão d'ele visto que do Rio de Janeiro, apesar de lisongeiras promessas que me fizeram, não me têm dado mais cavaco. Infelizmente a minha posição é tal que não permite que me abalance a fazer a edição, sem ter a certeza de que serei bem sucedido.»

(2) VIAGEM AO PORTO E BRAGA. Em carta a Supico: — «Fiz uma excursão a Braga com meu irmão Luís, *calcante pedibus*, dez léguas. Visitei o Bom Jesus do Monte, e tendo meu irmão seguido outro rumo voltei para o Porto ainda a pé, e confesso-lhe que nada ha que mais reconcentre o espirito que essas marchas peripatéticas.» *Loc. cit.*, pág. 193.

aproveitáveis, e a primeira idea para um estudo sobre o *Genio da poesia popular portugueza* (1) de que lhe heide falar mais detidamente. Eu impo-nho-me a obrigação de lhe escrever todos os mezes uma carta, uma especie de jornal a que o meu amigo responderá quando puder. Falei com o Rodrigo Velloso; é tambem muito meu amigo. Remata o meu amigo a sua carta agradecendo-me a *Stella Matutina*; tirei só vinte exemplares para oferecer no meu circulo. Falando agora nas suas cousas; sempre leva a effeito o *Supplemento*? Quando tenciona enriquecer a nossa historia litteraria com a *Vida do J.º Agostinho de Macedo*? É preciso não deixar-se possuir de tanta descrença; por ora eu ainda tenho fé no trabalho, e hei de procurar inspirar-lhe sempre. Escreva-me só quando puder, e conte entre o numero dos seus mais dedicados amigos o seu

*Theophilo Braga.*

Courça de Lisboa.

---

(1) HISTÓRIA DA POESIA POPULAR PORTUGUESA. PÔRIO. Ty-  
pographia Luzitana. Rua do Bellomonte, n.ºs 74-186.

XX

Lisboa 15 de novembro  
de 1863

*Am.º Braga*

Pretendia escrever-lhe mais de espaço em resposta á sua de 29 de Outubro, que muito lhe agradeço; por isso demorei este negocio muito mais do que devera e desejava. Afinal, faltou-me o tempo, absorvido sempre por uma infinidade de ninharias e impertinencias que m'o distraem todo, e me trazem a cabeça em tal confusão que não posso ligar duas idéas, nem expressar o que penso. Converteu-se-me o cerebro em um verdadeiro *palheiro*, na significação mais lata da palavra. Muito me pnhorou o meu amigo com a narrativa do que chama a sua *transformação*, e da direcção que tomaram os seus novos estudos, emaranhando-se nos labirintos da *philosophia*, e das *abstracções*. Com o talento natural de que é dotado, e que ninguem ouzaria negar-lhe sem flagrante e gravissima injustiça, é de esperar que muito aproveite na nova senda em que entrou; mas haja, ainda assim, cuidado em não desmandar-se muito pelo espaço immenso das especulações theoricas, que me parece nem sempre estão de accordo com a *realidade*. Não sei o que dará de si esta multidão de systemas, que se vão succedendo e contradizendo entre si; mas parece-me

que a transição tem de ser ainda longa, primeiro que cheguemos ao conhecimento da verdade. Quanto a mim, confesso-lhe em puridade, que de cada vez estou mais sceptico, e não me atreveria a dizer com A. H. (sc. Herculano).

Creio que Deus é Deus, e os homens livres

como aquelle affirmava de si ha perto de trinta annos!

Com que, meu amigo, repito, haja cuidado, e permita aos meus cincoenta e tres annos, e á amizade sincera que lhe professo, que lhe falle com franqueza. Lembre-se de Lopes de Mendonça, de Lobato Pires(1), de Fontoura, para não fallar em outros de data menos recente — e de muitos que podéra citar, e que antevêjo encaminharem-se para um fim semelhante! O estado *anormal*, a imaginação escandecida de que alguns dão provas diarias no que escrevem, auguram, quanto posso julgar, tristissimos resultados. Desgraçados dos que aspiram á *originalidade*, mas que por fim de contas não passam de meros *imitadores*!

---

(1) JORGE GUILHERME LOBATO PIRES. Prosador e poeta. Tão culto quanto exaltado. Foi um romântico, vitimado pela sua «nevrose», pois faleceu no hospital de Rilhafoles em 1866. Cf. Pinheiro Chagas, in *Archivo Pittoresco*, VII, pág. 340; *Dic. Bibl.*, IV, pág. 172; XII, pág. 179.

O mundo, quer se considere *physica*, quer *intellectualmente* parece-me sempre o mesmo, nos tempos antigos e nos modernos. Era tão difficil conciliar *in illo tempore* Aristoteles com Platão, ou Democrito com Zenon, como o foi depois Descartes com Locke, Spinosa com Malebranche, ou em nossos dias Fichte com Schelling, ou Hegel com o P. Ventura! E por fim de contas, querem todos para si a *verdade*, e o *erro* para os outros! Quanto a mim, prefiro andar n'estas cousas pela rama, porque não tenha pressa, nem vontade de acabar os dias em *Rilhafoles*. Ao menos no *Asylo de Mendicidade* sempre terei alguns *feijões com nabos*, e tempo para encommendar-me a Deus, esperando pelo grande *póde ser da vida futura!* E no tocante á *arte*, estou ainda pelas doutrinas do nosso velho Campello:

..... E só quando tiveres conhecido  
A razão porque a planta cresce e morre,  
Então podes bradar: «Eu sou rei d'Arte,  
Que os mysterios roubei á Natureza:  
Não careço imitar; eu tenho os moldes  
Pelos quaes Deus fundiu suas feituraz!»

Perdôeme estas semsaborias, e vamos ao que serve. Estou ancioso por ver as suas novas produções, como amostras do seu progresso na eschola em que se filiou. Penhoroo pela palavra, e aguardo com impaciencia as cartas que me promette. A

projectada reimpressão do *Hyssope* tem estado e continua a estar em *actos nullos*, porque o editor, talvez melhor aconselhado, receia empatar dinheiro na publicação de um livro dispendioso, e que provavelmente terá poucos compradores.

Do *Supplemento ao Dicc.<sup>o</sup>*, que quer que lhe diga? Veja, se quizer, a *Gazeta de Portugal* de 9 de Outubro, e ahí uma carta minha, em que me parece ter expendido com bastante clareza qual seja o meu estado actual, e uma parte das razões que me forçam a dar de mão a estes e a quaesquer outros *commettimentos litterarios*. Veja tambem o artigo de fundo (1) do *Diario Mercantil*, n.<sup>o</sup> 1142, de 5 do corrente. O resto hade apparecer a seu tempo, em forma de *ajuste de contas*, e os que o virem dirão se eu tenho ou não causas sufficientes para assim proceder.

Aqui tive ha poucos dias uma carta do Leorne, em que diz me vae mandar outra *monstro*, em que entre outras cousas me dará noticias circunstanciadas sobre o *Pantheon Camoniano*, etc. Desejo-lhe felicidade na empreza; mas se a tenta com esperanças de colher resultado *pecuniario*, parece-me que eu o não quereria para mim, tal como se me affi-

---

(1) OBRA NACIONAL é o título do artigo, que saiu anónimo, mas no exemplar, existente na Biblioteca Nacional de Lisboa, proveniente da biblioteca de Brito Aranha, tem escrito por Inocência, o nome do autor: — A. L. Simões de Castro.

gura o que haverá. Ou me engano, ou este sujeito é algum tanto *visionario* nos seus projectos. Em todo o caso, o intento é louvavel, e bom será que o leve ao fim.

Soromenho e Camillo acham-se agora em Lisboa, e este, segundo diz, com tenção de ficar. Parece que rompêra de *todo e para sempre* as suas relações com a Snr.<sup>a</sup> Plácido (1). Aquelle descobriu agora um projecto, cuja realisação lhe poderá trazer ao menos alguns centos de mil reis. É a publicação do chamado *Cancioneiro do Collegio dos Nobres* (2) com exordios e annotações, e não sei que mais feito por elle. Esta publicação hade effe-

---

(1) CAMILO E ANA PLÁCIDO. Escreve aqui Inocêncio: — «Parece que [Camillo] rompera de *todo e para sempre* as suas relações com a Senhora Plácido.» Compreende-se esta frase conhecendo-se *Os Amores de Camillo*, escritos por Alberto Pimentel, que diz: «em Julho de 1863 começara o maior tormento de Camillo». Nesse mês morrera Manuel Pinheiro Alves, marido de Ana Plácido. Atormentado pelo trabalho excessivo e refinada nevrose, a vida com a sua «mulher fatal» era torturante. Camillo gravou êsse seu estado *No Bom Jesus do Monte*: «A mulher que me acorrentou a um cadafalso de supplicios ignominiosos; A mulher que me levou as virtudes da alma e o pudor do coração, quando eu já não tinha lágrimas que me ela pedisse; ...essa mulher morreu.» — *Loc. cit.*, pág. 335.

(2) CANCEIONEIRO DO COLLEGIO DOS NOBRES. Acêrca dêste Cancioneiro, consulte-se no *Dic. Bibl.*, vol. II, pág. 25, 317; VII, pág. 389.

ctuar-se por conta da Academia das Sciencias, e já está resolvida. A questão é de tempo, e começada que seja, quanto mais se demorar, mais renderá!

Diga-me se já pertence ao Instituto de Coimbra, e conte-me o que vae por essa Associação, e quem sejam agora os influentes que a dirigem.

Basta por hoje. Ponto, porque se acaba o papel. Creia-me devéras

Seu am.<sup>o</sup> e obrig.<sup>do</sup>

*Innocencio Francisco da Silva.*

## XXI

Coimbra 10 de Janeiro de 1864

*Meu querido Amigo*

Tinha-me comprometido a escrever-lhe uma carta todos os mezes e fui eu o primeiro a faltar. A sua benevolencia é a causa de tudo isto. Fui passar as ferias do natal ao Porto, e os cuidados do meu livro, uns amores (1), os convites, a correspondencia

---

(1) AMÓRES DE TEÓFILO. Sôbre êste assunto dão informações: Supico, na *ob. cit.* afirma: — o amor alentou Teófilo « de 1864 a 1868, em que se tornou a realidade da sua vida ». Foi nêste ano o seu casamento com a Sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo

da familia, tudo me absorveu o tempo de tal modo, que determinei retardar o agradecimento do seu favor de 15 de Novembro ultimo até á minha volta a Coimbra. Aqui estou nesta eterna sensaboria, aborrido, encatarroado, sem poder ler, nem escrever, nem dormir, nem cavaquear, soffrendo um terrivel «spleen» como qualquer inglez. Felizmente isto não durará muito. Estas tempestades de dentro passam como veem.

Eu não me esqueci de perguntar pela sua saude; sinto que tenha soffrido com as frieiras, eu tambem me queixo do mesmo mal. Diz-me o meu amigo que me não deixe emmaranhar na senda da abstracção; é tarde. Tenho respirado de mais nessa atmosphera; conheço que me vai faltando o espirito da realidade, não me posso acostumar ao palpavel todo real é mesquinho. A abstracção tem-me feito egoista, por que ella faz-me achar mais gosos dentro em mim, faz-me compreender as cousas sem as relações; deixa o espirito em plena liberdade. É por isso que me vou achando cada vez mais só. Pela *Stella Matutina* pode vêr a influencia da abstracção sobre a imaginação; é preciso um maior esforço da Arte para fazer sentir o não natural como

---

Xavier, *loc. cit.*, pág. 219, 226. Teófilo refere-se aos seus amores nos *Contos Phantasticos*, 3.<sup>a</sup> edição, Pôrto, 1914, cap.<sup>o</sup> *Ella amou-me*; Eduardo Frias, artigo *Teófilo Braga, amoroso*, inserto no n.<sup>o</sup> 288 do semanário *ABC*, 21-Janeiro-926.

natural. Aproveito esta direção da cabeça e estou a escrever pequenos contos phantasticos. Tenho agora entre mãos uma legenda deabolica da Architectura, que estou romanceando com o titulo de *Ogiva sombria* (1). Se o amigo a pudesse fazer publicar no *Archivo Pittoresco*, remetel-a-hia. Tenho tambem na mente um outro, o *Horoscopo de Cardan*; por este titulo já vê quanto se presta ao genero a vida d'este philosopho. São contos de uma indole nova. Em Hoffmann admiro mais a observação profunda do que a imaginação; em Edgar Poë admiro tudo; elle faz surgir o terror das couzas mais frivolas, associa-lhe a philosophia do extraordinario, tem a inspiração do alcool. Eu quero estudar o phantastico da historia, a legenda; o melhor Hoffmann do mundo é o povo. Disse-me o meu amigo que não sabe aonde irá parar este tropel de theoria de systemas de utopias? O espirito humano começa a sentir uma faculdade nova, que o salva dos perigos, que acaba de prever. É a generalisação, o poder de crear sobre a abstracção, o sentimento de uma lei geral prezidindo á harmonia da heterogeneidade dos factos. Foi a cabeça apocalyptica do napolitano Vico, o maior generalisador do mundo o que mais sentio esta faculdade,

---

(1) OGIVA SOMBRIA. Publicado nos *Contos Phantasticos*, 3.<sup>a</sup> edição, Pôrto, 1914, onde também vem inserta a tradução francesa de Óscar de Araújo.

o que mais se serviu d'ella. A prova é a *Sciencia Nova*. A generalisação não é para todos; o senso commum é um gráo d'ella, é a que pertence ao vulgo; a generalização e o caracteristico do grande homem, do que sabe combinar a individualidade com ella. A doutrina do seu poeta Campello é inteiramente falsa. O homem é tão criador como Deus; se um cria o archety[po] do bello, o outro forma sobre elle o typo; um dá o real objectivo o outro o real subjectivo. Por certo que o absoluto não existiria se se não comprehendessem as relações, é assim o bello, o real objectivo, o arche-typo nada valeria se não houvesse o ideal. Ainda sustento que o homem é creador como Deus abstrahindo da necessidade entre as relações e o absoluto. O homem pode crear um typo seu, independente do archetypo, da obra de Deus: a Architectura. O ideal da linha é puramente humano. Onde encontrar na natureza a curva na sua perfeição, a recta na infinitividade? Só se quizermos tomar a illusão visual, como realidade. Não o quero mássar, com mais abstrações. Diz-me que já não sae o *Hyssope*; eu já aniquilei o meu; tinha o grande defeito em que cahiu Diniz, a falta de *caracteres*. Para outra occasião lhe hei de expor a minha theoria sobre o poema heroi-comico, para vêr se ao menos accordamos, neste ponto da arte. A arte é uma religião como outra qualquer; com a differença porem que cada um é o sacerdote de si mesmo; o Deus é o

«jovis omnia plena», o pantheismo, o pantheismo. Olhe a Arte christã em [to]das as suas manifestações é pantheista. Perguntou-me se pertenço ao Instituto. Não pertenço por que embirro com a instituição; tenho escripto por vezes no jornal da associação, inscreveram-me na lista dos redactores, mas eu é que não estou disposto a pagar todos os mezes uns tantos reis, por essa honra de socio, que já por duas vezes me quizeram conferir (1). Em todo o cazo posso indagar e dar-lhe as informações que me pede. Vae agora aparecer no Porto um trabalho brilhante sobre a *Menina e Moça* (2) do meu amigo o sr. José Gomes Monteiro. Queria ser m<sup>t</sup> extenso. Adeus, seu do c.

*Theophilo Braga.*

Couraça de Lisbôa.

---

(1) TEÓFILO BRAGA, SÓCIO DO INSTITUTO DE COIMBRA. Foi eleito em 22 de Dezembro de 1898.

(2) MENINA E MOÇA. Entre os inéditos legados por José Gomes Monteiro existia um intitulado: *Trabalhos para uma edição da Menina e moça, de Bernardim Ribeiro.*

XXII

Coimbra 7 de dezembro de 1867.  
R. 26:1:68

*Meu carissimo amigo*

Tomo a liberdade de lhe remetter esses apontamentos biobibliographicos sobre o dr. Miguel Archanjo (1), que já tinham sido pedidos pelo sr. Rodrigues de Gusmão; era-me mais facil recolhel-os, por isso os envio na sua inteira e absoluta fidelidade. Este escriptor é um excellente homem, e um trabalhador incansavel; merece por todos os titulos um lugar nesse vasto pantheon que o meu amigo tem levantado aos cultores das letras patrias. Agradeço immenso a carta apologetica (2) com que me

---

(1) DR. MIGUEL ARCHANJO MARQUES LÔBO, «um indio formado em tres faculdades: matemática, filosofia e medicina, tipo de uma bondade bramânica que me dava gratuitamente lições de matemática elementar». Carta de Teófilo a Supico.

Brito Aranha aproveitou os apontamentos enviados por Teófilo, para a bio-bibliografia de Marques Lobo publicada a pág. 40 do vol. XVI do *Dic. Bibl.*

(2) CARTA APOLOGETICA do auctor do Dictionario Bibliographico Portuguez, *escripta a um amigo, que do Brazil o excitava á prompta conclusão do seu trabalho, a qual servirá especialmente de resposta a outras recebidas no mesmo sentido, prevenindo as increpações que possam ser-lhe dirigidas de futuro.* Lisboa. Typ. do Panorama. 1866.

brindou, e espero offerecer-lhe um exemplar de uma edição que estou fazendo do romance de *Gaia* (1) de João Vaz.

Sempre amigo

*Theophilo Braga.*

### XXIII

Lisboa, 26 de janeiro de 1868.

*Prezadissimo Am.º e Snr.*

Apêrtos do tempo, tomado todo com uma infinidade de encargos, tarefas e occupações de toda a especie — avantajando-se a todas a necessidade de expedir do prelo o tomo 8.º do malfadado *Dicc.º bibliographico*, cuja publicação tentei ainda por um derradeiro esforço, e que ahi se acha já impresso e prompto a correr mundo: tudo isto me impossibilitou de agradecer mais cedo o favor da sua carta de 7 de Dezembro. Faço-o agora, agradecendo juntamente o exemplar n'ella annunciado do romance de João Vaz.

---

(1) *GAIA*, romance por João Vaz. Publicado segundo a edição de 1630, e acompanhado de um Estudo sobre a transformação do romance popular no romance com forma erudita nos fins do século XVI. Coimbra, Imprensa Litteraria, 1868.

Li pela primeira vez essa *preciosidade*; pois comquanto ella fosse já ha annos publicada no *Instituto*, não costumo vêr esse jornal, pois que a escassez dos cobres me não tem permittido ser assignante d'elle, e os susoditos apêrtos de tempo privam-me de ir lel-o na Bibliotheca Publica, onde (felizmente!) já existe a collecção inteira, que muitos annos faltou.

Dou ao meu am.<sup>o</sup> os parabens pelos seus ultimos trabalhos litterarios, e como sincero admirador do seu talento, desejo que elles correspondam em tudo ao que devêmos esperar de uma intelligencia tão cultivada. Bem creio que o meu amigo não é dos que mais se desassocegam com os reparos dos criticos; entretanto parece-me que convém prevenil-os, e evital-os quando possam ser plausiveis e fundados. Tem diante de si um longo e animador futuro, e deve aproveitá-lo.

Eu aqui estou velho e doente, pobre e misanthropo, desenganado de tudo e de todos. Falto de animo, e de forças irei vegetando emquanto a sorte ou a providencia o quizerem, mas sempre á sua disposição para mostrar, ao menos na vontade, que sou com affeição e verdadeira estima

Seu am.<sup>o</sup> e cr.<sup>o</sup> obrig.<sup>do</sup>

*Innocencio Francisco da Silva.*

## ÍNDICE

	Pág.
Notícia preliminar pelo Dr. A. do Prado Coelho . . .	v
Nota bibliográfica por Álvaro Néves . . . . .	xvii

**Das CARTAS:**

I. De Teófilo Braga (16 Out. 1860). . . . .	1
II. De Inocência Francisco da Silva (28 Out. 60). . . . .	3
III. De Teófilo (3 Nov. 60) . . . . .	6
IV. De Inocência (25 Nov. 60) . . . . .	14
V. De Teófilo (30 Nov. 60) . . . . .	19
VI. De Inocência (13 Dez. 60) . . . . .	30
VII. De Teófilo (6 Jan. 61) . . . . .	33
VIII. De Teófilo (6 Fev. 61) . . . . .	45
IX. De Inocência (18 Fev. 61) . . . . .	52
X. De Teófilo (14 Abril 61) . . . . .	60
XI. De Teófilo (12 Maio 61) . . . . .	67
XII. De Inocência (9 Junho 61) . . . . .	69
XIII. De Teófilo (4 Set. 61) . . . . .	72
XIV. De Inocência (8 Set. 61) . . . . .	82
XV. De Teófilo (18 Set. 61) . . . . .	86
XVI. De Inocência (22 Set. 61) . . . . .	94
XVII. De Teófilo (29 Set. 61) . . . . .	99
XVIII. De Inocência (26 Out. 63) . . . . .	111
XIX. De Teófilo (29 Out. 63) . . . . .	114
XX. De Inocência (15 Nov. 63) . . . . .	122

	Pag.
XXI. De Teófilo (10 Jan. 64) . . . . .	127
XXII. De Teófilo (7 Dez. 67) . . . . .	131
XXIII. De Inocência (26 Jan. 68) . . . . .	133

De ESCRITOS DE INOCÊNCIA citados:

<i>Antonio Diniç da Cruz e Silva</i> . . . . .	1
<i>Carta apologetica</i> . . . . .	132 (n.)
<i>Cartas Bibliographicas acêrca da origem e introdução das Gazetas em Portugal</i> . . . . .	113 (n.)
<i>Dicionário Bibliográfico</i> . . . . .	70 (n.)

De ESCRITOS DE TEÓFILO BRAGA citados:

<i>Os Arcades</i> . . . . .	32 (n.), 37 (n.), 59 (n.)
<i>Arrefens por Ceuta</i> , tragédia . . . . .	10 (n.)
<i>Ceias de Nero</i> . . . . .	48
<i>Os Doçe de Inglaterra</i> . . . . .	44 (n.)
<i>Ermita de Agoas Santas</i> . . . . .	45, 55
<i>Folhas Verdes</i> . . . . .	4, 7, 68
<i>Graves nadas</i> . . . . .	4
<i>História da poesia popular portuguesa</i> . . . . .	121 (n.)
<i>Lembranças de melhor tempo</i> . . . . .	37
<i>Maria Telles</i> , tragédia . . . . .	46 e nota
<i>Mesmo Hyssope</i> , argumento . . . . .	40
<i>Mesmo Hyssope</i> , excêrtos. . . . .	21, 61, 77, 88, 103
<i>Mesmo Hyssope</i> . . . . .	2, 4, 20, 102, 130
<i>Modernas ideas da litteratura portuguesa</i> . . . . .	19 (n.)
<i>Novissima Castro</i> . . . . .	10 (n.)
<i>Ogiva sombria</i> . . . . .	129 (n.)
<i>Poeta por desgraça</i> . . . . .	19 (n.), 20 (n.), 32, 101
<i>Quita</i> , drama . . . . .	36 (n.), 47
<i>Resignação</i> . . . . .	20 (n.)
<i>Reu sem crime</i> . . . . .	79, 79 (n.), 101
<i>Sêde de Justiça</i> . . . . .	20 (n.)

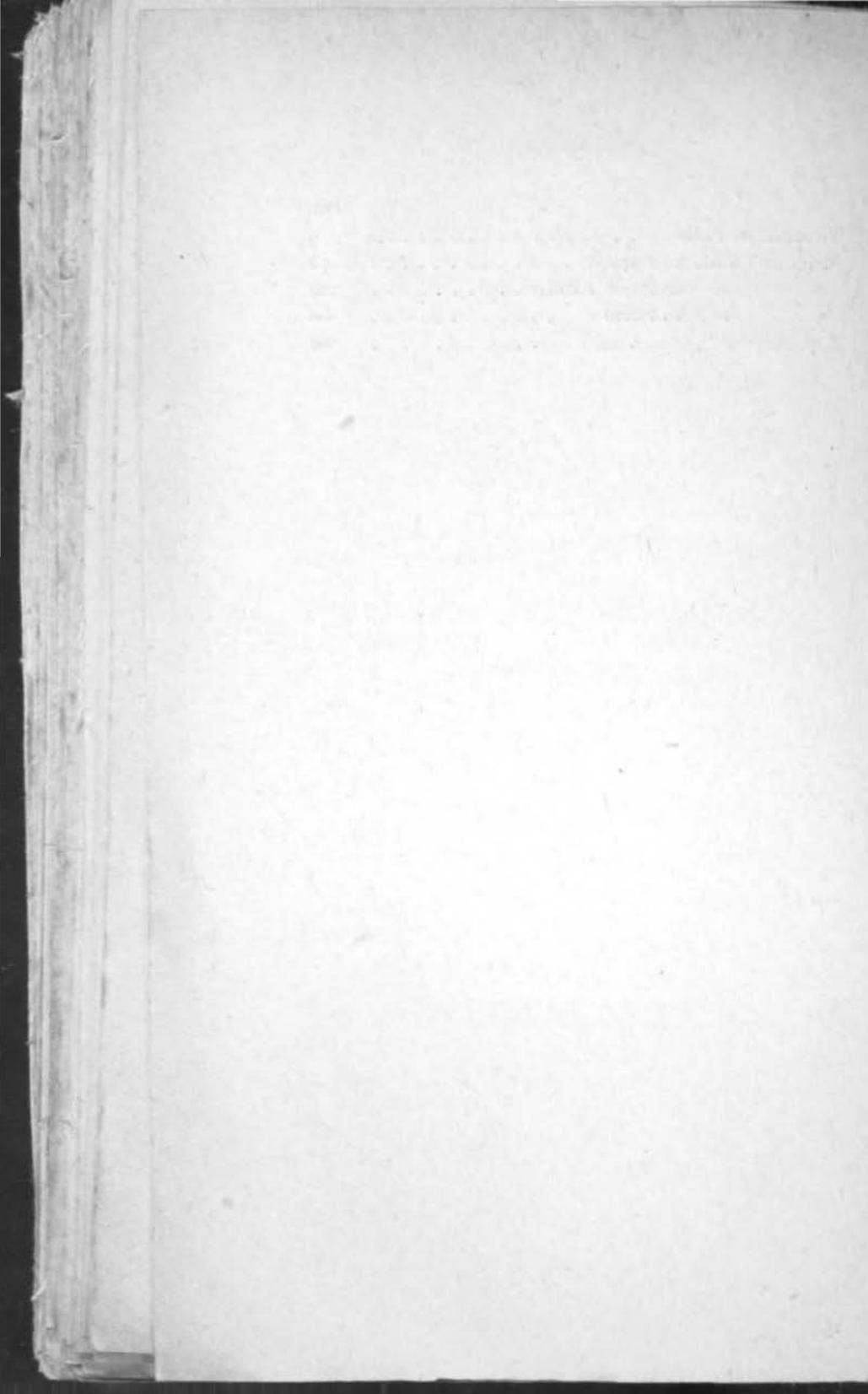
	Pág.
<i>Septimo Sacramento</i> . . . . .	101
<i>Sepulveda</i> , tragédia . . . . .	10 (n.)
<i>Stella matutina</i> . . . . .	111 (n.)
<i>Tempestades sonoras</i> . . . . .	49 (n.), 116
<i>Torrentes. Ultimos versos</i> . . . . .	20 (n.)
<i>Um auto por desagravo</i> , romance . . . . .	37
<i>Viagem em redor do meu tinteiro</i> . . . . .	46 (n.)
<i>Visão dos tempos</i> . . . . .	116, 118
X, poema . . . . .	80 e 80 (n.), 101

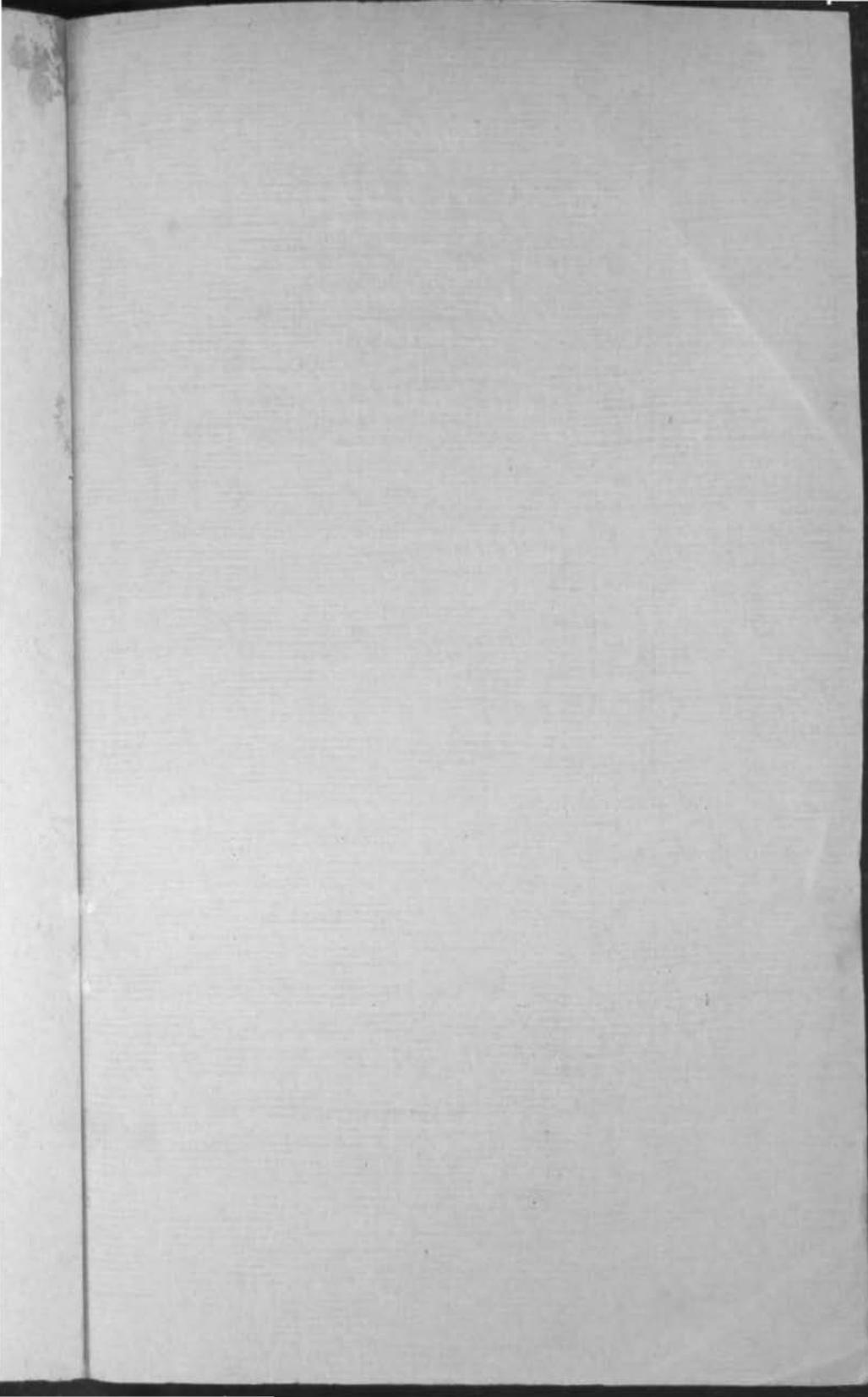
DAS NOTAS ÁS CARTAS:

Agostinho Rebello da Costa . . . . .	38
Amores de Teófilo . . . . .	127
António Diniz da Cruz e Silva . . . . .	1
António Francisco da Silva Porto . . . . .	38
António Lôbo de Carvalho . . . . .	68
António Martins Leorne . . . . .	116
António Pedro Lopes de Mendonça . . . . .	53
Augusto Pereira V. y A. G. e Soromenho . . . . .	118
Camilo Castelo Branco e Teófilo . . . . .	117
Camilo Castelo Branco e Ana Plácido . . . . .	126
<i>Cancioneiro do Collegio dos Nobres</i> . . . . .	"
<i>Carta apologética de Inocência</i> . . . . .	132
<i>Ceias de Nero</i> . . . . .	48
Claudio Manoel da Costa . . . . .	39
Convento das Bernardas . . . . .	30
Corrêa Garção . . . . .	19, 32, 55
<i>Dicionário Bibliográfico Português</i> . . . . .	70
Encontro de Teófilo com Inocência . . . . .	60
Dr. Filipe de Quental . . . . .	87
<i>Folhas Verdes</i> . . . . .	4 e 7
Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão . . . . .	53
Francisco da Fonseca Correa Torres . . . . .	68

	Pág.
<i>Gaia</i> . . . . .	132
<i>História da poesia popular portuguesa</i> . . . . .	121
Jean-François Regnard . . . . .	11
Joaquim da Costa Gascaes . . . . .	97
Joaquim Lopes Carreira de Melo . . . . .	14
Jorge Guilherme Lobato Pires . . . . .	123
José Augusto Cabral de Melo e Silva . . . . .	18
José de Torres . . . . .	3
José Gomes Monteiro . . . . .	116
D. Leonor de Almeida, Alcipe. . . . .	59
<i>Lutrin</i> . . . . .	2
Manuel Caetano Pimenta de Aguiar . . . . .	55
<i>Maria Telles</i> . . . . .	46
<i>Menina e Moça</i> . . . . .	131
Miguel Archanjo Marques Lôbo . . . . .	132
Nicolau Moré . . . . .	115
Nuno Alvares Pereira Pato Moniz . . . . .	39
<i>Obra nacional</i> (artigo). . . . .	125
<i>Ogiva sombria</i> . . . . .	129
Ovidio (verso errado) . . . . .	79
<i>Pantheon Camoneano</i> . . . . .	120
Poetas heroi-comicos . . . . .	1
<i>Quita</i> . . . . .	36
Relações de Camilo com Teófilo . . . . .	117
<i>Reu sem crime</i> . . . . .	79
Rodrigo Augusto Cerqueira Veloso . . . . .	113
<i>O Santelmo</i> . . . . .	3
<i>Savonarola ou o Extasis do Propheta</i> . . . . .	119
<i>Stella Matutina</i> . . . . .	111
Teófilo, sócio do Instituto de Coimbra . . . . .	131
<i>Veú do Sanctuario</i> . . . . .	119
<i>Viagem ao redor do meu tinteiro</i> . . . . .	46
<i>Visão dos tempos</i> . . . . .	118

	Pág.
Visconde da Praia . . . . .	9
Visita de Teófilo ao Buçaco . . . . .	73
»       »    ao Pôrto e Braga . . . . .	120
»       »    ao Pôrto . . . . .	60
X, poema . . . . .	80





EDIÇÕES  
DA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE  
(EXTRACTO DO CATÁLOGO)

BIBLIOTECA DE ESCRITORES  
PORTUGUESES

SÉRIE A)

Publicados :

- BERNARDIM RIBEIRO e CRISTOVÃO FALCÃO. — *Obras*. Conforme a ed. de Ferrara. Edição preparada e revista por Anselmo Braamcamp Freire e prefaciada por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, 2 vols. (Esgotado).
- CANTIGAS D'AMIGO DOS TROVADORES GALEGOS-PORTUGUESES. Edição crítica acompanhada de introdução, comentário, variantes e glossário pelo Dr. José Joaquim Nunes. vol. II (texto).

No prelo :

- SILVIA DE LISARDO.
- CANTIGAS D'AMIGO DOS TROVADORES GALEGOS-PORTUGUESES. Ed. dirigida pelo Dr. José Joaquim Nunes. vols. I e III.

SÉRIE B)

- FR. PANTALEÃO DE AVEIRO. — Itinerário da Terra Santa. Rev. pelo Dr. António Balão.

No prelo :

- BALTAZAR ESTACO. — Sonetos, Canções e Eglogas, e outras rimas. Rev. pelo Dr. António Balão.

Em preparação :

- GABRIEL PEREIRA DE CASTRO. — Ulysses ou Lisboa edificada.

SÉRIE C)

Publicados :

- P. ANTÓNIO VIEIRA. — *Cartas*. Ed. revista e anotada pelo Sr. Lúcio de Azevedo.
- |  |        |
|--|--------|
| Vol. I e II, em papel de linho, cada . . . . .   | 50\$00 |
| Vol. I e II, em papel de algodão, cada . . . . . | 30\$00 |
| Vol. III. No prelo.                              |        |
- DISPENSAS, de Camilo Castelo Branco. Compilação e notas do Dr. Julio Dias da Costa.
- |   |        |
|---|--------|
| Vol. I, II e III, em papel de linho, cada . . . . .   | 50\$00 |
| Vol. I, II e III, em papel de algodão, cada . . . . . | 25\$00 |
| Vol. IV. No prelo.                                    |        |

No prelo :

- FR. HEITOR PINTO. — Imagem da vida christã. Rev. e pref. pelo Dr. Joaquim de Carvalho.
- JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS. — Memorial das proezas da segunda Tavola redonda. Conforme a 1.ª ed. Rev. pelo Dr. Alberto Feio.
- ELOY DE SÁ SOTO MAIOR — Ribeiras do Mondego. Rev. pelo Sr. Martinho da Fonseca.
- RODRIGUES LOBO — Eglogas. Rev. e anotada pelo Dr. José Tavares.